

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/MESTRADO-PPGL**

**GABRIELA GOMES REIS**

**OS EFEITOS DA COLONIZAÇÃO NO ROMANCE *PRECISAMOS DE NOVOS  
NOMES* (2014), DE NOVIOLET BULAWAYO**

**MANAUS  
2024**

**GABRIELA GOMES REIS**

**OS EFEITOS DA COLONIZAÇÃO NO ROMANCE *PRECISAMOS DE NOVOS NOMES* (2014), DE NOVIOLET BULAWAYO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Elis Regina Fernandes Alves

**MANAUS  
2024**

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Reis, Gabriela Gomes

R375e Os efeitos da colonização no romance "Precisamos de novos nomes"  
(2014), de NoViolet Bulawayo. / Gabriela Gomes Reis .2024  
104 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Elis Regina Fernandes Alves  
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Literatura Pós-Colonial. 2. Outremização. 3. Diáspora. 4.  
Identidade. 5. Precisamos de novos nomes. I. Alves, Elis Regina  
Fernandes. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

**GABRIELA GOMES REIS**

**OS EFEITOS DA COLONIZAÇÃO NO ROMANCE *PRECISAMOS DE NOVOS  
NOMES* (2014), DE NOVIOLET BULAWAYO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras na área de Estudos Literários.

Aprovada em 03 de setembro de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Elis Regina Fernandes Alves (UFAM)

---

Profa. Dra. Adriana Cristina Aguiar Rodrigues (PPGL-UFAM)

---

Profa. Dra. Adriana da Silva Araújo (UFAM)

Aos meus pais, Nazaré e Raimundo, que me ensinaram a ser persistente, e que, sob muito sol, me conduziram até aqui, à sombra.

E ao meu eterno e amado, Simba.

## AGRADECIMENTOS

Acredito que ao nos dedicarmos a um projeto de pesquisa, ao longo do tempo, as pessoas ao nosso redor nos apoiam e compartilham o fardo, tornando-o mais leve. Nesse sentido, gostaria de expressar minha gratidão:

Primeiramente, agradeço a Deus por ter sido meu refúgio, minha fortaleza, e por estar presente em todos os momentos.

Aos meus pais, Sr. Raimundinho e Sra. Nazaré, agradeço por terem me apoiado em todas as minhas decisões. Quando decidi embarcar no mestrado, eles me acompanharam nessa jornada e isso me proporcionou segurança e paz.

Agradeço aos meus irmãos, Sheina e Rodrigo, que sempre foram e serão minhas maiores fontes de inspiração. Sheina, obrigada por ser meu conforto, por cuidar de mim e por sempre me lembrar que tudo tem seu tempo e que é importante descansar. Rodrigo, obrigada pelo seu carinho, por me ouvir, por me fazer rir e por ser um irmão atencioso e afetuoso.

Às minhas amigas Danielle e Yasmim, vocês são extraordinárias. Amo compartilhar tantos momentos da vida com vocês. De forma única, vocês cuidam de mim e elevam minha autoestima. Agradeço por serem as melhores amigas que alguém poderia ter. Obrigada por compartilharem alegrias e tristezas comigo. Obrigada por transformarem suas casas em meu segundo lar. Imagino que seria um grande vazio sem nossos momentos de café da tarde, pois é algo insubstituível.

Agradeço à Aline por sua amizade, por ser tão diferente de mim e por contribuir tanto para minha vida. Obrigada por compartilhar alegrias, medos, dúvidas e sonhos comigo. Agradeço pelas inúmeras horas de conversa em um banquinho qualquer na orla da cidade.

À minha orientadora, Elis Regina Fernandes Alves, agradeço por não desistir de mim, pelos inúmeros puxões de orelha. Todos eles só aumentaram minha admiração por você, como mulher, profissional e pesquisadora. Obrigada por compartilhar seus conhecimentos de forma excepcional.

Agradeço o apoio recebido pelas professoras de minhas bancas de qualificação e defesa, Adriana Aguiar e Adriana Araújo, pela valiosa contribuição nesta pesquisa.

Aos meus irmãos em Cristo da Igreja Presbiteriana de Humaitá, agradeço pelas orações e pelas palavras de sabedoria.

Por fim, e não menos importante, agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas e à Universidade Federal do Amazonas, em especial ao Programa de Pós-Graduação em Letras, que me proporcionou essa jornada de pesquisa e conhecimento que se tornou tão importante em minha vida.

*Sou aquilo que ninguém vê.  
Uma coleção de histórias e estórias, memórias, dores e  
delícias, pecados e bondades, tragédias e sucessos,  
anseios, sentimentos e pensamentos.  
Definir-me é limitar-me.  
Sou um eterno parêntese em aberto enquanto a  
eternidade durar. E, com isso, a escrita prova a minha  
existência e dos meus poucos pensamentos que consigo  
organizar.*  
(Trecho adaptado de Machado de Assis)

## RESUMO

Nesta pesquisa, apresentam-se os efeitos da colonização em um país vítima das relações de poder em múltiplos contextos, com arcabouço teórico a abordagem do pós-colonialismo. Realiza-se uma análise da obra *Precisamos de novos nomes*, de autoria de NoViolet Bulawayo, publicada em 2014. O romance se ambienta em um contexto pós-colonial, no país africano Zimbábue. O foco é a outremização sofrida pela protagonista Darling, de 10 anos, nascida no Zimbábue. Fundamenta-se a pesquisa em um levantamento bibliográfico acerca da teoria pós-colonial e suas implicações. Além disso, discute-se a questão da diáspora e da identidade, já que o romance mostra a protagonista se mudando para os Estados Unidos. Reflete-se sobre a história e a sociedade a partir das perspectivas das vozes que foram silenciadas nos contextos pós-coloniais. Autores de referência, a exemplo de Ashcroft (1995, 2000), Bhabha (2013), Bonnici (2005, 2012), Fanon (2020) e Hall (2022, 2023), são considerados para embasar a análise, a fim de discutir questões como identidade, cultura de origem, resistência e diáspora no contexto pós-colonial. A pesquisa revela, através da narrativa de Darling, como um sujeito colonial é afetado por situações adversas vivenciadas em seu país de origem e, ao realizar o movimento diaspórico, enfrenta a dificuldade de conciliar sua identidade cultural em um novo espaço que não a recebe como um seu. Como sujeito diaspórico, Darling sente sua identidade deslocada e não consegue se ambientar, ou ser aceita no novo meio. Mostra-se que a narrativa de Noviolet Bulawayo amplia o entendimento acerca das narrativas que desafiam as estruturas de poder estabelecidas, conferindo voz aos sujeitos marginalizados e proporcionando uma reflexão crítica acerca do legado do colonialismo e suas implicações em um país colonizado como o Zimbábue.

**Palavras-chave:** Literatura pós-colonial; outremização; diáspora; identidade; *Precisamos de novos nomes*.

## ABSTRACT

This research explores the effects of colonization in a country subjected to power relations in multiple contexts, using a post-colonial theoretical framework. An analysis of the work *We Need New Names*, by NoViolet Bulawayo, published in 2014, is done which. The novel is set in a post-colonial context, in the African country Zimbabwe. Its focus is on the othering, that was experienced by the ten-year-old protagonist, Darling, born in Zimbabwe. The research is based on a bibliographic survey about the post-colonial theory and its implications. Besides, the issues of diaspora and identity are discussed, as the novel portrays the protagonist's move to the United States. The research also reflects on history and society from the perspectives of voices that were silenced in post-colonial contexts. Key authors such as Ashcroft (1995, 2000), Bhabha (2013), Bonnici (2005, 2012), Fanon (2020), and Hall (2022, 2023) are considered to support the analysis, discussing aspects like identity, cultural origin, resistance, and diaspora in the post-colonial context. Through Darling's narrative, the research reveals how colonial subjects are affected by adverse situations in their country of origin and, after a diasporic movement, face the challenge of reconciling their cultural identity in a new space that does not accept them as one of their own. As a diasporic subject, Darling feels her identity displaced and she is unable to adapt to or to be accepted in the new environment. Bulawayo's narrative broadens the understanding of fictions that challenge the established power structures, giving voice to marginalized subjects and providing a critical reflection on the legacy of colonialism and its implications in a colonized country like Zimbabwe.

**Keywords:** Postcolonial Literature; Othering; diaspora; identity; *We Need New Names*.

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	10
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>15</b>
1.1 COLONIZAÇÃO DO ZIMBÁBUE .....	15
<b>1.1.1 O Colonialismo</b> .....	<b>15</b>
<b>1.1.2 Zimbábue: levantamento histórico</b> .....	<b>18</b>
<b>1.1.3 O impacto da colonização nos aspectos econômicos</b> .....	<b>22</b>
<b>1.1.4 O impacto da colonização nos aspectos culturais</b> .....	<b>27</b>
1.2 O DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA PÓS-COLONIAL .....	31
1.3 BULAWAYO: NASCE UMA NAÇÃO, NASCE UMA ESCRITORA .....	40
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>46</b>
2.1 OUTREMIZAÇÃO E VIOLÊNCIA EM UM PAÍS PÓS-COLONIAL .....	46
2.2 A RESISTÊNCIA EM MEIO ÀS RUÍNAS .....	62
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>72</b>
3.1 FORJANDO IDENTIDADES EM DIÁSPORAS .....	72
3.2 A CONSEQUÊNCIA DO MOVIMENTO DIASPÓRICO: O NÃO PERTENCIMENTO .....	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>101</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa nasceu de uma conversa informal com minha professora orientadora. Inicialmente, faríamos a pesquisa de TCC- Trabalho de conclusão de curso, sobre o romance *Foe*, de J. M. Coetzee, em diálogo com *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe. E foi nesse momento que conheci a teoria pós-colonial. Veio a pandemia de COVID-19, o TCC se atrasou e nesse meio tempo, consegui publicar um artigo que pude aproveitar como TCC. Mas, a teoria ainda me interessava e minha professora, ainda não orientadora, me sugeriu que eu lesse *Precisamos de Novos Nomes*, um livro pouco conhecido e sem muitos estudos publicados, mas que seria um excelente objeto de análise sob o viés da teoria pós-colonial. Ao ler a obra pela primeira vez, fiquei profundamente emocionada. A personagem Darling me cativou imediatamente, talvez pelo uso do humor para narrar a dura realidade que vivia, ou pela inocência com que uma criança descrevia a miséria ao seu redor. A obra me levou a refletir sobre como a ficção escrita por sujeitos pós-coloniais revisita legados, histórias e discute os efeitos da colonização. Essa reflexão me fez considerar a recomendação da professora com seriedade. Naquele momento, minha proposta de pesquisa foi para outra universidade, mas depois o tempo e talvez o destino me trouxeram para o mestrado na UFAM, onde utilizei a mesma proposta e fui aprovada. Com isso, em nossa primeira conversa após a leitura do livro, ela disse que não via outra pessoa que pudesse apresentar a narrativa de Darling com sensibilidade, mas trazendo a reflexão acerca de como a literatura tem sido um instrumento de resistência e subversão para aqueles que foram silenciados por tanto tempo. E aqui estou, introduzindo uma das poucas pesquisas sobre o romance, no qual NoViolet Bulawayo nos agraciou com Darling, cuja voz denuncia os efeitos da colonização e destaca a relevância de sua história.

O trabalho explora a teoria pós-colonial, iniciando-se com uma análise do colonialismo, que compreende a opressão cultural, econômica e militar de um país sobre outro. Com a descolonização cultural, os países colonizados buscaram recuperar sua identidade e passaram a resistir à imposição cultural eurocêntrica. Assim, a evolução da literatura pós-colonial é discutida, sendo ressaltado o período entre os anos de 1960 a 1970, quando inúmeras nações colonizadas alcançaram a independência política. Neste contexto, a literatura pós-colonial emerge como expressão independente e rompe com os estereótipos e discursos do imperialismo, já que antes disso, a literatura nas colônias frequentemente reproduzia os padrões europeus. Neste plano, situa-se a presente pesquisa, a qual visa a análise dos efeitos da outremização e do

movimento diaspórico revelados nos personagens do romance *Precisamos de Novos Nomes* (2014), de Noviolet Bulawayo.

No primeiro momento, a pesquisa mostra um panorama sobre o país africano Zimbábue, trazendo um contexto histórico antes do período colonial, com base nas pesquisas de Gonçalves (2010) e Funag (2010), que oferecem um arcabouço sobre os primeiros movimentos dos europeus na região. Além disso, Mudimbe (2013) comenta sobre a criação da África mitificada. Outros teóricos de grande importância são Kaniki (2021), especialista em História Econômica da África Ocidental, que conduziu um estudo sobre a economia colonial, focando nas antigas áreas sob domínio britânico, e Opoku (2021), especialista em cultura e religiões africanas, que contribuiu para a apresentação acerca da colonização do Zimbábue.

Nesta análise, apresentam-se os diferentes tipos de colônias e as vertentes da literatura pós-colonial. Destaca-se a importância da linguagem na resistência pós-colonial e estende-se à língua como herança colonial, sendo que o autor Ngugi Wa Thiong'o, por exemplo, argumenta a favor da recuperação das línguas e culturas pré-coloniais. Também é abordado o conceito de “outremização” no contexto das colonizações, as estratégias de dominação dos colonizadores sobre os colonizados e as estratégias de dominação, como a violência e o impacto profundo do colonialismo. Discute-se como os grupos dominantes impõem seu conhecimento e valores aos grupos dominados, estabelecendo-se uma ligação entre poder e saber.

Em relação à subversão e resistência dos valores europeus no contexto pós-colonial, destaca-se a construção do “outro” pela Outremização no discurso colonial. A autora Gayatri Spivak ressalta a importância da criação de espaços para vozes marginalizadas e aborda a questão da diáspora como um trauma coletivo. E a questão da língua do colonizador é discutida, com perspectivas divergentes de Ngugi Wa Thiong'o e Chinua Achebe, onde o primeiro defende o abandono e o segundo a apropriação da língua do sujeito colonizador.

Para o desenvolvimento da dissertação são empregadas técnicas de pesquisa bibliográfica, que tem como base e sistematização do referencial teórico a partir de alguns autores de referência sobre o tema. Para tratar de colonialismo e os tipos de violência, este trabalho utiliza as obras *Os olhos do Império*, de Pratt (1999), e *Colonialism/Postcolonialism*, de Loomba (2005), que analisam as relações entre colonizadores e colonizados. A autora do primeiro livro argumenta que a visão do mundo dos europeus sobre o resto do mundo foi construída a partir de relatos de viagem, usados para justificar a conquista e colonização de outros povos. O livro contribui para a compreensão da construção da identidade dos colonizadores e colonizados, bem como das relações de poder entre eles. A autora do segundo

livro argumenta que o colonialismo é um sistema de poder que se baseia na exploração e dominação de um grupo de pessoas por outro. O livro também discute as formas como o colonialismo impacta a cultura, a economia e a política dos países colonizados. Já o livro *Key Concepts in Post-Colonial Studies*, de Ashcroft et al., (2000), contribui para fornecer um guia abrangente para os conceitos básicos da teoria pós-colonial, além de explorar temas específicos, como raça, gênero, colonialismo e identidade.

Para tratar da diáspora e da identidade, usa-se a pesquisa de Avtar Brah (1996), que introduz o conceito de “genealogia” para analisar as trajetórias diaspóricas. A autora contribui para o entendimento sobre a diáspora pelo fato de fornecer uma análise crítica das relações de poder que existem nas sociedades pós-coloniais. Já Stuart Hall, através de suas obras, especificamente, *Da Diáspora* (2023) e *A identidade cultural na pós-modernidade* (2022) contribui para a compreensão da diáspora como uma experiência compartilhada, transcendendo fronteiras geográficas e criando identidades coletivas por meio destas experiências desafiando, ainda, as concepções tradicionais de identidade. Também são destacados os cinco pontos de descentramento de identidade, incluindo as ideias de Marx, Freud, Saussure e Foucault, mostrando como esses pensadores influenciaram a compreensão da identidade e do sujeito moderno.

E como aporte teórico para tratar acerca do impacto psicológico da colonização e do racismo na identidade do homem negro, usou-se a obra *Pele negra, máscaras brancas*, de Frantz Fanon (2020), que argumenta que o racismo colonial cria uma situação de “negação da negritude”, na qual os negros são submetidos a uma série de violências simbólicas e físicas que negam sua humanidade e sua capacidade de serem aceitos pela sociedade.

Pretende-se, portanto, com a presente pesquisa poder contribuir para o debate do pós-colonialismo, desde as suas raízes históricas até as estratégias literárias e linguísticas utilizadas na resistência e na construção da identidade pós-colonial. Importa debater o impacto profundo do colonialismo e as suas consequências devastadoras contra as populações locais através da violência simbólica, que foi fundamental na construção das diferenças entre colonizador e colonizado, bem como oferecer uma análise profunda das complexidades envolvidas na construção do sujeito colonial, explorando-se temas como ideologia, linguagem, estereótipos, religião e as consequências psicológicas dessa dinâmica. Além disso, apresenta-se a importância da teoria pós-colonial como uma ferramenta para compreender e enfrentar as persistências da Outremização na sociedade contemporânea. Da mesma forma, esta pesquisa importa na medida em que aborda temas complexos relacionados à identidade, diáspora e às

experiências do sujeito negro nesse contexto. Tudo isso será analisado em face do romance aqui proposto como objeto de análise, entendendo como a literatura se torna um meio de reflexão, crítica, ironia e até mesmo denúncia das situações ocasionadas pelo colonialismo.

As empreitadas coloniais tentaram apagar as vozes de sujeitos coloniais, tirando-lhes perspectivas. Nesse sentido, a literatura pode funcionar como meio de dar voz aos sujeitos coloniais para falarem aquilo que não puderam. Partindo dessa compreensão, a obra *Precisamos de novos nomes*, de NoViolet Bulawayo, seria um meio para dar voz aos sujeitos que foram apagados, invisibilizados por discursos derogatórios, discursos discriminatórios, discursos que construíram uma outra visão do sujeito pós-colonial. As ficções produzidas sobre as colonizações podem ser meios de revisitar passados que foram quase apagados, silenciados por histórias que priorizaram as vozes dos detentores do poder, ou seja, as vozes dos sujeitos que podiam falar, não sendo o caso dos sujeitos coloniais. Dessa forma, seria possível a ficção funcionar como meio de revisitar os legados, a história e depois discutir os efeitos das colonizações?

Ao olharmos o romance *Precisamos de novos nomes*, de NoViolet Bulawayo, à luz da teoria pós-colonial, notamos que há uma denúncia do estrago colonial revelado através de alguns aspectos que compõem a subversão cultural, como o nome de alguns personagens que são em inglês, a invasão religiosa, travestida pelos nomes de igrejas ou missões, que permeia Paraíso, o aglomerado de barracos de zinco onde vivia Darling, a protagonista do enredo. Outra perspectiva que podemos abordar sobre o romance, é o fato de a personagem ser pobre e negra, sendo alguém que preenche todos os requisitos que lhe conferem a condição de subalternidade, já que, de acordo com Spivak (1995), a pobreza, o gênero e a cor fazem com que a mulher negra permaneça neste lugar imposto ideologicamente.

Com isso, a proposta desta pesquisa vem ao encontro da necessidade de realizar uma explanação dos legados negativos ocasionados pelas colonizações, em específico do Zimbábue, de forma a ampliar a pesquisa de teóricos que discutem os conceitos base da teoria pós-colonial e que argumentam como funcionam as estratégias de subversão à ordem dos colonizadores em uma obra de uma escritora do Zimbábue, ainda pouco difundida no Brasil. Desta maneira, esta pesquisa tem como objetivo central analisar os efeitos da outremização e a formação de identidade a partir do movimento diaspórico dos sujeitos que são afetados em um mundo pós-colonial na obra *Precisamos de novos nomes* (2014), de NoViolet Bulawayo, com foco na protagonista Darling. A este objetivo central, desdobram-se objetivos específicos, para que a análise englobe outros aspectos da situação dos personagens do romance, como a discussão

sobre os legados decorrentes da missão civilizadora em Harare, nos Zimbábue, além de discutir sobre a subversão cultural a partir dos nomes dos personagens, compreendendo, ainda, como as influências coloniais na vida dos personagens ocasionam diásporas forçadas e como são obrigados a aceitarem condições de vida degradantes nos Estados Unidos, o que se revela na reconfiguração forçada da identidade dos imigrantes do Zimbábue nos Estados Unidos. Desta maneira, o trabalho, em seus três capítulos, proporcionará uma maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito e oferecerá uma visão abrangente e interdisciplinar, para explorar a complexidade dessa temática fundamental para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais contemporâneas.

## CAPÍTULO 1

### 1.1 COLONIZAÇÃO DO ZIMBÁBUE

#### 1.1.1 O Colonialismo

O termo colonialismo é importante para definir a forma específica de exploração econômica e cultural que se desenvolveu com a expansão da Europa nos últimos 400 anos. Ele consiste na opressão militar, econômica e cultural de um país sobre o outro, como, por exemplo, a invasão europeia na África, Ásia, e América a partir do século XVI. Conforme Loomba (2005) o colonialismo não se limitava à extração de bens e riquezas dos países que foram conquistados, ele reestruturou as economias, colocando-as em uma relação complexa com os seus próprios recursos naturais, de forma que houve um fluxo de recursos humanos e naturais entre colonizados e colonizadores. Tal fluxo funcionou para ambas as direções – escravizados e mãos de obras contratadas, bem como matérias-primas. Conseqüentemente, essa colonização devastou a cultura de muitos povos, numa tentativa de imposição de uma cultura eurocêntrica e com valores cristãos (Bonnici, 2005).

Podemos, primeiramente, admitir que a situação colonial foi um fenômeno social global e violento, pois há um conquistador que invade subitamente e se põe no papel de vitorioso. A partir desse movimento, conforme Ashcroft *et al* (2000), a colonização, definida pelos olhos dos colonizadores, pode ser representada como uma tarefa ‘civilizadora’, virtuosa e necessária, envolvendo educação e criação paternalistas. Nesse sentido, o colonialismo desenvolveu uma ideologia de missão civilizadora, fundamentada na justificativa de que os habitantes daquelas terras desconhecidas eram incapazes de governar. A escolha da abordagem do colonizador se deve aos seus métodos violentos e exploratórios, porém, esses processos tornaram-se difíceis de serem identificados, uma vez que eles tinham a prerrogativa de que estavam ali para levar luz aos ignorantes e, portanto, podiam invadir, ocupar e eliminar as diversas culturas existentes, a fim de estabelecer o sistema de administração europeu.

Para Bhabha (2013), a colonização é um processo no qual, mediante um discurso colonial específico, uma nação-sujeito se apropria, delimita e governa as múltiplas esferas que englobam outra nação, destituída como objeto. Contudo, devido aos movimentos pró-independência e à consciência política nos países colonizados, ocorre um processo de descolonização cultural a fim de recuperar a imagem e a identidade das nações, que sofreram a colonização, não somente pelo retorno às suas origens, mas também pelas ações que legitimam

a resistência dos povos colonizados, como a independência política, o resgate da cultura e a criação de políticas de igualdade (Bonnici, 2005). Uma destas ações envolve o uso de estratégias linguísticas e literárias para subverter as imposições coloniais e solapar o poder imperial.

Um exemplo desse processo é a colonização da África durante os séculos XIX e XX. Nesse período, potências europeias como Grã-Bretanha, França, Bélgica, Portugal e outros competiram pela dominação de vastas regiões do continente africano, impondo seus sistemas políticos, culturais e econômicos sobre os habitantes dos territórios que foram explorados. Os impactos da colonização da África foram profundos e duradouros, pois a colonização não apenas resultou na exploração desenfreada dos recursos naturais africanos, mas também estabeleceu uma ideologia hierárquica baseada em preceitos raciais.

Segundo Uzoigwe (2021), as potências europeias puderam conquistar a África com uma certa facilidade por três principais razões. Primeiramente, os europeus tinham um conhecimento aprofundado sobre a África devido às atividades dos missionários e dos exploradores. Isso permitiu que eles compreendessem o continente e seu interior, incluindo aspectos físicos, econômicos, recursos, além da força e debilidade dos Estados e de suas sociedades. Em segundo lugar, houve uma transformação revolucionária no campo da tecnologia medicinal, especificamente com a descoberta do uso profilático do quinino contra a malária. Em terceiro, a desigualdade comercial entre a Europa e a África, juntamente com ritmo crescente da revolução industrial, alavancou ainda mais os recursos materiais e financeiros europeus. Com isso, o autor reflete que, enquanto os europeus podiam investir milhões de libras nas campanhas ultramarinas, os Estados africanos não tinham condições de sustentar um conflito armado contra a Europa.

É fundamental compreender a colonização como uma parte integrante de uma linha temporal histórica que engloba o imperialismo. Conforme Said (2011), o imperialismo implica na ocupação de territórios e sua expansão a partir de um centro, com o intuito de concretizar um determinado projeto de poder. Por sua vez, o colonialismo surge como uma consequência do poder imperial, sendo direcionado à criação de colônias em áreas geograficamente distantes. O autor destaca a estreita relação entre imperialismo e colonialismo, sendo que este último representa uma forma de violência geográfica exercida pelo primeiro. À medida que o processo de colonização se desenvolvia, ele não se limitava apenas à conquista de territórios, mas também à imposição de controle sobre as populações locais. Esse contato entre forças coloniais

e os sujeitos colonizados gerava resistência, influenciando as dinâmicas sociais ao longo do tempo.

De acordo com Mudimbe (2013), os termos *colonização* e *colonialismo* derivam do latim *cólere*, que significa *cultivar* ou *conceber*. Embora não evidenciem diretamente a violência associada à colonização, esses termos sustentam a essência dos processos coloniais, como afirmado pelo autor “[...] tanto os colonos (aqueles que estabelecem uma região), como os colonizadores (aqueles que exploram um território pelo domínio de uma maioria local), tenderam ambos a organizar e transformar zonas não europeias em construções fundamentalmente europeias” (Mudimbe, 2013, p. 15-16). O autor introduz o termo *estrutura colonizadora* para descrever as práticas organizacionais da colonização. Ele identifica três principais domínios dessa estrutura: o controle do espaço físico, que inclui aquisição, distribuição e exploração da terra; a reconfiguração da mente dos sujeitos colonizados, envolvendo práticas para subjugar-los; e a integração das histórias econômicas locais sob a perspectiva ocidental, que implica a remodelação de instituições e formas de organização produtivas de acordo com o modelo do império europeu.

A obra *A invenção da África: Gnose, Filosofia e a Ordem do conhecimento*, de Mudimbe (2013), adota uma perspectiva historicista que questiona os conceitos e discursos em torno daquilo que entendemos como uma África mitificada. Os escritos de Mudimbe desconstruem as imagens ocidentalizadas e/ou eurocêntricas dos vários tipos de conhecimento veiculadas por filósofos, antropólogos, missionários religiosos e ideólogos. Eles revelam uma história africana construída a partir de uma perspectiva exterior, que reveste a África com uma roupagem exótica. Por exemplo, Mudimbe cita o quadro *Tribo exótica*, de Hans Burgkmair, que foi criado com base na leitura de um diário. Segundo Mudimbe, todos estão nus, com braceletes em seus braços ou uma corrente em seus pescoços, sinais sutis que indicam pertencerem a uma comunidade “selvagem”. A cena inclui uma criança dançando e uma mulher sentada no tronco de uma árvore com um bebê no colo, mas o destaque está no homem que está no centro da tela. Ele segura uma flecha em sua mão esquerda e outras duas com sua mão direita, emanando poder, pois é o elemento mais proeminente nesta pintura, com sua feição determinada e corpo viril (Mudimbe, 2010). O autor usa o quadro de Burgkmair para ilustrar como essas representações criam uma imagem exótica de África, ajustando as figuras para se encaixarem na percepção europeia de “selvageria” e diferença cultural. Assim, ele argumenta que tais pinturas não apenas mostram o exótico, mas também reforçam a distância cultural entre a África e o Ocidente.

Além disso, outra discussão que o autor aborda é sobre a invenção do Africanismo. Enquanto as pinturas retratam estereótipos e imagens exóticas, o Africanismo como disciplina científica busca entender e categorizar os africanos através de perguntas como: *o que são os africanos? Como vivem? O que comem? O que produzem?* Essas indagações refletem uma necessidade de distinguir os seres humanos com base em suas características físicas. Surge então a ideia de uma persona negra, carregando significados próprios como a experiência da escravidão e da colonização, interpretados como sinais dos sofrimentos dos “escolhidos por Deus”.

Durante um certo período, o continente africano era representado nos mapas como uma terra incógnita, ou até mesmo desconhecida, sem existência, apesar de os povos e suas produções artesanais já serem conhecidos pelos viajantes, que gradualmente exploravam as “novas” terras (Mudimbe, 2010). No entanto, ao examinarmos o percurso desses discursos e nos desvincularmos epistemologicamente, conforme sugere Mudimbe, começamos a considerar não apenas quem são os autores desses discursos, mas também o contexto em que são produzidos. Uma abordagem reflexiva e crítica nos permite desvendar as narrativas construídas ao redor da África, já que a história do conhecimento deste continente é, por vezes, distorcida e fragmentada devido à sua natureza composta. A obtenção de documentações para a sua constituição não apenas fornece respostas, mas também as ditas, como afirma Mudimbe (2010).

Nesse sentido, vamos realizar um levantamento histórico sobre o Zimbábue, começando com o contexto pré-colonial e, em seguida, explorando os impactos da colonização. Vamos examinar como o país foi despojado de seus recursos naturais e como sua língua, cultura, religião e costumes foram negados, numa tentativa de apagar a identidade local.

### **1.1.2 Zimbábue: levantamento histórico**

O Zimbábue, situado na região sul da África, tem uma história rica que remonta a séculos antes da colonização europeia. Desde os tempos pré-coloniais, o Zimbábue foi habitado por diversos grupos étnicos e testemunhou o surgimento de poderosos reinos e civilizações. A palavra *Zimbábue* tem origem no império Bantu do século XII, significando *Casa de Pedra*. No século XVI, comerciantes, caçadores e missionários portugueses chegaram ao Zimbábue. Durante o período colonial britânico, o país era conhecido como Rodésia, uma referência ao empreendedor inglês Cecil John Rhodes (Funag, 2010).

Aprofundar-se na história do Zimbábue nos permite compreender as dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldaram o país ao longo do tempo. Segundo Gonçalves (2010), foram identificados cerca de 200 núcleos de edificações de pedra dispersos por Moçambique, África do Sul, Botswana e Zimbábue, sendo o Grande Zimbábue o principal deles, caracterizado principalmente por sítios residenciais. Na segunda metade do século XV, essas edificações de pedra estavam sob o controle da dinastia conhecida como Tórua, pelos portugueses, que governava o reino de Guruusua no sudoeste do planalto e estava constantemente em guerra com o Estado de Monomotapa. A partir de 1501, após a constatação pelos portugueses da resistência dos sujeitos colonizados, ocorreram dez anos de invasões e genocídios. Já entre o final do século XVI e o final do século XVII, observou-se um aumento significativo na exportação de ouro do reino do Monomotapa para a Europa, por meio de negócios realizados no litoral de Moçambique (Gonçalves, 2010). Posteriormente, o objetivo dos portugueses era alcançar as minas do Zimbábue e apropriar-se delas.

Durante as primeiras incursões lusitanas para explorar o planalto entre os rios Limpopo e Zambeze, os portugueses enfrentaram inúmeros desafios, incluindo doenças, fome e resistência dos sujeitos locais. Ao finalmente alcançarem a região, depararam-se com um reino empobrecido, governado por uma elite fraca e temerosa de seus vassalos. Em 1607, os lusos negociaram um tratado com Gasa Lusere, o Monomotapa, garantindo acesso às ricas minas de cobre, chumbo, ferro e ouro em troca de assistência militar. No entanto, insatisfeitos, em 1628, uma coluna militar maciça composta por 250 europeus e cerca de 30 mil *cafres*<sup>1</sup> invadiu as terras do Monomotapa, resultando na destruição dos exércitos locais e na morte da maioria dos líderes do país. Diante desse cenário devastador, o monarca reconheceu, no ano seguinte, a soberania portuguesa, solidificando a influência e o controle dos portugueses sobre o território (Gonçalves, 2004).

Este episódio evidencia a tensa dinâmica entre os colonizadores europeus e as comunidades da região, o que não se difere muito de outras nações africanas, caracterizada por uma interação complexa de negociações, conflitos e repercussões profundas na estrutura política e social da região. Nesse contexto, o autor expõe que o reino de Monomotapa foi compelido a aceitar a presença de sacerdotes católicos, autorizar a construção de igrejas e comprometer-se na expulsão ou erradicação de todos os *mouros*, referindo-se aos mercadores islâmicos que residiam no reino. Essas imposições revelam não apenas a imposição do domínio

---

<sup>1</sup> Sujeitos negros não islâmicos.

européu sobre aspectos religiosos, mas também a interferência nas relações comerciais e na composição cultural do Monomotapa, ilustrando a extensão do impacto colonial sobre as estruturas locais.

Gonçalves (2004) expõe a formação do mito em relação aos povos africanos, especialmente em torno do Grande Zimbábue. O primeiro mito envolvia a ideia de que a região abrigava numerosas minas, baseando-se em uma passagem específica do Antigo Testamento que mencionava minas fornecendo matéria-prima para os ornamentos do templo que abrigava a Arca da Aliança. Assim, a busca por cidades que supostamente detinham vastas riquezas naturais, como o Reino de Sabá e Ofir, tornou-se um objetivo compartilhado, influenciado pelas referências bíblicas, apesar de a maioria acreditar que essas cidades estavam no sul da Arábia. Conforme o autor, ao longo do século XVI, os europeus realizaram explorações na tentativa de mapear o território zimbabuano em busca dessas minas e tesouros associados ao Reino de Sabá (Gonçalves, 2004).

O segundo mito disseminado pelos viajantes, transmitido por meio de suas correspondências, refere-se à suposta incapacidade civilizadora dos povos negros. Este mito estava associado à crença de que, no que diz respeito à evolução da espécie, eles não acompanhavam a evolução humana. Nessa perspectiva, o autor delineia algumas formas pelas quais os viajantes da época retratavam os negros, destacando, por exemplo, a alegação de que os indivíduos de pele escura em nada se assemelhavam a verdadeiros seres humanos, ou que sua inteligência se situava abaixo daquela atribuída aos elefantes. Contudo, havia uma consideração positiva, na visão europeia, na medida em que os negros eram descritos como menos sensíveis à dor física em comparação aos demais, levando à concepção de que eram um povo intrinsecamente adaptado a desempenhar o papel de escravos (Gonçalves, 2004). Essa adaptação era justificada pelo suposto dom da passividade, atribuindo-lhes uma qualidade inata que os tornava propícios a essa condição subalterna. Portanto, as representações distorcidas e preconceituosas dos viajantes, ao disseminarem tais mitos, não apenas refletiam a profunda ignorância e desumanização dos povos africanos, mas também contribuíam para a legitimação ideológica da escravidão. A construção desses estereótipos não apenas perpetuava a injustiça e a exploração, mas também evidenciava o papel nefasto da narrativa colonial na justificativa de práticas desumanas.

No século XVII, o império Rozwi, da ramificação shona, expulsou os portugueses do império *Great Zimbabwe*. No entanto, na segunda metade do século XVIII, a região do Grande Zimbábue, então dominada pelo povo rozwi, foi conquistada por guerreiros ngunis, resultando

na quase completa desintegração do reino. No século XIX, o império Rozwi foi substituído pelo reino de Ndebele. Em 1835, guerreiros suazis depuseram o último líder Mambo dos rozwis. Posteriormente, as forças lideradas por Mzilikazi, conhecido como o rei guerreiro, consolidaram o controle sobre o planalto situado entre os rios Limpopo e Zambeze, estabelecendo sua base em Bulawayo. Segundo o autor, “no Grande Zimbábue, muitos visitantes conseguiram adquirir ou roubar objetos de pedra ou metais preciosos, atraindo mais invasores. Daí em diante, seguiram-se décadas de desenfreada devastação” (Gonçalves, 2004, p. 96).

O período colonial britânico teve início na década de 1890, durante o reino ndebele, quando Cecil J. Rhodes chegou ao país com a Companhia Britânica da África do Sul (*British South Africa Company* - BSAC). Os Ndebele constituíam um povo vinculado ao reino de Lobengula, descendente de Mzilikazi. Moffat, um reverendo que aspirava à colonização dos Ndebele, encontrou obstáculos durante sua missão evangelizadora, pois o povo resistiu ao cristianismo. Diante da dificuldade na missão religiosa, Moffat escolheu apoiar Rhodes e a *Chartered Company*, percebendo que essa companhia seria responsável pela conquista e desmembramento da nação Ndebele. Nesse contexto, Moffat atuou como conselheiro de Lobengula, aconselhando-o a aliar-se aos britânicos em vez de *afrikaners*, portugueses ou alemães. Além disso, persuadiu Lobengula a assinar um tratado no qual o rei se comprometia a abster-se de qualquer relação ou acordo com potências estrangeiras visando vender, alienar, ceder, permitir ou ratificar a venda, alienação ou cessão de território sem a autorização prévia do Alto Comissário de Sua Majestade na África do Sul (Chanaiwa, 2021). Como resultado desse tratado, a ocupação britânica fortaleceu-se na Rodésia. Através de seu papel como conselheiro, Moffat conseguiu colocar Matabelândia e Mashonalândia sob a influência direta inglesa.

Entretanto, é perceptível que Rhodes não almejava compartilhar os recursos minerais com outros, buscando, ao contrário, a exclusividade. Com esse propósito, enviou homens para negociar um acordo com Lobengula. Chanaiwa (2021) explica que o projeto original submetido a Lobengula assegurava aos concessionários direitos integrais e exclusivos sobre todos os recursos minerais e metálicos de seus reinos, principados e domínios, além de conferir plenos poderes para realizarem todas as ações que considerassem necessárias para explorar esses recursos. Além disso, o acordo conferia aos concessionários o poder de adotar todas as medidas necessárias para excluir da concorrência qualquer indivíduo que reivindicasse direitos sobre terras e minerais. Isso gerou pânico e confusão na nação Ndebele, pois o povo compreendeu as

implicações decorrentes desses acordos com os britânicos, percebendo o caráter catastrófico que se abateria sobre um grande monarca e uma grandiosa nação. Ao observar a reação da nação, Lobengula tomou consciência da ameaça iminente de perder o poder.

Diante desse cenário tenso, Lobengula dirigiu-se diretamente ao governo britânico em sua busca pela revisão do tratado ou pelo estatuto de protetorado para Matabelelândia e Mashonalândia. Em janeiro de 1889, uma delegação oficial foi enviada a Londres, onde se encontrou com a rainha Vitória e representantes da *Aborigines' Protection Society*. Embora tenham retornado com os cumprimentos da rainha, o tratado não foi anulado. Em compensação, Rhodes conseguiu, por meio de uma carta real, assegurar o monopólio da colonização na região (Chanaiwa, 2021). Isso levou a um conflito, no qual Lobengula retaliou contra os invasores, resultando na derrota de seu povo pelo exército britânico.

Ao final da década de 1890, praticamente todos os povos da África meridional encontravam-se total ou parcialmente colonizados, sujeitos a diversas formas de opressão econômica, política e religiosa. Confrontados com a imposição de deixar suas terras para dar lugar aos sujeitos colonizadores, os africanos eram forçados a servir como “voluntários” no exército. Na então Rodésia do Sul (atual Zimbábue), onde a colonização branca era mais densa, a administração não hesitava em confiscar terras, gado, colheitas e reservas de alimentos dos Shona, submetendo-os ao trabalho forçado para satisfazer os interesses dos colonos. A justiça colonial introduzida na região era marcada por irregularidades e violências, somando-se a uma série de catástrofes naturais, incluindo epidemias e secas. Diante desse cenário, os africanos daquela região, como os Xhosa, não podiam permanecer indiferentes, chegando à conclusão de que o colonizador era a fonte de toda a sua miséria (Chanaiwa, 2021).

Ao examinar o período pré-colonial e a chegada dos europeus no Zimbábue, torna-se evidente a transformação drástica que ocorreu na história e no desenvolvimento da colônia. Desde os tempos pré-coloniais, o Zimbábue foi palco de reinos e civilizações prósperas, com sistemas políticos e econômicos complexos e uma rica herança cultural. No entanto, com a chegada dos britânicos na década de 1890, o curso da história zimbabuana foi alterado de maneira irrevogável. A colonização trouxe consigo uma série de mudanças econômicas, sociais e políticas que moldaram profundamente a trajetória futura do país. No próximo tópico, abordaremos de que forma a colonização britânica impactou os aspectos econômicos e sociais do Zimbábue, analisando as consequências dessas mudanças para a sociedade zimbabuana.

### **1.1.3 O impacto da colonização nos aspectos econômicos**

Durante o período colonial, as antigas zonas britânicas, incluindo o Zimbábue, foram profundamente influenciadas pela economia e políticas coloniais britânicas. No caso específico do Zimbábue, a presença britânica deixou uma marca durável na estrutura econômica do país. A partir da década de 1890 até a independência em 1980, a economia zimbabuana foi moldada pelas práticas comerciais, sistemas agrícolas e políticas de exploração de recursos minerais implementadas pelos colonizadores. Para melhor compreensão dos aspectos econômicos, o autor Kaniki, especialista em História Econômica da África Ocidental, conduziu um estudo sobre a economia colonial, focando principalmente nas antigas áreas sob domínio britânico. Esse estudo busca analisar a natureza e as principais características das economias estabelecidas pelos britânicos. No entanto, devido ao nosso interesse específico na África Oriental, apresentaremos a análise com destaque especial para a antiga Rodésia do Sul (atual Zimbábue), que é o foco central deste estudo.

Kaniki (2021) apresenta um levantamento sobre a economia colonial nas antigas zonas britânicas, mostrando que os britânicos assumiram efetivamente o controle dos meios de produção econômica anteriormente utilizados pelos povos africanos. Esse domínio resultou na reconfiguração das estruturas econômicas locais, pois os britânicos exerceram total influência sobre os recursos, terras e sistemas produtivos. De acordo com o autor, as relações econômicas entre o Reino Unido e suas colônias eram caracterizadas por uma clara divisão de interesses. Por um lado, o Reino Unido esperava que as colônias fornecessem matérias-primas, enquanto, por outro lado, as colônias eram incentivadas a importar produtos manufaturados da metrópole. Essa dinâmica resultava em pouca reciprocidade nas relações econômicas entre os dois mundos. A política econômica do Reino Unido era orientada por seus próprios interesses, visando comprar produtos pelo melhor preço disponível. Além disso, as colônias eram pressionadas a serem autossuficientes, enquanto os colonizadores britânicos emigravam para as colônias em busca de enriquecimento pessoal, promovendo seus próprios ganhos. A interferência do governo local nas atividades econômicas era mínima, com tarifas de importação e exportação e níveis de salários influenciando significativamente o cotidiano dos habitantes das colônias (Kaniki, 2021).

Até os anos de 1935, o meio de produção essencial e quase único das posses britânicas era o solo. No contexto da Rodésia do Sul (atual Zimbábue), o autor fornece informações relevantes sobre a distribuição de terras, destacando uma proporção substancial destinada aos colonos europeus. Essa significativa tomada de terras por europeus originou-se, em grande parte, da negociação com a Companhia Britânica da África do Sul (*British South Africa*

*Company* - BSAC), entidade que governava o território com a aprovação da coroa britânica. Entre os anos de 1900 e 1935, observou-se um aumento expressivo na população branca. Em 1901, a comunidade branca totalizava 11 mil pessoas, que aumentou para mais de 35 mil em 1926. Dentro desse contingente, 29,9% eram nascidos na Rodésia, 29,2% provenientes do Reino Unido e 32,6% originários da África do Sul (Kaniki, 2021).

Resumidamente, os dados apresentados sobre a antiga Rodésia do Sul revelam uma desigualdade marcante na distribuição de terras entre colonos europeus e a população local. A expressiva proporção de terras concedidas aos europeus, impulsionada pelo crescimento demográfico dessa comunidade, resultou na rápida expropriação de vastas extensões territoriais. Esta disparidade reflete não apenas uma distribuição desigual de recursos, mas também evidencia as consequências nefastas para as comunidades africanas deslocadas, cujas terras foram confiscadas. Isso resultou numa divisão desigual das terras, que tinha como objetivo empobrecê-los, “os colonos condenaram os africanos a um estado de subdesenvolvimento e dependência, forçando-os a trabalharem para os brancos, caso desejassem, simplesmente para sobreviver” (Chanaiwa, 2010, p. 299). Como destacado, os shonas eram sistematicamente excluídos de oportunidades de aperfeiçoamento profissional e direitos trabalhistas, como o direito de greve e a participação em negociações coletivas. Além disso, não tinham acesso a benefícios como pensões de aposentadoria e cuidados hospitalares, enquanto empregos qualificados e cargos de liderança eram reservados exclusivamente para os brancos. A apresentação desses dados reforça a compreensão das complexas dinâmicas coloniais que moldaram a realidade social e territorial na Rodésia do Sul durante esse período.

Acerca da produção, segundo Kaniki (2021), na África Oriental, os colonos assumiram o controle da produção de cultivos comerciais, especialmente no Quênia e nas Rodésias, desde o início do século XX. Na Rodésia do Sul, os produtores africanos rivalizaram muito eficazmente com os colonos brancos. No entanto, a administração colonial não poupou esforços para favorecer os interesses dos colonos. Em 1936, uma lei chamada *Maize Control Ordinance* foi implementada, estabelecendo um gabinete para controlar a compra e venda de milho a preços fixos. Os produtores europeus dominaram três quartos do mercado interno, deixando aos africanos sob domínio britânico, apenas um quarto. Adicionalmente, outra lei, a *Cattle Marketing and Control Ordinance*, reduziu a participação dos africanos no comércio de gado ao criar um órgão de controle específico. Entre 1908 e 1911, observou-se uma redução nas cotações dos produtos agrícolas.

Os colonos europeus na Rodésia do Sul empreenderam a experimentação no cultivo de algodão, cítricos e tabaco, destacando-se este último como o principal produto de exportação agrícola a partir da década de 1910 (Kaniki, 2021). É notório que o êxito e a consolidação desse setor foram impulsionados pela assistência governamental, manifestada através de empréstimos, aconselhamento técnico e pesquisas. Cabe ressaltar que, na Rodésia do Sul, o Diretor de Agricultura era europeu, nesse contexto, evidenciava-se a formação de uma poderosa burguesia rural entre os colonos, destacando-se a disparidade entre o suporte concedido aos europeus e a negligência percebida em relação aos produtores africanos.

Paralelamente, durante esse período, o trabalho forçado foi formalmente legitimado em várias colônias:

Os africanos eram obrigados a trabalhar determinado número de dias por ano em obras públicas e nas fazendas e plantações europeias. [...] Todo africano adulto do sexo masculino era obrigado a trazer consigo uma carteira de trabalho (*kipande*) [...]. Qualquer erro de apresentação ou a perda do *kipande* por um africano eram punidos com multa ou três meses de prisão. O *kipande* restringia fortemente a liberdade dos africanos. O trabalhador não podia mais deixar o seu emprego por livre vontade (Kaniki, p. 456, 2021).

Além disso, Kaniki (2021) destaca a presença de minas de ouro na Costa do Ouro e na Rodésia do Sul, sendo esta última caracterizada por uma notável diversidade de minerais. Além disso, a exploração de minas de carvão era realizada na Nigéria e na Rodésia do Sul, onde desempenhavam um papel crucial como fonte de energia. O autor resalta que, antes da colonização, as populações da Rodésia do Sul e da Costa do Ouro já estavam envolvidas na extração e trabalho do ouro ao longo de várias gerações, sendo esses países mais reconhecidos por sua riqueza mineral do que pelo cultivo agrícola. No entanto, com a era do domínio colonial, tornou-se ilegal para os africanos possuírem minérios sem uma licença especial, e a exploração de jazidas de diamantes foi totalmente proibida a eles. Tornou-se mais uma restrição imposta pelo colonizador ao povo africano, permitindo-lhes explorar e exportar minérios com certa tranquilidade, sem ter que enfrentar a “concorrência”.

Nesse contexto, a Rodésia do Sul foi estabelecida como uma colônia de povoamento, onde os imigrantes europeus desempenhavam um papel central na exploração dos recursos naturais, enquanto os africanos frequentemente ocupavam posições subalternas. Tanto a Rodésia do Sul quanto a África do Sul surgiram como destinos importantes para os africanos em busca de oportunidades de trabalho nas minas e fazendas, impulsionados pela falta de emprego, baixo padrão de vida e generalizada pobreza em seus países de origem. Esta migração

massiva contrastava fortemente com as perspectivas de desenvolvimento econômico, abundância de empregos e elevado padrão de vida desfrutado pelos cidadãos brancos nessas regiões coloniais. Portanto, a migração africana para as minas e fazendas na África do Sul e na Rodésia do Sul foi fortemente influenciada pela disparidade econômica entre as oportunidades disponíveis em seus países de origem e nos territórios coloniais (Chanaiwa 2010). Essa realidade econômica predominante tornou-se o principal motor por trás desses movimentos populacionais, refletindo o desequilíbrio estrutural e socioeconômico estabelecido pelo colonialismo na região.

O contexto do fim da segunda guerra mundial foi um fenômeno, pelo fato de muitos países africanos, que ainda eram colônias, se aliarem às forças de liberdade, em busca da independência em meio aos conflitos que ocorriam nas metrópoles. Como os protestos incomodavam os colonizadores e como os britânicos queriam evitar uma descolonização, as autoridades britânicas criaram a Federação Rodésia e Niassalândia, ou da África Central. Essa Federação não se manteve por muito tempo, pelo fato de ter muitas discordâncias entre os europeus e os africanos, assim, a Federação teve o seu fim após 10 anos da sua criação, quando a Rodésia do Norte, atual Zâmbia, obteve a independência em 1964 (Funag, 2010).

Em relação ao sul, os líderes na Rodésia do Sul declararam independência em 1965, buscando manter um governo elitista e racista, rejeitando a democracia multirracial. Isso levou os britânicos a pedirem à ONU que impusesse sanções ao novo governo. Em 1970, os efeitos das sanções econômicas tomaram forma, já que o país entrou em uma crise financeira que inviabilizou o surgimento de novos negócios e prejudicou o desenvolvimento de empreendimentos. Enquanto isso, a população local, insatisfeita com a distribuição injusta de terras, começou a exigir mudanças. Grupos guerrilheiros, como o ZANLA (Exército Africano de Libertação Nacional do Zimbábue) e o ZIPRA (Exército Revolucionário do Povo do Zimbábue), liderados por Robert Mugabe e Joshua Nkomo, respectivamente, lutaram contra o regime racista travando um longo confronto armado. (Funag, 2010) No entanto, os *Acordos de Lancaster House* e zimbabuanos, assinados em 1979, encerraram a guerra. Com isso, Robert Mugabe venceu as primeiras eleições e se tornou o primeiro-ministro do país este voltou a adotar sua denominação histórica: Zimbábue.

Após a implementação da reforma agrária e a imposição de sanções, o Zimbábue enfrentou uma crise econômica severa, marcada por uma hiperinflação significativa, fechamento de fábricas, alta taxa de desemprego e escassez de produtos de consumo. Anteriormente, o país desfrutava de uma produção de bens considerável em comparação com

outros países africanos. Atualmente, ainda há repercussões das sanções impostas pela Grã-Bretanha e seus aliados. Críticos afirmam que tais sanções foram aplicadas com o propósito de minar o governo do Presidente Robert Mugabe, visando promover uma mudança de liderança e, principalmente, de políticas socioeconômicas dentro da estrutura administrativa do Estado (Funag, 2010).

#### **1.1.4 O impacto da colonização nos aspectos culturais**

Nesse contexto, surge a necessidade de estabelecer uma empreitada religiosa junto à “missão civilizadora”, que envolvia a evangelização e a conversão dos sujeitos coloniais à fé cristã. A justificativa para essa conversão residia na ideia de que os sujeitos colonizados precisavam ser “curados”, “salvos”, “transformados”, e somente o colonizador, detentor da religião verdadeira, correta e salvífica, poderia proporcionar essa mudança. A partir desse ponto, é evidente que a religião dos sujeitos colonizados não foi respeitada, pois não foi reconhecida como uma religião legítima, mas sim como um culto pagão que os corrompia e os afastava do verdadeiro deus. Isso resultou na consideração da religião dos povos como bárbara e cruel. A partir dessa afirmação, o colonizador impôs sua própria religião e seus preceitos sobre o sujeito colonizado. No entanto, o que o colonizador realmente buscava explorar não era a fé do colonizado, mas sim sua submissão e sujeição voluntária às explorações, uma vez que os esforços para converter os sujeitos colonizados refletiam principalmente em empreendimentos econômicos coloniais, já que “de fato, a conversão religiosa começa a figurar como uma justificativa para a pilhagem econômica.” (Loomba, 2005, p. 99, tradução minha)<sup>2</sup>.

De acordo com Opoku (2021), especialista em religiões africanas, a instauração do domínio colonial na África não se limitou à imposição forçada do poder político, econômico e social, mas também incluiu uma imposição cultural que serviu como suporte para outras formas de colonialismo. As religiões tradicionais africanas estavam e continuam intrinsecamente ligadas à cultura africana, sendo vistas pelos povos africanos como um aspecto global dentro do contexto cultural em que se originou. Segundo o autor, essas religiões baseavam-se em “uma visão particular de mundo, que não apenas abrangia a percepção do sobrenatural, mas também a compreensão da natureza do universo, dos seres humanos e de seu lugar no mundo, assim como a compreensão da natureza de Deus, cujo nome variava de uma região para outra” (Opoku, 2021, p. 592).

---

<sup>2</sup> In fact, religious conversion begins to figure as a justification for economic plunder. (Loomba, 2005, p.99)

Opoku (2021) destaca que, durante o período pré-colonial, duas religiões estrangeiras foram introduzidas ao lado da religião tradicional: o islamismo e o cristianismo. No século XIX, houve uma expansão significativa do islão, especialmente quando militantes islâmicos buscaram restabelecer a fé islâmica na sua pureza original, promovendo “guerras santas” contra arranjos considerados intoleráveis entre o islão e as religiões tradicionais africanas. Antes da chegada das potências coloniais, o islão já havia progredido consideravelmente, influenciando a substituição do ciclo de festas tradicionais pelo calendário islâmico em várias regiões da África, que passaram a incorporar numerosas palavras e conceitos árabes nas línguas africanas. Essa influência islâmica também se manifestava na arquitetura, nos títulos, na música e em outros aspectos culturais, especialmente entre as camadas mais favorecidas da população africana, principalmente no Sudão. No entanto, apesar de o progresso islâmico anterior à colonização, as últimas décadas do século XIX viram o declínio de alguns Estados teocráticos na África Ocidental e enfraquecimento do comércio e da influência islâmica na África Oriental.

Em relação ao cristianismo na África pré-colonial, o autor observa que passou por três fases distintas. A primeira fase encerrou-se no século VII da era cristã, com a ascensão do Islã, deixando colônias cristãs dispersas nos desertos e em certas partes ao norte da África. O início da segunda fase ocorreu durante as explorações portuguesas no século XV. Já a terceira fase, desencadeada pelo surgimento de um poderoso movimento missionário no final do século XVIII na Europa, ocorreu entre 1800 e 1885. Nesse sentido, Opoku (2021) discute a imposição do domínio colonial na África a partir de 1885, destacando a tentativa dos colonizadores europeus de transformar ou erradicar as culturas africanas, especialmente por meio da supressão das religiões tradicionais, consideradas bases das sociedades africanas. Os missionários desempenharam um papel fundamental nesse processo, buscando converter os africanos ao cristianismo e à cultura ocidental. Os administradores coloniais também promoveram a desvalorização das práticas religiosas tradicionais e introduziram a medicina ocidental, combatendo ativamente as crenças na feitiçaria. Os africanos responderam de diversas maneiras, resistindo à conversão ao cristianismo e à imposição da cultura ocidental, além de continuarem a praticar suas tradições religiosas, mesmo diante das medidas repressivas das autoridades coloniais.

Um exemplo dessas investidas contra a cultura africana foi em relação aos ritos de iniciação de rapazes e moças à idade adulta. Conforme o autor, “Para os africanos, os ritos de iniciação preparavam rapazes e moças não só para a idade adulta, mas também para a vida social e comunitária, constituindo um elemento vital e nuclear da vida social, cultural e

religiosa” (Opoku, 2021, p. 601). Em contrapartida, para os missionários, esses ritos eram inadmissíveis e eram julgados como algo abominável, demoníaco e satânico.

O autor reflete sobre o papel das missões cristãs na África, observando que elas estavam intrinsecamente ligadas ao imperialismo europeu, sendo parte integrante do avanço do Ocidente em territórios não ocidentais. O cristianismo era considerado uma fonte de poder para os colonizadores, pois concedia aos povos africanos acesso à educação, emprego, poder e influência na sociedade branca. Os missionários obtiveram sucesso considerável no final do século XIX, convertendo muitos africanos e estabelecendo comunidades cristãs onde antes não existiam. Isso levou ao surgimento da escrita em várias línguas africanas e ao ensino das línguas europeias, promovendo certa alfabetização. No entanto, os missionários, convencidos de possuírem a única verdade, condenavam as práticas tradicionais africanas, negando a existência dos deuses e entidades sobrenaturais da cultura africana (Opoku, 2021). Entendemos que, ao tornarem-se cristãos, muitas vezes, os povos africanos sofriam a implicação de abandonar as tradições africanas e adotar a cultura europeia como referência, o que exercia uma influência desagregadora sobre a cultura de origem.

Durante o período colonial, alguns africanos adaptaram a nova religião cristã às suas próprias tradições, fundando suas próprias igrejas independentes. Isso aconteceu devido à tradução da Bíblia para várias línguas africanas e à interpretação das Escrituras pelos próprios africanos, que buscavam integrar suas crenças e práticas religiosas na fé cristã. Esse movimento encerrou o monopólio dos missionários na interpretação das Escrituras e refletiu o desejo dos africanos de encontrar um espaço religioso. Assim, o cristianismo africano emergiu como uma complementação dinâmica entre tradições religiosas africanas e os ensinamentos cristãos trazidos pelos missionários europeus. Essa fusão resultou em uma religião adaptável e flexível, capaz de satisfazer as diversas necessidades espirituais e emocionais dos fiéis, incluindo rituais de cura, profecias e visões. Portanto, conforme o autor expõe, o cristianismo africano se estabeleceu como uma expressão autêntica da fé no continente, enraizada em suas próprias tradições e crenças.

Cohen (2021) destaca que o colonialismo teve efeitos sociais negativos significativos na África, incluindo aprofundamento do hiato entre áreas urbanas e rurais durante o período colonial. Esse hiato foi exacerbado pelo êxodo contínuo de jovens para os centros urbanos em busca de educação e emprego, devido às condições adversas nas áreas rurais, como fome, pobreza endêmica e altos impostos. Nas áreas rurais, a falta de apoio agravou o fenômeno do abandono. Além disso, nos centros urbanos, os africanos eram frequentemente marginalizados

e não completamente integrados, enfrentando dificuldades para encontrar emprego e habitação adequados. Muitos acabavam vivendo em condições precárias nos subúrbios e favelas, onde o desemprego, a delinquência juvenil, o alcoolismo, a prostituição, o crime e a corrupção eram generalizados. No campo da educação, Cohen observa que o sistema educacional colonial foi globalmente inadequado, desigualmente distribuído e mal orientado.

Durante esse período, os europeus queriam ensinar os africanos a se tornarem europeus. Conforme Cohen (2021) argumenta, os europeus que se deslocaram para a África durante o período colonial, especialmente entre 1900 e 1945, compreendendo categorias como missionários, comerciantes, administradores, colonos, engenheiros e mineiros, frequentemente adotavam uma atitude que menosprezava e condenava elementos culturais autóctones africanos. Esta postura abrangia diversos aspectos da vida africana, incluindo música, arte, dança, nomes, religião, casamento e tradições locais. Como exemplo, para integrarem-se em uma comunidade religiosa europeia, os africanos eram compelidos não apenas a receber o batismo, mas também a renunciar a muitos de seus costumes e tradições, inclusive adotando um novo nome. Em algumas regiões, o uso de trajes africanos foi inclusive proibido ou desestimulado, com aqueles que optavam por tal vestimenta sendo estigmatizados como imitadores dos “indígenas”. Nesse contexto, durante o período colonial, as expressões culturais como arte, música, dança e a própria narrativa histórica africana foram não apenas desconsideradas, mas também ativamente negadas ou menosprezadas pelos colonizadores europeus.

Afigbo (2021) destaca de maneira perspicaz os efeitos nefastos da discriminação racial sobre a psique coletiva dos africanos durante o período colonial, delineando como o tratamento discriminatório infligido pelos colonizadores europeus resultou em um profundo sentimento de inferioridade entre muitos africanos. A definição sucinta do autor ressalta como essa situação os levava a perder a confiança em si mesmos e em seu potencial futuro, resultando em um estado de espírito que os impelia a imitar cegamente as potências coloniais em busca de validação. Esse sentimento de inferioridade, como observado, não apenas afetava a autoestima dos africanos, mas também se manifestava em problemas sociais tangíveis, como altas taxas de criminalidade, divórcio, delinquência e violência, especialmente em áreas urbanas, indicando as profundas consequências psicológicas e sociais da opressão colonial. Além disso, o fato de que esse sentimento perdurou mesmo após décadas de independência destaca a persistência dos legados do colonialismo e a necessidade contínua de enfrentar e superar essas feridas históricas para promover uma verdadeira reconciliação e progresso na África contemporânea, como destaca “Hoje, a melhor maneira de agir, para os dirigentes africanos, não consiste em apagar

o colonialismo, mas sim em conhecer perfeitamente seu impacto, a fim de tentar corrigir-lhe os defeitos e os insucessos” (Coahen, 2021, p. 950).

Além dos aspectos políticos, econômicos e culturais, de modo geral, este trabalho busca discutir a criação literária da escritora zimbabuense NoViolet Bulawayo, especificamente no romance *Precisamos de novos nomes*. Por isso, importa, também, discutir a configuração da literatura pós-colonial e da configuração da escrita desta jovem escritora neste seu romance de estreia.

## 1.2 O DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA PÓS-COLONIAL

O estudo do pós-colonialismo na literatura pós-colonial surge ao enveredarmos por uma leitura mais crítica e profunda dos textos literários. A literatura pós-colonial passa a existir como a escrita independente daqueles que por anos tiveram suas vozes silenciadas, os sujeitos coloniais, que romperam com os “valores” impostos pela supremacia colonial. Essa escrita se desenvolve mais entre os anos 1960 e 1970, quando muitas nações colonizadas conquistaram a independência no poder político, tornando-se livres para terem posicionamento de falar acerca das tensões existentes diante do eurocentrismo e enfatizarem aquilo que os diferenciam dos estereótipos e afirmações que caracterizavam os discursos imperiais, além de seu momento histórico-social de origem. Como afirma Bonnici:

Admitir-se-ia, então, que as literaturas dos povos independentes estariam livres das manipulações coloniais que as degradaram e que daqui por diante teriam posição estética própria. Sabe-se, todavia, que as raízes do imperialismo são muito mais profundas e extensas (2012, p.17).

Durante o período da dominação europeia, o desenvolvimento da escrita dos povos colonizados efetuou-se, comumente, como uma imitação dos padrões europeus. É importante salientar que não são todas as criações artísticas que imitavam as metrópoles. Já havia sujeitos críticos, mas eram poucos, pois esses poucos faziam parte da parcela de pessoas que tinham acesso à educação. Os que tiveram acesso à educação durante as campanhas coloniais seguiam os ensinamentos da metrópole, ou seja, a educação deles era guiada pela metrópole, o que demonstrava a superioridade e o poder do colonizador. É interessante notar que a reeducação oferecida pela metrópole tinha como objetivo a construção da dúvida sobre o colonizado, acerca de si e o seu meio, assim, se enxergava inapto e quem poderia auxiliá-lo a se tornar um civilizado era o colonizador. Por consequência, essa “ajuda” consolidava com veemência o

desprezo do colonizador a qualquer tipo de manifestação cultural ou literária proveniente da colônia.

No entanto, a literatura pós-colonial que se desenvolve com o passar do tempo, a partir dos sujeitos coloniais que tinham a noção de serem excluídos, cria uma estética própria, que oferece uma visão acerca da vivência daqueles cuja identidade e cultura foram corrompidas pelo colonialismo. Entende-se que as literaturas pós-coloniais fazem referência à escrita de sujeitos coloniais, ou seja, pessoas cujos países foram colonizados por países europeus. Nesse sentido, a literatura de países africanos, das Américas central e do Sul, dentre outros, é considerada pós-colonial, uma vez que surgiu do vivenciar a colonização (Bonnici, 2005).

Antes das colônias se tornarem um local de exploração e de dominação do europeu, entendemos que nessas regiões existiam tradições literárias e narrativas orais que retratavam a cultura e os conhecimentos dos povos. Tais tradições literárias eram transmitidas, quase que predominantemente, por meio da oralidade, englobando mitos, lendas, histórias ancestrais, poesia e outros gêneros, como exemplifica Ngugi Wa Thiong'o (1995) ao compartilhar sua vivência com a oratura (literatura oral):

Lembro-me perfeitamente das noites em que contávamos histórias ao redor da lareira. Eram principalmente os adultos que contavam para as crianças, mas todos estavam interessados e envolvidos. Nós, crianças, recontávamos as histórias no dia seguinte para outras crianças [...]. Havia contadores de histórias bons e ruins. Um bom contador de histórias poderia contar a mesma história várias e várias vezes e ela sempre seria uma nova para nós, os ouvintes. Ele ou ela podia contar uma história contada por outra pessoa e torná-la mais viva e dramática. As diferenças residiam no uso de palavras e imagens e na mudança das vozes para produzir tons diferentes (1995, p. 287, tradução minha).<sup>3</sup>

É importante salientar que a literatura pré-colonial das regiões posteriormente colonizadas não era homogênea, mas variava conforme as diferentes culturas, línguas e tradições dos povos. Cada comunidade possuía sua característica e complexidade em expressar sua visão de mundo, os sistemas de crenças e as formas de organização social das comunidades.

Pratt (1999) conceitua três termos que compõem a produção literária das colônias, que têm como base a forma que o colonizador enxerga o sujeito colonizado. O primeiro termo, *zona*

---

<sup>3</sup> I can vividly recall those evenings of story-telling around the fireside. It was mostly the grown-ups telling the children but everybody was interested and involved. We children would re-tell the stories the following day to other children [...]. There were good and bad story-tellers. A good one could tell the same story over and over again, and it would always be fresh to us, the listeners. He or she could tell a story told by someone else and make it more alive and dramatic. The differences really were in the use of words and images and the inflexion of voices to effect different tones (1995, p. 287).

*de contato*, refere-se ao espaço de encontros coloniais, no qual pessoas geográficas e historicamente distintas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas. O segundo termo, *anticonquista*, refere-se à forma como os relatos de viagens são contados, uma vez que, ao analisar o que o europeu observa, tais relatos afirmam a supremacia europeia. No entanto, ao mesmo tempo, em que o sujeito colonial, nos relatos de viagem, afirma a sua superioridade, visa assegurar sua inocência, de forma que a exploração praticada por ele não seja percebida pelo sujeito colonizado como uma usurpação. Essa estratégia de afirmação de inocência é fundamentada na ideia de que o império europeu possui uma superioridade cultural e intelectual em relação às outras nações; por isso, há a necessidade de compartilhar e impor o poder eurocêntrico como modelo a ser seguido. Já o terceiro e último termo, *expressão auto etnografia*, refere a lugares nos quais os sujeitos colonizados representam-se de forma comprometida com os termos do colonizador. Os textos etnográficos representam os europeus para si, enquanto os textos auto etnográficos são aqueles que os outros criam em resposta às representações criadas pelo europeu acerca do sujeito colonizado (Pratt, 1999).

Uma das características das sociedades colonizadas reside justamente no deslocamento da linguagem e, sobre isso, Ashcroft (1995) aponta que havia diferentes tipos de colônias. Algumas eram compostas por grupos demoradores europeus, como o Brasil, os Estados Unidos da América, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia. Nessas colônias, mesmo após a independência, a língua predominante continuou sendo a do colonizador. Havia colônias denominadas de “sociedades invadidas”, como a Índia, onde a população foi colonizada em sua própria terra, e sociedade. Além disso, havia as sociedades duplamente invadidas, nas quais ocorreu a dizimação da população local e a imposição de uma cultura alheia, como ocorreu no Caribe.

Conforme Ashcroft *et al.* (2000), pode-se dizer que existem duas vertentes de literatura pós-colonial: a literatura de colônias de povoadores e a literatura de colônias invadidas e colônias duplamente invadidas. A literatura de colônias de povoadores, inicialmente, é a literatura de missionários, administradores e suas esposas, soldados, viajantes. Os textos se concentravam em abordar acerca da fauna, flora, língua e costumes. Os olhos do império determinavam o modo como se descrevia a terra e seus habitantes. Pelo olhar, o colonizador define a identidade do sujeito colonial ao objetificá-lo. Pratt (1999), nos apresenta o exemplo disso ao tratar sobre a colonização do povo *Khokhoi*, que foi descrito como “genuínos seres antropológicos”, uma vez que foram considerados fracassados em atender às expectativas econômicas dos europeus, já que os europeus costumam definir e analisar os outros países

através das características que consideram atributos fundamentais para a formação de uma sociedade, como reais e humanas: religiões, governo, leis, profissões, etc. neste sentido, os *Khoikhoi*, ao negar mudarem sua cultura, seus costumes, ao resistir, enfim, às imposições europeias, são taxados como inaptos.

Boa parte dessa literatura, escrita por colonizadores, figurava os povos colonizados não como seres que possuíam uma história, com suas maneiras de viver, mas como indivíduos sem qualquer forma de vida, sem cultura e sem identidade. A ideia do olho imperial consiste, de acordo com Pratt (1999), em determinar o que ele abrange, uma vez que para ele tudo “se mostra”, o “país se auto-expõe” para os visitantes: “A presença europeia é absolutamente incontestada. Ao mesmo tempo, o perscrutador olho europeu parece impotente para agir sobre ou interagir com este cenário que se oferece a si mesmo.” (Pratt, 1999, p. 60, tradução minha)<sup>4</sup>. Assim sendo, o olhar “aperfeiçoado” do europeu revela os habitantes de subsistência como paisagens “vazias”, relevantes apenas para uma futura expansão capitalista e produção comercial. Tanto as observações sobre a natureza, quanto acerca do sujeito colonial, feitas pelos viajantes apontavam a ideia do diferente e exótico. Os estereótipos foram consequência desse olhar imperial, sendo o meio mais utilizado para marginalizar o sujeito pós-colonial, o nomeando como preguiçoso, pagão, sem cultura, selvagem, sexualmente depravado, canibal e condenando sua língua originária como desprezível.

A escrita dos sujeitos coloniais nas colônias de povoadores, inicialmente, ocorria sob supervisão imperial, pois a maioria destes escritores foram educados na metrópole e se sentiam agradecidos por escreverem na língua do colonizador, logo, a metrópole influenciava suas perspectivas e abordagens literárias. A escrita seguia as normas e critérios canônicos da metrópole e havia a negação de suas origens, por mais que seus escritos enaltessem a história local e seus significados, sua natureza, suas criaturas e formações geográficas. Em um segundo momento, surgiram os escritores que eram nascidos nas colônias, que, mesmo recebendo uma educação moldada pelos padrões da metrópole, começaram a desenvolver suas próprias vozes literárias. Já a literatura pós-independência revela uma diversidade de aspectos, havendo, ao longo do tempo, a publicação de obras que denunciam e criticam os legados da colonização. Porém, conforme as colônias avançam em direção às lutas pela independência, começa a haver

---

<sup>4</sup>The European presence is absolutely uncontested. At the same time, the landscanning European eye seems powerless to act upon or interact with this landscape that offers itself. (Pratt, 1999, p. 60).

escritos mais críticos e de denúncia. Importa ressaltar que há muita variação na produção literária conforme o modo como cada colônia se desenvolveu após a independência.

Bonnici (2005) destaca que a literatura das colônias invadidas duplamente invadidas é aquela proveniente de ex-colônias que possuíam uma cultura milenar, como a Índia, e esta cultura foi preservada, ou de colônias onde a cultura original foi devastada, como ocorreu no Caribe, e uma nova cultura foi imposta por meio da colonização violenta, incluindo a apropriação dos espaços pelos europeus e a exploração do trabalho escravizado. No primeiro tipo de colônia, a língua local foi mantida e muitos sujeitos coloniais escreveram e escrevem usando-a como forma de expressão literária, porém, no segundo tipo de colônia, a língua local foi apagada devido à dizimação da população original, e a língua do colonizador passou a ser utilizada como meio para a produção literária. Também nestas colônias houve a imitação da escrita europeia em um primeiro momento, com textos laudatórios acerca da colonização. Mas, conforme tais colônias avançam em direção à sua independência, florescem, principalmente no século XX, ganhadores de prêmios Nobel nestas, então, ex-colônias, como descreve Bonnici: “Nesses últimos quarenta anos essa literatura constitui a vanguarda da literatura escrita em língua inglesa, com muitos autores agraciados pelo Prêmio Nobel de Literatura (Naipaul, Walcott, Gordimer, Coetzee).” (2005, p. 44).

Tal evolução na produção literária pós-colonial expõe um processo gradual de questionamentos e reavaliação dos padrões estabelecidos pelo colonizador. Os escritores passaram a explorar suas próprias identidades culturais, histórias e perspectivas, rompendo com a imitação dos modelos europeus e revelando as complexidades da era colonial e suas consequências.

Ashcroft *et al.* (2000) ponderam que por serem obrigados a aprender a língua do colonizador, em um determinado momento, os sujeitos coloniais perceberam que poderiam utilizar a linguagem imperial como instrumento para rebater a ideologia dominante. Assim, o sujeito colonizado utiliza a língua europeia para retrucar o império e mostrar sua revolta contra a opressão, a violência, a injustiça e o racismo dos colonizadores, como menciona Tiffin:

As literaturas/culturas pós-coloniais são, portanto, constituídas por práticas contra discursivas em vez de práticas homólogas, e elas oferecem “campos” de estratégias contra discursivas ao discurso dominante. A operação contra discursiva pós-colonial é dinâmica, não estática: ela não busca subverter o dominante com o objetivo de ocupar o seu lugar, mas, conforme a formulação de Wilson Harris, busca evoluir estratégias textuais que continuamente “consumem”

seus próprios “preconceitos” ao mesmo tempo em que expõem e corroem aqueles do discurso dominante (1995, p. 96), tradução minha.<sup>5</sup>

Tiffin (1995) reflete haver uma cobrança para a criação de uma “realidade” nova, ou totalmente recuperada, livre de qualquer vestígio colonial, mas sabemos que a cultura pós-colonial é híbrida, ou seja, há a criação de novas formas transculturais na cultura solapada, assumindo várias formas, como a linguística, política, cultural etc. A partir disso, a escrita pós-colonial, conforme Tiffin:

[...] tem sido projeto de escrita pós-colonial interrogar discursos europeus e estratégias discursivas a partir de uma posição privilegiada dentro (e entre) dois mundos; investigar os meios pelos quais a Europa impôs e manteve os seus códigos na dominação colonial de tantos aspectos do resto do mundo (1995, p. 95, tradução minha).<sup>6</sup>

Assim, a análise das manobras subversivas para questionar o discurso europeu é uma das características que compõe os estudos pós-coloniais. As literaturas pós-coloniais são geradas por práticas contra discursivas, como a reescrita e a releitura da literatura histórica e ficcional europeia, excelentes exemplos de estratégias de subversão ao expor e “corroer” o discurso dominante.

A reescrita é uma forma de revide ao cânone literário ao ser usada pelos escritores pós-coloniais para retomar acerca de um, ou mais personagens, ou pressupostos que compõem a escrita do europeu. Bonnici (2005) comenta que a reescrita se tornou uma prática discursiva pós-colonial ao aproveitar as lacunas, silêncios, alegorias, ironias e metáforas existentes no texto canônico. Assim, “[...] surge um novo texto que subverte as bases literárias, os valores e os pressupostos históricos do primeiro.” (Bonnici, 2005, p. 52). Dessa forma, entendemos que a reescrita, no pós-colonialismo, levanta questão da subversão de textos canônicos, além de reestruturar e interrogar os pressupostos filosóficos sobre os quais o cânone literário europeu se baseava. (Ashcroft *et al.*, 2000).

Podemos citar, como exemplo dessa estratégia de revide, a obra *Foe* (1986), de J.M. Coetzee, que preenche as lacunas encontradas no romance *Robinson Crusóe* (1719), de Daniel

---

<sup>5</sup> Post-colonial literatures/cultures are thus constituted in counter-discursive rather than homologous practices, and they offer ‘fields’ of counter-discursive strategies to the dominant discourse. The operation of post-colonial counter-discursive is dynamic, not static: it does not seek to subvert the dominant with a view to taking its place, but, in Wilson Harris’s formulation, to evolve textual strategies which continually ‘consume’ their ‘own biases’ at the same time as they expose and erode those of the dominant discourse (1995, p. 96).

<sup>6</sup> [...] it has been the project of post-colonial writing to interrogate European discourses and discursive strategies from a privileged position within (and between) two worlds; to investigate the means by which Europe imposed and maintained its codes in the colonial domination of so much of the rest of the world (1995, p. 95).

Defoe, na qual há um encontro “salvífico” entre Friday e o europeu. O novo texto problematiza e interroga questões relacionadas à possibilidade de fala do personagem colonizado, Friday, além de construir um discurso legítimo. Conforme aponta Bonnici:

O romance avança na problemática posta pelo romance original e discute o silêncio do colonizado, a possibilidade de fala após uma história de brutalidades cometidas pelos europeus, o relacionamento entre o colonizador e colonizado, as modalidades não-canônicas de fala e escrita, a manipulação da história pelo europeu e a subversão gentil (o conceito de *sly civility*, discutido por Bhabha) do subalterno (2012, p. 33).

Outro exemplo de reescrita é *Wide Sargasso Sea* (1966), de Jean Rhys, que revisita o romance *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë, focando na personagem que, no original, foi objetificada e conhecida como a louca do sótão. Como afirma Bonnici:

Rhys narra a causa da loucura de Bertha, ou seja, o sentimento de opressão, a objetificação, e a calúnia sofridos pela mulher caribenha que foi induzida a casar-se com um inglês obcecado pelas suas terras. Levada a Inglaterra como louca, ela é trancada na mansão senhoril de seu marido para que ele possa usufruir seus bens. Ao contrário do romance de Brontë, que silencia sobre assuntos coloniais, o romance de Rhys é baseado em problemas de racismo, gênero, escravidão, relação metrópole-colônia e colonialismo (2012, p. 48).

Além da reescrita como forma de revide para as imposições imperiais, a releitura, outra estratégia de subversão da literatura canônica colonizadora, consiste em ler os textos literários para expor suas implicações no processo colonial, ou seja, é olhar a literatura considerada canônica pelo viés pós-colonial. Para Ashcroft *et al.* (2000) a releitura pode ser usada para analisar as obras originadas dos colonizadores, evidenciando as contradições existentes no texto e revelando suas ideologias e procedimentos coloniais. Ao lê-los por esse viés, as implicações imperialistas e os elementos coloniais, que frequentemente ficam escondidos, são revelados.

Como exemplo de releitura, a obra *A Tempestade* (1611), de Shakespeare, é uma das mais relidas pelos parâmetros pós-coloniais. Bonnici (2012) afirma que a peça apresenta fortes evidências de padrões relacionados à colonização britânica, mas, ao contrário dessa afirmação, houve autores, especificamente no século XIX, quenão viram relações entre a obra e a expansão colonial, uma vez que a América não foi citada na obra. Porém, surgiram nas últimas décadas levantamentos que focalizam a problemática existente na obra. Nesse sentido, a releitura da obra apresenta vários aspectos de colonização e de resistência, tendo foco nos personagens Calibã, que faz referência ao sujeito colonizado que foi enganado, explorado, marginalizado e objetificado pelo europeu Próspero, que é usurpador, e usa seu poder discursivo para apropriar-

se de tudo aquilo que pertence a Calibã. O discurso de Próspero marginaliza Calibã e sua imagem passa a ser difundida como a de um “monstro”, para que Próspero justifique a usurpação de sua ilha, sua escravização e outras violências contra esse sujeito que, de fato, nada tinha de monstro, era apenas um sujeito colonial e, provavelmente, um homem preto, pois sua mãe, Sycorax, chamada de “bruxa” por Próspero, vinha de Argel, capital da Argélia, país do continente africano. É pela releitura que estes elementos passam a ser entendidos e percebe-se que Sycorax e Calibã não eram monstros, mas sujeitos pretos, advindos de África. Da mesma maneira, hoje entende-se como a descrição de sujeitos coloniais em África e Américas foi depreciativa de sua imagem, de maneira a imputar medo e justificar violências contra os habitantes locais das colônias invadidas.

Outro exemplo de análise, por esse viés, é a obra *Mansfield Park* (1814), de Jane Austen, que originalmente é um romance que nos apresenta a protagonista Fanny Price, que acaba sendo adotada e morará com seus tios ricos em Mansfield Park. Lá, ela convive com diversas famílias que formam a burguesia britânica, inclusive a de seu tio Sir Thomas Bertram. No entanto, segundo Ashcroft *et al.* (2000), uma releitura desse romance pode revelar como a vida privilegiada das classes altas europeias é construída com base nos lucros obtidos na expansão do capitalismo com a agricultura das Índias Ocidentais que, por consequência, está atrelada à exploração dos sujeitos colonizados.

À vista disso, compreendemos que a reescrita é uma estratégia pela qual autores podem se apropriar de um texto da metrópole, problematizar e questionar os personagens e, assim, criar um texto que funciona como uma resposta pós-colonial à ideologia do império. Já a releitura é uma estratégia que permite ao leitor perceber as implicações sociais e políticas da colonização presentes no texto, bem como sua posição ideológica na construção do estabelecimento imperial (Ashcroft *et al.*, 2000).

A literatura pós-colonial também usa como base crítica os termos *ab-rogação* e *apropriação* da língua do colonizador, nesse sentido, há a rejeição dos escritores pós-coloniais pelo conceito “normativo”, do inglês “correto” e “padrão”, e da marginalização da língua usada por determinados grupos de colônias. Além de, conforme Ashcroft (2000), assumir a apropriação, o sujeito colonial assume a linguagem do colonizador e a põe a seu próprio serviço, como afirma:

Ao se apropriarem da linguagem imperial, de suas formas discursivas e de seus modos de representação, as sociedades pós-coloniais conseguem, atualmente, intervir mais prontamente no discurso dominante, interpolar suas

próprias realidades culturais ou usar essa linguagem dominante para descrever tais realidades para um público amplo de leitores (Ashcroft *et al.*, 2000, p. 20, tradução minha).<sup>7</sup>

Bonnici (2012) considera a ab-rogação e a apropriação como posicionamentos políticos a favor da identidade dos sujeitos coloniais, além de esclarecer que a ab-rogação não se limita apenas à língua inglesa como um meio linguístico, mas um amplo campo de atividades culturais, no qual estão inseridos o teatro, o filme, a história, a organização política, bases filosóficas e outras. A apropriação, também, constitui um posicionamento cultural, sendo mais desenvolvida nos campos da linguagem e textualidade. Os escritores pós-coloniais usam de diversas formas a língua inglesa na literatura para expor ao mundo tipos diferentes de representações literárias que antes se limitavam ao cânone.

A língua do colonizador é a herança propagada na era colonial. Entende-se que para se ter o domínio do espaço colonizado, havia a necessidade de impor a língua do dominante. No entanto, é pela maneira como o sujeito colonial a usa para contrapor o controle político europeu que surgem opiniões divergentes entre os escritores pós-coloniais acerca do uso da língua, como Ngugi Wa Thiong'o (1995), que entende haver a necessidade da descolonização da cultura, ou seja, a recuperação das línguas e das culturas pré-coloniais, além de ver isso como solução para recuperar a identidade perdida e haver o retorno às raízes africanas. Nesse sentido, Ngugi Wa Thiong'o reflete sobre a importância que dão à língua inglesa e o quanto ela está associada ao parâmetro de desenvolvimento de uma nação:

A atitude em relação ao inglês era o exato oposto: qualquer conquista em inglês falado ou escrito era altamente recompensada; prêmios, prestígios, aplausos; uma passagem para reinos mais elevados. O inglês tornou-se a medida usada para determinar a inteligência e a habilidade nas artes, nas ciências e em todos os outros campos de aprendizagem... A educação literária estava, agora, determinada pelo idioma dominante e, ao mesmo tempo, reforçava esse domínio (Ngugi Wa Thiong'o, 1995, p. 288, tradução minha).<sup>8</sup>

Ngugi Wa Thiong'o tem consciência de que as correntes colonizadoras ainda são existentes, especialmente, no ensino. O escritor defende o retorno às raízes africanas, pelo fato

---

<sup>7</sup>By appropriating the imperial language, its discursive forms and its modes of representation, post-colonial societies are able, as things stand, to intervene more readily in the dominant discourse, to interpolate their own cultural realities, or use that dominant language to describe those realities to a wide audience of readers (Ashcroft, et al., 2000, p. 20).

<sup>8</sup>The attitude to English was the exact opposite: any achievement in spoken or written English was highly rewarded; prizes, prestige, applause; the ticket to higher realms. English became the measure of intelligence and ability in the arts, the sciences, and all the other branches of learning. English became the main determinant of a child's progress up the ladder of formal education... Literary education was now determined by the dominant language while also reinforcing that dominance (Ngugi Wa Thiong'o, 1995, p. 288).

de afirmar que a língua e a cultura são produtos uma da outra, a língua carrega a cultura, e a cultura carrega a percepção de nós mesmos e de nosso lugar no mundo (Ngugi Wa Thiong'o, 1995). Por outro lado, a perspectiva de Chinua Achebe em relação à apropriação da língua é diferente. O autor compreende o uso da língua europeia como uma forma de expressar as vivências culturais e atingir um número maior de leitores, permitindo que eles se inteirem dessas experiências. Achebe reconhece o potencial da língua europeia como uma ferramenta para transmitir narrativas pós-coloniais e aumentar a conscientização sobre as realidades dos povos que foram colonizados, como afirma:

Sinto que a língua inglesa será capaz de carregar o peso da minha experiência africana. Mas terá de ser um novo inglês, ainda em plena comunhão com a sua pátria ancestral, mas alterado para se adaptar ao novo ambiente africano (Ngugi Wa Thiong'o, 1995, p. 286, tradução minha)<sup>9</sup>.

É importante destacar que essas perspectivas divergentes refletem abordagens distintas em relação ao poder e à resistência na literatura pós-colonial. Enquanto Ngugi Wa Thiong'o defende o completo abandono da língua do colonizador, Chinua Achebe reconhece a possibilidade de usá-la como uma estratégia de empoderamento e visibilidade cultural. Ambos os autores contribuem para o debate acadêmico sobre a relação entre linguagem, identidade e resistência na pós-colonialidade.

Assim sendo, a literatura pós-colonial oferece a comprovação de que jamais houve o vazio cultural alardeado pelos colonizadores na tentativa de justificar as invasões e imposições. Na verdade, os romances pós-coloniais são narrativas que apresentam aspectos sobre o povo colonizado, sobre a descolonização, a resistência e o relacionamento entre o império e a colônia por meio de análises referentes ao gênero literário, a autoria e a linguagem (Bonnici, 2005). Neste sentido, o romance aqui analisado, *Precisamos de novos nomes*, de NoViolet Bulawayo, é exemplo de como os escritores pós-coloniais, imbuídos da língua do colonizador, passam a usá-la para denunciar, criticar e subverter as histórias sobre as colonizações, difundidas, quase sempre, pelo olhar enviesado do colonizador. Na ficção, Bulawayo evidencia de fora irônica e crítica os malefícios da violenta colonização inglesa de seu país.

### 1.3 BULAWAYO: NASCE UMA NAÇÃO, NASCE UMA ESCRITORA

---

<sup>9</sup> I feel that the English language will be able to carry the weight of my African experience. But it will have to be a new English, still in full communion with its ancestral home but altered to suit new African surroundings (Ngugi Wa Thiong'o, 1995, p.286).

No Violet Bulawayo, pseudônimo de Elizabeth Zandile Tshele, é uma autora zimbabuense e ex-bolsista Stegner na Universidade de Stanford (2012-2014). Bulawayo ganhou o Prêmio Caine de Escrita Africana em 2011 por seu conto *Hitting Budapest*, sobre um grupo de crianças de rua em uma favela zimbabuense. Além de ser finalista do *Man Booker Prize* 2013, foi vencedora do *Hemingway Foundation/PEN Award* 2014. Suas obras têm recebido aclamação crítica significativa por sua habilidade em capturar com sensibilidade e profundidade as experiências de viver em situações difíceis. Bulawayo explora temas recorrentes como deslocamento e imigração, identidade cultural e pessoal, desigualdade social e econômica, e resistência política e esperança. Seu estilo é marcado por diálogos autênticos e uma forte sensibilidade para as injustiças sociais, infundindo suas narrativas com humor e empatia, mesmo ao tratar de questões sérias (The Guardian, 2014).

Bulawayo é uma voz importante na literatura contemporânea, trazendo visibilidade às experiências africanas e oferecendo uma crítica potente às injustiças políticas e sociais. Seu romance de estreia, *Precisamos de Novos Nomes* (2013), foi particularmente bem recebido. O romance acompanha a vida de Darling, uma criança nascida no Zimbábue. Na primeira parte do livro, Darling e seus amigos vivem no bairro pobre nomeado *Paraíso*, na capital Harare, onde enfrentam a pobreza, a fome e a violência. Eventualmente, Darling se muda para os Estados Unidos para viver com sua tia Fostalina. Lá, ela confronta a alienação cultural, o racismo e a saudade de casa. A obra foi elogiada por sua prosa lírica e abordagem honesta e emotiva sobre temas como imigração, identidade e a luta por um futuro melhor. Críticos destacaram a autenticidade das vozes dos personagens e a habilidade de Bulawayo em equilibrar humor e tragédia, oferecendo um retrato profundo e multifacetado das experiências dos personagens.

Segundo Helon Habila (2013), escrevendo para o *The Guardian*<sup>10</sup>, embora o livro tente abordar todos os tópicos “africanos” relevantes, como violência política, epidemia de AIDS e hipocrisia religiosa, há uma sensação de ansiedade em cobrir todos esses temas, o que às vezes pode fazer a narrativa parecer pesada. No entanto, Habila elogia o talento e a ambição de Bulawayo, ressaltando que sua capacidade de observação, comentário social e humor refrescante são os pontos fortes do livro. Ele menciona que esses elementos brilham quando Bulawayo se afasta do que parece ser uma lista de verificação de tópicos e escreve de forma mais espontânea.

---

<sup>10</sup> <https://www.theguardian.com/books/2013/jun/20/need-new-names-bulawayo-review>

Por outro lado, Leyla Sanai (2013), do *The Independent*<sup>11</sup>, elogia Bulawayo por criar personagens encantadores e alegres, que cativam o leitor enquanto revelam as dificuldades do país. A autora evita uma narrativa excessivamente sombria, mantendo uma abordagem que mistura humor com a descrição de condições duras. Darling, a protagonista, e seus amigos vivem em uma favela chamada Paradise, onde encontram maneiras de se divertir apesar das circunstâncias adversas. Bulawayo também trata da vida de imigrantes nos Estados Unidos com um toque de humor, destacando os desafios e obrigações enfrentados pelos que deixaram seu país de origem.

Michiko Kakutani (2013), do *The New York Times*<sup>12</sup>, comenta que Bulawayo nos dá uma ideia da nova vida de Darling em fragmentos que mostram tanto sua imersão quanto sua alienação da cultura americana. Segundo Kakutani, entendemos o quão perdida Darling frequentemente se sente, arrancada de todas as tradições e crenças com as quais cresceu, ao mesmo tempo desconectada da vida agitada de gratificação fácil na América.

Embora a maioria das resenhas tenha sido positiva, destacando as habilidades de Bulawayo, a obra também recebeu críticas que apontaram aspectos menos favoráveis. No *ANZ LitLovers LitBlog*<sup>13</sup>, Helen Baker (2017), expressou sua decepção com a seção americana do livro, considerando-a de gosto duvidoso. Ela criticou a forma como a protagonista retrata os Estados Unidos de maneira negativa, o que Baker achou repreensível. Lisa Hill (2017), no mesmo blog, apreciou a perspectiva refrescante da primeira seção do livro ambientada no Zimbábue, mas não gostou tanto da seção americana, achando a narrativa menos envolvente, considerando que o livro perdeu um pouco de seu impacto ao se mover para essa nova ambientação.

No Violet Bulawayo, em uma entrevista ao *The Guardian*<sup>14</sup>(2013), apresenta um extrato de seu romance *Precisamos de Novos Nomes* e explica o que a inspirou a escrevê-lo. Ela menciona que sua protagonista, Darling, foi inspirada por uma fotografia de um garoto sentado entre os escombros de sua casa demolida após o governo zimbabuano realizar a Operação Murambatsvina, uma campanha de “limpeza” em 2005 que resultou na perda de casas para algumas pessoas em assentamentos informais. Ao observar repetidamente essas imagens

---

<sup>11</sup><https://www.independent.co.uk/artsentertainment/books/reviews/review-we-need-new-names-by-noviolet-bulawayo-8772475.html>

<sup>12</sup> <https://www.nytimes.com/2013/05/16/books/we-need-new-names-by-noviolet-bulawayo.html>

<sup>13</sup> <https://anzlitlovers.com/2017/03/22/we-need-new-names-2013-by-noviolet-bulawayo/>

<sup>14</sup><https://www.theguardian.com/books/2013/nov/15/we-need-new-names-noviolet-bulawayo-guardian-first-book-award>

assombrosas, Bulawayo ficou obcecada em saber para onde essas pessoas iriam, quais eram suas histórias e como se desenvolveriam – e, mais importante, o que aconteceria com o garoto na primeira imagem que viu. Nesse sentido, no romance a autora ficcionalizou isso da seguinte forma: “Quando os tratores finalmente vão embora, tudo está esmagado, tudo está destruído. Há rostos tristes em toda parte, asfixiando-se por causa da poeira, paredes quebradas e tijolos em toda a parte, as lágrimas no rosto em toda parte” (Bulawayo, 2014, p. 64). O projeto de escrita acabou se centrando nessa investigação. O país serviu como pano de fundo, especialmente num momento em que estava se desintegrando devido ao fracasso de liderança. Ela também foi inspirada pelo que as crianças representam: sua inocência, resiliência, humanidade e humor, e o que elas nos dizem sobre nosso mundo. Segundo Bulawayo, é isso que dá vida ao romance. Ela observa que estamos vivendo em uma época em que o mundo está se tornando menor e desejava que o romance refletisse essa realidade, razão pela qual a narrativa eventualmente cruza a fronteira para os EUA, onde Darling acaba. Conforme a autora: “Uma das histórias com as quais me importo, talvez por viver neste espaço, é a história do imigrante, especificamente como ela pode ser difícil e a necessidade de falar sobre ela – especialmente porque afetaos jovens, cujas vozes muitas vezes não são ouvidas. Eu queria que Darling tivesse voz e fosse relevante.” (Bulawayo, 2013).

Já em 2015, em uma entrevista conduzida por Christian Hartselle<sup>15</sup> (2015), Bulawayo apresenta como sua infância no Zimbábue e sua vida adulta nos EUA influenciam na sua escrita. Ao ser questionada sobre o que a surpreendeu com a publicação de sua obra, *NoViolet* Bulawayo comentou que ficou surpresa ao ver que muitos acreditavam que o livro havia sido escrito para o Ocidente, algo que não havia passado por sua cabeça. Com isso, ela percebeu que “[...] quando seu livro é lançado, você não é mais o dono dele; os leitores terão opiniões e essa é uma delas”. O jornalista aproveitou a oportunidade para discutir sobre o ato de tirar fotos das crianças, um episódio que se repete algumas vezes no romance, como por exemplo, quando a mulher branca que está visitando o país de origem de seu pai pela primeira vez pede para tirar fotos:

Vocês se importam se eu tirar uma foto? [...]. A gente não responde[...]; ficamos só olhando para a mulher, para o seu cabelo desgrenhado, para a saia que varre o chão quando ela caminha, para seus belos pés espreitando dali debaixo, para sua África de ouro, para seus grandes olhos, para sua pele lisa que não tem sequer uma cicatriz para mostrar que está viva, para o brinco o seu nariz, para sua camiseta que diz *Salvem Darfur*. [...] Ótimo, então agora

<sup>15</sup> <https://digitalcommons.butler.edu/manuscripts/vol80/iss1/53/>

fiquem todos juntos, diz a mulher. [...] Ótimo, ótimo, agora digam *xis, xis, xiiiiis* [...]” (Bulawayo, 2014, p. 15).

O trecho evidencia o modo como os brancos ainda vêm com exotismo as crianças pobres de países africanos, como o Zimbábue. A personagem, com a camiseta fazendo referência ao conflito no Sudão, é uma maneira irônica de criticar o modo como os sujeitos brancos, europeus, descendentes de colonizadores que usurparam países africanos, lançam protestos inúteis, como em camisetas, nunca eficazes, contra conflitos, guerras, situações de miséria e desigualdade causadas justamente pelas invasões coloniais. Há um trecho em que a ideia do exotismo da pobreza africana é ainda mais evidenciada:

[...] o homem começa a tirar fotos com sua câmera grande. Eles só gostam de tirar fotos, esse pessoal da ONG [...]. Eles não se importam que a gente esteja com vergonha por causa da nossa roupa rasgada e suja, que a gente ia achar melhor se não fizessem isso; tiram as fotos de qualquer jeito, tiram e tiram fotos. A gente não reclama, porque nós sabemos que depois das fotografias vêm os presentes. (Bulawayo, 2014, p. 51).

O trecho evidencia como se sentem as crianças, incomodadas por serem fotografadas em suas roupas, em sua pobreza. Sobre isso o entrevistador perguntou se o objetivo de descrever tais episódios era apresentar a desumanização que os zimbabuanos podem sentir com esse tipo de ação. Bulawayo respondeu refletindo sobre as atitudes daqueles que tiram as fotos sem se importarem com os retratados. Segundo ela, isso envolve questões de poder, privilégio e direito sobre o corpo de outra pessoa. Ela mencionou que não lembra de ter fotografado os americanos de maneira avulsa, especialmente em situações de calamidade. O trecho sobre as fotos tiradas pelos membros da ONG continua: “Quando ele vê a Chipo com a sua barriga, fica tão surpreso [...]. Então ele se lembra do que veio fazer [...], agora tirando muitas fotos da Chipo. É como se ela agora fosse a Paris Hilton, só clique-flash-flash-clique” (Bulawayo, 2014, p. 52). Essa comparação de Chipo com Paris Hilton foi um jogo de informações, com certa ironia, porque, mesmo Darling e seus amigos não vivendo em uma cultura obcecada por celebridades, ainda assim estão cientes da existência desse fenômeno. Bulawayo comentou que, se invertermos a situação, as pessoas do Ocidente não saberiam nem ao menos o nome do presidente do Zimbábue.

Bulawayo afirmou que *Precisamos de Novos Nomes* é um livro que deve fazer as pessoas pensarem e conversarem sobre o que deve nos preocupar como comunidades. Para ela, a primeira parte do romance foi a mais difícil de escrever, pois partia de um lugar real. O mesmo país que proporcionou uma bela infância transformou-se em um lugar com cortes de energia e

água, onde uma alta porcentagem de pessoas perdeu seus empregos, o sistema de saúde foi paralisado e as eleições foram marcadas pela violência

Portanto, a escrita de NoViolet Bulawayo, especialmente em seu romance *Precisamos de novos nomes*, oferece uma contribuição significativa para a teoria pós-colonial ao explorar temas de deslocamento e identidade, dar voz a personagens marginalizados, criticar o colonialismo e o pós-colonialismo, exemplificar o hibridismo cultural e retratar a resistência e resiliência diante das adversidades. Sua obra desafia narrativas hegemônicas, destacando as complexas dinâmicas pós-coloniais, proporcionando uma plataforma para vozes subalternas, contribuindo assim para uma compreensão mais profunda dessas questões.

Com seu segundo romance, *Glory* (2022), Bulawayo reafirma sua habilidade em abordar temas políticos e sociais com criatividade e ousadia, consolidando sua posição como uma das vozes mais proeminentes da literatura contemporânea africana. Segundo o jornal *The Guardian* (2022), o romance *Glory* é inspirado em *A revolução dos Bichos*, de George Orwell. Situado no reino animal de Jidada, o livro narra a queda do Cavalo Velho após 40 anos de o regime opressor do governo e o subsequente período de desilusão sob o novo líder, Tuvius Delight Shasha. Bulawayo utiliza um coro de vozes de animais para revelar a crueldade do poder absoluto e a força necessária para derrubá-lo, destacando a protagonista Destiny, uma jovem cabra que testemunha a revolução. A autora usa a sátira política para abordar o golpe de 2017 no Zimbábue, criando uma alegoria que mistura comédia, farsa e crítica social. Sua escrita destaca a coragem e a urgência em refletir o Zimbábue contemporâneo e o mundo.

## CAPÍTULO 2

### 2.1 OUTREMIZAÇÃO E VIOLÊNCIA EM UM PAÍS PÓS-COLONIAL

O romance *Precisamos de novos nomes* concentra-se na perspectiva de Darling, uma menina de dez anos que revela as terríveis circunstâncias de seu país natal e sua jornada para os Estados Unidos em busca da utopia americana de oportunidades para todos. Suas experiências são moldadas pelas marcas da colonização inglesa em sua terra, evidenciadas até mesmo em seu próprio nome: Darling.

A primeira parte da narrativa não apenas retrata a infância de Darling, mas também lança luz sobre a dinâmica de outremização que permeia a sociedade zimbabuense. A outremização é crucial para entender as estratégias de dominação dos colonizadores sobre os colonizados, pois a base do discurso colonial é a dicotomia Outro/outro. Neste sentido, a outremização refere-se ao processo pelo qual o discurso imperial fabrica o *outro*: o sujeito colonial, excluído, considerado inferior, sem história, sem cultura, que passa a existir a partir da perspectiva do colonizador.

À medida que as crianças são expostas às injustiças e desigualdades estruturais do país, elas não apenas testemunham a pobreza e a exploração, mas também internalizam e reproduzem certas hierarquias sociais. Este processo, com raízes históricas na colonização e na marginalização sistêmica de certos grupos étnicos, é evidente na maneira como as crianças, incluindo Darling, percebem e interagem com aqueles em posições sociais distintas. A consciência emergente da hierarquia social contribui para a transição da inocência para uma visão mais crua do mundo, destacando como a outremização e a desigualdade são internalizadas e perpetuadas na sociedade zimbabuense.

Antes de aprofundar essa análise, é fundamental compreender o conceito de “outremização”. O termo traz a ideia do Colonizador ser o *Outro*, com letra maiúscula, e só se tornar este *Outro* após colonizar o *outro*, como afirma Ashcroft, ao entender que na “explicação de Spivak, a alteridade é um processo dialético porque o Outro/colonizador se estabelece ao mesmo tempo, em que os outros/colonizados são produzidos como sujeitos” (Ashcroft et al., 2000, p. 171, tradução minha).<sup>16</sup> Isso significa que o discurso imperial constrói os outros a partir da sua própria realidade, como explicou Pratt (1999) com a metáfora dos “olhos do império”.

---

<sup>16</sup> Spivak's explanation, othering is a dialectical process because the colonizing Other is established at the same time as its colonized others are produced as subjects. (ASHCROFT et. al, 2000, p. 171)

Compreende-se que a relação Outro/outro surge apenas quando o colonizador (Outro) impõe sua visão de mundo ao colonizado (outro), tornando-o inferior e diminuindo suas vivências. Spivak ressalta que essa relação dialética é criada na relação colonial imposta pelo colonizador. Assim, o contraste entre Outro/outro é resultado do discurso colonial formado com a chegada dos colonizadores. Antes da chegada dos europeus, os sujeitos coloniais não eram “outros”, pois não havia diferenciação entre raças, etnias ou culturas. A colonização trouxe a distinção entre colonizador e colonizado, civilizado e selvagem, europeu e não europeu.

Darling personifica as consequências da colonização em sua terra natal. Seu nome, reminiscência da influência britânica, contrasta com sua realidade de desigualdade e exploração, refletindo teorias pós-coloniais sobre a imposição da cultura colonizadora sobre as culturas locais. Na primeira parte do romance, ambientada em Harare, no Zimbábue, em 2008, a narrativa emerge de uma perspectiva marginalizada em um contexto pós-colonial, onde a independência das ex-colônias resulta em traumas devido aos conflitos internos e à instabilidade política e econômica. Logo de início, somos apresentados à situação da inflação econômica, em que o dinheiro zimbabuano perdeu seu valor:

O que eu não entendo é como esse mesmo dinheiro que eu tenho aos montes não dá para comprar nem um grão de sal [...]. E o dinheiro americano de que estão falando exatamente onde eles acham que eu vou conseguir eles pensam que é só cavar um buraco e vai estar ali acham que eu vou defecar o dinheiro? (Bulawayo, 2014, p. 29-30).

Através dos olhos de Darling, vemos como a outremização afeta os personagens e seus conflitos internos e externos. A percepção de si mesmos como inferiores e a aceitação das hierarquias impostas pelos colonizadores moldam suas identidades e interações sociais, perpetuando a desigualdade e a exclusão. Assim se sente Darling quando chega no bairro dos brancos: “Este lugar não é como o Paraíso, é como estar num país completamente diferente. Um país agradável, onde vivem as pessoas que não são como nós, [...] Fico sempre esperando as ruas limpas nos cuspirem e nos dizerem para voltarmos pro lugar de onde viemos” (Bulawayo, 2014, p. 12). A ideia da diferença se evidencia na percepção de Darling, pois sabe que aquele bairro é povoado por pessoas “que não são como nós”. O não pertencimento ao seu próprio país é uma metáfora de como os sujeitos coloniais foram expulsos de seu próprio espaço, por isso a menina espera que sejam cuspidos daquele bairro tão limpo, tão agradável, tão oposto ao que ela e seus amigos, pobres, sujos e pretos, representam.

Desde os primeiros contatos coloniais, o olhar do colonizador sobre o colonizado posiciona-o como inferior, e as formas de vida dos sujeitos coloniais passaram a ser vistas como “erradas”. Aquilo que pertencia a eles serviria para desempenhar um futuro econômico promissor ao colonizador. A criação de estereótipos negativos sobre os sujeitos coloniais sempre foi uma estratégia capitalista, pois, ao torná-los *outros*, inferiores, justificava-se a apropriação de seus territórios e riquezas.

A diferenciação entre *Outro* e *outro* surge quando o colonizador se impõe como superior ao colonizado. De acordo com Ashcroft et al. (2000), a construção do *Outro* se dá ao mesmo tempo que o *outro* é construído. Esta relação evidencia como o retrato do sujeito colonizado é assimilado pelo mundo, pois a Europa, então colonizadora, propagava essa visão com o objetivo de explorar economicamente o que pertencia aos colonizados.

A dicotomia *Outro/outro* apresenta o sujeito colonizado como *outro*, já que a centralidade da história apresentada pertence ao colonizador, logo, esse é visto como *Outro*. Através daquilo que o império mostra ao colonizado, ele se vê como primitivo, incapaz, inculto, selvagem, dentre outros estereótipos criados pelo *Outro*, consolidando o discurso de ódio eurocêntrico, como pondera Ashcroft ao definir quem é o *outro*:

Na teoria pós-colonial, [o outro] pode referir-se aos outros/colonizados que são marginalizados pelo discurso imperial, identificados pela sua diferença em relação ao centro e, talvez de maneira crucial, tornam-se o foco do domínio antecipado pelo “ego” imperial. (Ashcroft *et al.*, 2000, p.171, tradução minha).<sup>17</sup>

Na primeira parte do romance, *Darling* nos apresenta sua vida e seu lar em Paraíso. Desde o início, enquanto ela e seus amigos conversam, fica evidente a situação de miséria em que vivem. *Darling* descreve as dificuldades enfrentadas por sua comunidade, como as casas precárias feitas de zinco, tão pequenas que mal comportam os adultos, sendo mais amontoados do que verdadeiros lares, e a fome que assola a todos:

O Paraíso é todo de zinco [...], os barracos são da cor barrenta das poças sujas depois das chuvas. Os barracos são horríveis, mas daqui parecem muito melhores, quase bonito até; é como se estivesse vendo uma pintura (Bulawayo, 2014, p.37).

---

<sup>17</sup> In post-colonial theory, it [the other] can refer to the colonized others who are marginalized by imperial discourse, identified by their difference from the center and, perhaps crucially, become the focus of anticipated mastery by the imperial ‘ego’. (ASHCROFT et al., 2000, p. 171).

A ironia do nome Paraíso reside no contraste entre a expectativa de um lugar idílico e a realidade da favela de zinco, marcada pela pobreza e pela precariedade. Além disso, o pensamento de Darling ao ver beleza na distância reforça a ironia, pois aquilo que é feio e intolerável de perto parece bonito e suportável de longe. Isso será metaforizado adiante no romance, quando, distante do Paraíso, de Harare, do Zimbábue, já morando nos Estados Unidos, a menina sentirá saudade da vida ali e verá tudo com olhos mais amenos, saudosistas, menos críticos, já que perceberá que o sonho americano não era exatamente o que se prometia.

Loomba (2005) afirma que o contato entre o europeu e o não europeu gerou uma quantidade significativa de imagens e ideias, pois o Outro, ao posicionar-se como centro, estereotipou aqueles à margem, os sujeitos colonizados. Toda a diferença entre o Outro e o outro começou com a fala produzida pelos colonizadores, criando através de seu discurso a separação entre quem é nobre (colonizador) e comum (colonizado). O discurso colonial estabelecia paradigmas que consolidavam as diferenças entre os indivíduos. Foucault teorizou o discurso como um processo pelo qual os grupos dominantes impõem seu conhecimento, disciplina e valores aos grupos dominados. (Ashcroft et al., 2000). Bonnici (2005) comenta que os sujeitos coloniais são obrigados a “aceitar” esse discurso, que é pré-existente a si. Suas identidades são formadas pela aceitação e inserção de discursos colonizadores, pois quem tem poder controla como se fabrica o saber.

No romance, as crianças veem o país delas, Zimbábue, como um país de “kaka”, repetindo um discurso depreciativo que foi instalado na era colonial. Esse discurso colonial fomentava a ideia de que as colônias e suas culturas eram inferiores e incapazes de prosperar sem a intervenção e o controle dos colonizadores. Mesmo após a independência, essa visão negativa do próprio país e de sua capacidade de desenvolvimento persiste, afetando as aspirações dos cidadãos. No entanto, as novas lideranças têm responsabilidade nesse processo, pois, em vez de romperem com as estruturas coloniais, muitas vezes perpetuam políticas herdadas, o que mantém as desigualdades sociais e urbanas. Sem uma revisão dessas práticas, continuam a reproduzir cidades desiguais e uma hierarquia social que reflete as divisões coloniais, impedindo uma verdadeira transformação pós-colonial.

O começo do romance revela as aspirações das crianças. Sbhó expressa o desejo de um dia viver em uma casa semelhante às mansões de Budapeste, associando essa ideia a uma vida que incluía uma casa com cerca e árvores, situada em um ambiente limpo e agradável: “Eu vou me casar com um homem de Budapeste. Ele vai me levar para longe do Paraíso, para longe dos barracos e do Heavenway e da Fambeki e tudo mais” (Bulawayo, 2014, p.18). Essa aspiração

de Sbho é profundamente metafórica, pois ela simboliza o desejo de escapar da pobreza e da marginalização que caracterizam a vida no Paraíso. Sbho, uma menina com sonhos de uma vida melhor, representa um grupo maior de sujeitos coloniais que anseiam por uma existência mais digna e plena, longe das limitações e dificuldades impostas pelo passado colonial e pela realidade presente.

Por outro lado, Bastard expressa seu desejo de deixar o país de “kaka” em que mora: “[...] vou me mandar desta kaka de país. Então vou ganhar um monte de dinheiro e voltar e comprar uma casa aqui mesmo em Budapeste. Ou melhor ainda, muitas casas: [...] uma em Los Angeles, uma em Paris. Onde eu quiser” (Bulawayo, 2014, p.19). A aspiração de Bastard não é apenas uma busca por riqueza, mas também por um *status* que ele vê como inatingível em sua atual situação. A ambição de possuir casas em lugares internacionalmente renomados e prestigiados, como Los Angeles e Paris, simboliza o desejo de transcender as barreiras econômicas e sociais que limitam sua realidade. É, novamente, a figuração do anseio de outra parcela da população de países explorados como o Zimbábue. Enquanto isso, Darling, diferentemente dos seus amigos que desejam morar em Budapeste, onde imaginam uma vida de abundância, diz “Eu vou para a América morar com a minha tia Fostalina, não vai demorar muito, vocês vão ver” (Bulawayo, 2014, p. 19), numa referência ao grande “sonho americano”, de “vencer na vida”, o que só é possível em um país de oportunidades, não em ex colônias empobrecidas e cheias de desigualdade. Essa busca por oportunidades em terras estrangeiras não apenas reflete um anseio pessoal, mas também uma tentativa de escapar das adversidades enfrentadas em sua própria nação. O sonho de cada uma destas crianças simboliza o sonho de toda a nação. A conscientização das diferenças entre sua vida e a dos brancos em Budapeste revela a desigualdade e marginalização que permeiam a sociedade zimbabuana, reforçando os aspectos de outremização presentes na narrativa.

Além disso, os nomes das crianças são simbólicos e carregam significados que refletem suas identidades e circunstâncias. Por exemplo, quando Darling diz: “Eu sei que ele só está dizendo isso porque tem inveja. Porque ele não tem ninguém na América [...] porque ele é o Bastard e eu sou a Darling” (Bulawayo, 2014, p.21). A fala de Darling destaca as conotações dos nomes. *Darling*, que significa *querida* ou *amada*, sugere alguém que é valorizada e cuidada, enquanto *Bastard*, que significa *bastardo*, carrega uma ideia de ilegitimidade e rejeição.

Ashcroft et al. (2000) ressaltam que quem tem o poder controla o que é conhecido e a forma como é conhecido, e quem tem esse conhecimento tem poder sobre quem não o tem. A ligação entre conhecimento e poder é particularmente importante nas relações entre

colonizadores e colonizados. Assim, o colonizador ensina a “verdade” fabricada para ser creditada pelos povos colonizados, afirmando os valores europeus (linguagem, religião e costumes) como verdadeiros, universais e absolutos.

A violência física e simbólica foi uma estratégia essencial para consolidar essa hierarquia. A ideia do “novo mundo” encontrada pelos viajantes europeus foi interpretada através de um filtro ideológico que justificava a imposição de mudanças sob o pretexto de uma “missão civilizadora”. Uma das heranças deixadas pelos colonizadores, que foi incorporada como parte da colonização e assimilação cultural, a imposição religiosa pelos colonizadores, é evidente no romance. Darling e seus amigos são expostos tanto às tradições africanas quanto ao cristianismo ocidental. No bairro Paraíso, as práticas religiosas tradicionais coexistem com o cristianismo, como evidenciado quando Darling e sua avó, Mother of Bones, passam pelo barraco do curandeiro Vodloza:

Quando passamos pelas pessoas em pé na fila do lado de fora do barraco do Vodloza, a Mother of Bones só acena; aqui ela não pode gritar, porque é a casa de um curandeiro. [...] Elas esperam por Vodloza para que ele faça adivinhações através dos seus antepassados, porque é isso que ele faz (Bulawayo, 2014, p. 31).

A avó de Darling, Mother of Bones, é cristã, e todos os domingos, ela leva Darling à igreja, porque acredita que elas são pecadoras. Mother of Bones representa os praticantes da fé cristã. No entanto, como em todo o continente africano, é perceptível que os locais possuem suas próprias religiões e, muitas vezes, são limitados de praticar suas culturas religiosas tradicionais, pois podem ser vistas como atos profanos, uma vez que o cristianismo foi imposto durante a era colonial, mas houve a subversão dessa imposição, criando crenças próprias e adaptando-as às suas práticas religiosas tradicionais. Essa subversão e adaptação são maneiras pelas quais as comunidades africanas mantiveram suas identidades culturais e resistiram à assimilação total.

A autora também critica a exploração religiosa através do personagem Profeta Revelations Bitchington Mborro. O nome do profeta carrega uma carga depreciativa: “bitch” (vadia) e “Mborro” (pênis no dialeto Shona, do Zimbábue). Há um episódio em que Darling presencia o Profeta abusando sexualmente de uma mulher na presença de seus fiéis, alegando que a mulher está possuída:

O profeta Revelations Bitchington Mborro reza pela mulher desse jeito, deitado em cima dela e chamando Jesus e gritando versículos da Bíblia. Coloca as mãos na barriga dela, mas suas coxas, em seguida coloca a mão

naquele lugar dela e começa a esfregar, rezando muito, como se houvesse algo de errado ali. Seu rosto está em chamas agora, brilhante. A mulher bonita agora só aparece um trapo, a beleza se foi, a força se foi (Bulawayo, 2014, p. 41-42).

Neste incidente, o Profeta utiliza sua posição de autoridade espiritual para cometer atos de violência sexual e manipulação, explorando a vulnerabilidade e a confiança de seus seguidores. O que chama nossa atenção é como Darling, sendo uma criança, descreve esse acontecimento de forma direta e objetiva, sem compreender completamente a complexidade ou o comportamento impróprio do profeta. Sua visão inocente pode captar estranheza da situação, mas sem reconhecer plenamente sua natureza abusiva. Isso sublinha como a inocência infantil pode às vezes não captar a gravidade de determinadas situações, como o abuso de poder ou a violência sexual. Essa perspectiva de Darling, de maneira simbólica, enfatiza a vulnerabilidade dos seguidores do profeta que confiam nele para a orientação espiritual e podem ser explorados ou manipulados em sua busca por segurança espiritual.

Outro episódio acontece quando a família de Darling recorre aos milagres do profeta quando o pai da menina, que havia ido para a África do Sul em busca de uma vida melhor, retorna severamente doente e prestes a morrer. Numa tentativa de curá-lo, a família recorre ao profeta, que acredita que não seja uma doença, mas sim o espírito do avô de Darling, que antes estava nela, mas agora se apossara do pai de Darling:

Para vingar o espírito e curar o Pai, [...] precisamos encontrar dois bodes virgens brancos e gordos para serem levados até a montanha para o sacrifício, e o Pai tem de ser banhado no sangue dos bodes. Além disso, o Profeta Revelations Bitchington Mborro diz que vai precisar de quinhentos dólares como pagamento, e se não houver dólares, euros também servem. (Bulawayo, 2014, p. 91).

Esse episódio revela a exploração da fé alheia em momentos de desespero, pois o profeta exige um sacrifício ritualístico envolvendo bodes e um pagamento de quinhentos dólares, uma quantia que está fora do alcance da família e da maioria dos moradores do amontoado de zinco. Isso ilustra como a fé pode ser explorada e manipulada por indivíduos que se apresentam como líderes espirituais, mas cujas motivações são questionáveis. Vemos que o profeta não demonstra compaixão genuína pelos seguidores, priorizando apenas o seu próprio benefício financeiro. Essa exploração é simbólica, pois há uma crítica profunda à imposição do cristianismo e de outras religiões em muitas sociedades colonizadas. Essas religiões frequentemente substituíram ou suprimiram práticas espirituais e crenças tradicionais, às vezes resultando em práticas desonestas como as exemplificadas pelo profeta.

Em um determinado momento da obra, descobrimos que a amiga de Darling, Chipó, está grávida, vítima da violência sexual cometida pelo próprio avô. Chipó havia ficado muda após o estupro, que podemos compreender como uma simbologia do silenciamento feminino causado pelo trauma da violência:

Esta é a primeira vez muito tempo que a Chipó fala [...] Ele fez isso, o meu avô, eu estava voltando para casa depois de brincar de Encontrar Bin Laden e a minha avó não estava lá e o meu avô estava e ele subiu em mim e meu avô prendeu assim e ele fechou a mão sobre a minha boca e era pesado como uma montanha [...] Fico olhando para ela e ela tem uma expressão de dor espalhada por todo o rosto (Bulawayo, 2014, p. 42).

A violência sexual durante a era colonial estabeleceu uma triste narrativa de poder e controle sobre os corpos colonizados, silenciando as vozes das vítimas e perpetuando ciclos de trauma e opressão. Essa dinâmica de subjugação e objetificação dos corpos femininos se reflete de forma contundente no romance. Este evento chocante que incide sobre Chipó, que tem apenas 11 anos de idade, não é apenas uma tragédia individual, mas também uma representação simbólica do silenciamento sistemático das mulheres e crianças colonizadas, uma prática que tem suas raízes profundas na era colonial. Chipó, assim como muitas outras vítimas da violência sexual, é confrontada não apenas com a brutalidade do ato em si, mas também com o peso do silêncio imposto pela sociedade, um silêncio que ecoa os horrores do passado colonial. Além disso, a compreensão de Chipó sobre a gravidade do que aconteceu com ela vem à tona quando ela testemunha o comportamento do Profeta Revelations sobre a mulher na igreja. Ao ver o que o pastor faz com a mulher, ela parece ligar sua própria experiência à injustiça e à exploração sexual que presencia, o que desperta uma compreensão mais profunda do que ela mesma passou.

A violência sexual e o estupro cometidos pelos colonizadores contra os habitantes das terras usurpadas também eram utilizados como forma de dominação e controle, refletindo a mentalidade de superioridade racial e poder dos colonizadores. Esses atos desumanizavam e desvalorizavam os sujeitos colonizados, intensificando a opressão sobre as mulheres colonizadas, especialmente devido ao sistema escravagista e ao patriarcado colonial. Como pondera Loomba, as “mulheres colonizadas não eram apenas objetificadas nos discursos

coloniais, mas também seu trabalho, tanto sexual quanto econômico, alimentava a máquina colonial” (2005, p.145, tradução minha).<sup>18</sup>

Chipo carrega em si a marca da violência que caracteriza uma sociedade marginalizada. Chipo é simbologia de seu país, o Zimbábue, violado. Os países que foram colonizados e explorados, como é o caso do Zimbábue, enfrentam os efeitos devastadores da usurpação europeia, que incluem pobreza, miséria, desemprego, instabilidade econômica, desigualdade social e, como resultado, uma maior incidência de injustiças sociais entre as camadas mais pobres da população. No contexto das mulheres, essas adversidades são agravadas por uma cultura patriarcal, que perpetua a noção da inferioridade e objetificação feminina.

Além disso, ao observar a expressão de Chipo, Darling compreende que a amiga anseia por algo a ser dito. No entanto, o que uma criança, que de alguma maneira demonstra inocência em relação a esse tipo de tragédia, poderia dizer? O que Darling tinha a oferecer? Então, Darling oferece aquilo que está ao alcance delas: “Você quer ir roubar goiabas?” (Bulawayo, 2014, p.42). Como poderia confortar sua amiga Chipo na miséria em que viviam? Este gesto revela a ausência de opções e oportunidades em suas vidas. A cena sugere uma certa tranquilidade diante das dificuldades e a aceitação de uma existência limitada, onde até mesmos pequenos prazeres como roubar frutas se tornam uma válvula de escape da dura realidade que enfrentam. Isso ressalta mais a ideia da miséria e da desesperança que permeia suas vidas, enfatizando a dificuldade de encontrar conforto ou esperança em um contexto tão desolador.

O discurso colonial posiciona o colonizador no centro e o sujeito colonial na margem, intensificando a centralidade do domínio imperial. Essa dinâmica coloca o sujeito colonizado como não-europeu e negativo, enquanto o europeu é visto como superior. Assim, a diferença entre colonizador e colonizado deriva das oposições binárias.

O termo binarismo refere-se a posições hierárquicas que definem oposição. A ideia do termo foi estabelecida por Saussure. O linguista sustentava que os signos têm significados mais do que a simples menção a objetos reais, mas sim pela sua oposição a outros signos. As estruturas binárias, de acordo com as teorias estruturalistas, implicam uma hierarquia violenta, ou seja, um termo da oposição será sempre dominante (Ashcroft *et al.*, 2000). Conforme Bonnici (2005), o binarismo, favoreceu a teoria pós-estruturalista, pois “No campo literário, a desconstrução de Derrida revisita a tensão entre o termo privilegiado (o centro) e o termo não

---

<sup>18</sup> “Colonised women were not simply objectified in colonial discourses—their labour (sexual as well as economic) fed the colonial machine” (Loomba, 1999, p. 145).

privilegiado (a periferia)” Bonnici (2005, p. 17). No contexto colonial, o europeu usa o sistema de oposições binárias para demonstrar a sua superioridade em relação ao outro, ao sujeito colonizado, à colônia. Assim explicam Ahscroft et al:

Oposições binárias são estruturalmente relacionadas, e no discurso colonial pode haver um espaço dentro do subjacente binarismo – colonizador/colonizado – que se pode ser restabelecido em qualquer texto de vários modos, ex.: colonizador/colonizado; branco/preto; civilizado/primitivo; bom/mal; avançado/atrasado; bonito/feio; humano/bestial; professor/aluno; médico/paciente. (2000, p. 24, tradução minha)<sup>19</sup>

No romance de Bulawayo, a teoria das oposições binárias é claramente refletida na narrativa. O primeiro capítulo, intitulado *Chegada em Budapeste*, destaca a sensação de exclusividade que permeia esse espaço urbano. Darling e seus amigos percorrem as ruas imaculadas, ladeadas por mansões deslumbrantes deste bairro, em contraste marcante com a favela ondesidem, descrita como: “O Paraíso é todo de zinco e se estende ao sol” (Bulawayo, 2014, p.37). O início da narrativa é marcado pela distinção entre *eles* e *nós*, *aqui* e *lá*, criando uma clara dicotomia que ressalta a visão binária:

Este lugar não é como o Paraíso, é como estar em outro país completamente diferente. Um país agradável onde vivem as pessoas que não são como nós [...] Budapeste é grande, casas grandes com antenas parabólicas nos telhados e quintais elegantes cobertos de cascalho ou gramados bem aparados [...] Fico sempre esperando as ruas limpas nos cuspirem e nos dizerem para voltarmos pro lugar de onde viemos (Bulawayo, 2014, p. 11-12).

Essa dicotomia delinea uma fronteira perceptível entre pertencimento e estranhamento, à medida que Darling e seus amigos confrontam a disparidade entre o mundo ao qual pertencem e o luxuoso universo de Budapeste. O bairro de elite é habitado por pessoas brancas, representando uma clara distinção de classe e raça. Isso ressalta a percepção de estranhamento e diferença, evidenciando a outremização dos moradores do bairro sobre as crianças negras. O binarismo aqui é bastante contundente, pois as crianças percebem que os moradores de Budapeste não são como elas. Essas pessoas não são pretas, não são pobres, não moram em barracos, não roubam goiabas. Elas não foram colonizadas; na verdade, são descendentes de colonizadores. As crianças percebem claramente que os moradores de Budapeste ocupam um

---

<sup>19</sup> Binary oppositions are structurally related to one another, and in colonial discourse there may be a variation of the one underlying binary – colonizer/colonized – that becomes rearticulated in any particular text in a number of ways, e.g. colonizer: colonized; white : black; civilized : primitive; advanced : retarded; good : evil; beautiful : ugly; human: bestial; teacher: pupil; doctor: patient. (Ashcroft, 2000, p. 24).

mundo completamente diferente e inalcançável, sendo o local onde moram ser um marcador de pertencimento e exclusão daqueles que não são como eles.

Também sobre isso, Said (1995) entende que a oposição binária Oriente/Ocidente serviu para o fortalecimento da Europa, conforme os contrastes levantados pelo império que caracterizavam o Oriente e o Ocidente. Para o autor, tanto o Oriente quanto o Ocidente são ideias, com uma história e uma tradição de pensamento, de imaginário e de vocabulário. Os dois polos geográficos estão intimamente relacionados e, de certa forma, influenciam-se mutuamente. Dessa forma, Said apresenta dois focos principais: o primeiro é a tentativa de analisar a construção da imagem que o Ocidente construiu em relação ao Oriente ao longo dos séculos. Essas construções envolvem estereótipos, homogeneização e interiorizações que o Ocidente criou ao Oriente. Além de integrar as imagens que nos são apresentadas de forma simplista a respeito do Oriente, procura-se desconstruir ficções ideológicas que surgem mediante discursos de alteridade, que visam justificar a dominação do *outro*. O segundo foco é para mostrar o campo de estudo que surgiu, o Orientalismo. O autor percebe que, nos estudos orientais, há uma forma de dominação, uma tentativa de reduzir o *outro*, categorizá-lo de forma que seja possível controlá-lo.

Para Said (1995), o Oriente é como um intelectualismo, montado por especialistas nomeados como orientistas, pesquisadores na área de linguagem, cultura, história, e que se julgam conhecedores desse assunto. O orientalismo é um conjunto extenso de saberes, que reúne conhecimentos linguísticos, religiosos, geográficos, históricos e culturais. Apesar disso, esses conhecimentos servem para o controle. Said ainda apresenta uma reflexão a respeito da dupla face atribuída ao Oriente: por um lado, rico, exuberante e culto; por outro, pobre, submisso e caótico.

No romance, vemos como a outremização afeta os personagens. No bairro Paraíso, as crianças buscam entretenimento como podem. Darling narra um jogo que ela e seus amigos intitulam de “jogo dos países”, que pode ser interpretado como uma representação do reducionismo em relação a alguns países. Essa simplificação reflete a visão limitada e preconceituosa de Darling e seus amigos, mas também a maneira como o mundo é percebido através de lentes distorcidas e preconceituosas. O jogo perpetua uma ideia de superioridade e inferioridade entre as nações: “Todo mundo quer ser os EUA e a Inglaterra e a Austrália e a Suíça e a França e a Itália e a Rússia e países desse tipo. Estes são os países-países” (p. 49). Há também aqueles que estão no meio termo, não sendo países tão ruins de se viver e talvez a vida seja melhor lá do que no local onde eles estão.

Os pensamentos de Darling e seus amigos refletem as estruturas de poder e dominação. A colonização não apenas impôs uma visão eurocêntrica do mundo, mas também estabeleceu ideias de hierarquia racial, cultural e geográfica que persistem até hoje. Darling reflete essas estruturas coloniais ao dizer: “Ninguém quer ser um desses trapos de países como o Congo, como a Somália, como o Iraque, como o Sudão, como o Haiti, como o Sri Lanka, nem mesmo esse que vivemos – quem quer ser um lugar terrível de fome e coisas caindo aos pedaços?” (Bulawayo, 2014, p. 49). O termo ‘trapo’ é particularmente significativo, pois remete a aquilo que já foi usado até o ponto de não ter mais serventia e é destinado a ser descartado. Isso sugere uma visão profundamente negativa e depreciativa dos países mencionados, vistos como lugares que perderam qualquer valor ou utilidade. Mesmo após a independência do país, as estruturas coloniais continuam a moldar as percepções dos sujeitos pós-coloniais. Eles internalizam essa visão depreciativa de seus próprios países e de outros em situações semelhantes, perpetuando um ciclo de desvalorização e auto deprecição. As ideias de hierarquia e valor que foram impostas durante a colonização ainda influenciam a maneira como as pessoas veem a si mesmas e o mundo ao seu redor, evidenciando a persistência dos legados coloniais nas mentes e sociedades pós-coloniais.

O passado colonial e a violência que marcaram o processo de independência deixaram não apenas ruínas no espaço territorial, mas também cicatrizes profundas que permeiam todos os aspectos da sociedade pós-colonial. No cenário pós-independência em que os personagens do romance se encontram, há um ambiente de puro abandono: hospitais públicos sem atendimento, crianças fora da escola, convivendo com notícias de assassinatos políticos e um fervor religioso misturado com desesperança. As instituições públicas não funcionam, em um país marcado por desigualdades gritantes, onde os habitantes vivem com uma esperança frágil, muitas vezes alimentada por falsas promessas de políticos em busca de poder.

Olhar para o passado como forma de investigar e compreender o presente é essencial para entender o processo de marginalização e desaculturação. Antes do contato com os colonizadores, os povos colonizados possuíam suas próprias cosmovisões e utilizavam raciocínio e imaginação para compreender e representar o mundo. Com a chegada dos europeus e a imposição de uma visão essencialista, o sujeito colonizado foi descentrado de sua posição, sendo reduzido, aos olhos imperiais, ao status de objeto.

Ao discutir a distinção entre sujeito e objeto e sua influência na formação do sujeito, devemos considerar que a consciência humana não é a única característica determinante de seu caráter; pelo contrário, o contexto social desempenha um papel crucial. Memmi (2021) explica

que essa agressão ideológica desumaniza e mistifica o sujeito colonizado, levando-o a conformar-se com o mito colonial e a comportar-se de acordo com ele. Assim, o sujeito colonizado busca assimilar os valores do colonizador como forma de lidar com suas crises de identidade.

Durante os primeiros contatos, o europeu estabeleceu uma diferenciação entre si e o outro, criando estereótipos que representavam os colonizados como inferiores. Darling e seus amigos vivenciam essa opressão, pois as estruturas coloniais não apenas impuseram uma visão eurocêntrica, mas também desvalorizaram suas próprias culturas e línguas. Essa dinâmica de dominação e internalização de valores coloniais é visível nas interações das crianças com figuras de autoridade e instituições que perpetuam os estereótipos e a exotização do *outro*. Na obra, Darling narra episódios em que ela e seus amigos são fotografados por repórteres da BBC e voluntários de ONGs, que não pedem permissão para as fotos:

Agora, o cinegrafista se lança sobre as nádegas pretas de Godknows. O Bastard aponta e ri, e o Godknows se vira e cobre os buracos do seu short com as mãos como se fosse o homem nu da Bíblia, mas não consegue esconder completamente sua nudez. [...]

Quem vai olhar para as suas fotos?, pergunto. Quem vai ver as nossas fotos? Mas ninguém me responde.

Depois das fotos, os presentes.

[...] Cada um recebe uma arma de brinquedo, umas balas e algo para vestir; eu recebo uma camiseta com a palavra Google na frente, além de um vestido vermelho apertado debaixo do braço. (Bulawayo, 2014, p. 51-52).

Essas situações destacam a espetacularização da pobreza e da tragédia, perpetuando estereótipos que configuram a ideologia dominante. Essa prática de fotografar sem consideração pela dignidade das pessoas retratadas revela que os indivíduos brancos, ao dar presentes ou alimentos, sentem-se no direito de explorar a miséria dos sujeitos locais. Ao tratá-los como pobres, necessitados, os brancos caridosos acreditam que eles podem receber qualquer coisa, mesmo roupas apertadas e brinquedos inconveniente. Aqui, tem-se a ideia de que os sujeitos coloniais são menores, inferiores, pois o que é dado como “presente” é aquilo que em seu país seria descartado no lixo. Tem-se a estereotipação dos sujeitos coloniais. Bhabha argumenta que “o estereótipo é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo, exigindo não apenas que amplie nossos objetivos críticos e políticos, mas que mudemos o próprio objeto de análise.” (2013, p.123). A ambivalência do estereótipo está presente nesse ato de “caridade”, que, na verdade, reafirma a imagem da pobreza dos sujeitos pós-coloniais. A ajuda oferecida pelas

ONGs, simbolizada pelos presentes, não aborda as causas estruturais da pobreza e da miséria. Em vez disso, mantém a narrativa de inferioridade e necessidade daqueles que estão sendo “socorridos”, perpetuando ciclos de dependência e exploração visual da pobreza.

Quando analisados à luz da teoria pós-colonial, os estereótipos, de acordo com Loomba, “[...] constituíram uma justificativa ideológica para diferentes tipos de exploração.” (2005, p. 98, tradução minha)<sup>20</sup>. Para Loomba, a estereotipagem é um método simplista de processamento de informações que envolve a redução de imagens e de conceitos de maneira fácil, diferindo do que chamamos de ‘falta de conhecimento’. Darling, já adulta, ilustra essa questão quando seu patrão, Jim, trata a África como um único país, ignorando suas diversas culturas e nações:

Vocês não têm baratas na África? Jim sempre fala como se a África fosse um único país, mesmo eu tendo lhe dito que é um continente com cinquenta e poucos países, que fora o meu próprio país eu realmente não estive no resto para saber como é (Bulawayo, 2014, p. 222).

Este episódio exemplifica a outremização e a desumanização que os sujeitos colonizados enfrentam, mesmo após o fim da colonização. Há a homogeneização por parte dos colonizadores, representantes do poder colonial, que tratam os colonizados como uma massa indistinta, sem considerar as diferentes línguas, culturas e religiões que foram desconsideradas e cerceadas durante a era colonial. Ao colonizador, nunca importou a humanização dos sujeitos colonizados. No período colonial, todos os aspectos das culturas colonizadas foram essencializados e tratados como uma única entidade, perpetuando a desvalorização e a negação da complexidade e diversidade dos povos colonizados. Esta abordagem essencialista continua a manifestar-se na forma como indivíduos como Jim veem e tratam a África, reforçando estereótipos e perpetuando as mesmas estruturas de poder e dominação que foram estabelecidas durante a era colonial.

Ao construir estereótipos, o europeu atribuiu aos colonizados certas características convenientes aos seus interesses, justificando a colonização com rótulos de selvageria, preguiça e incompetência. O discurso do colonizador sempre marginaliza o outro, justificando seus atos (Memmi, 2021). As observações dos europeus sobre os hábitos locais contribuíram para um discurso depreciativo, que retratava os colonizados como inferiores e “estranhos”. As ONGs, ao retratar as crianças sem demonstrar preocupação, contribuem para essa dinâmica.

---

<sup>20</sup> [...] stereotypes provided an ideological justification for different kinds of exploitation. (Loomba, 2005, p.98).

Darling relembra, também, a demolição de sua casa e bairro de infância, uma tragédia capturada com entusiasmo pelos jornalistas, reforçando estereótipos e a crítica à espetacularização da tragédia: “Então mais tarde pessoas com câmeras e camisetas que dizem BBC e CNN vêm sacudir a cabeça e olhar para a gente e tirar fotos nossas como se fôssemos bonitos, e uma dessas pessoas diz, É como se um tsunami tivesse arrasado com este lugar” (Bulawayo, 2014, p. 64-65). No trecho em questão, a autora faz uma referência explícita aos veículos jornalísticos conhecidos por suas reportagens sobre eventos trágicos no país, o que contribui para reforçar estereótipos. Além de que, as ações dos jornalistas são de entusiasmo diante da catástrofe que ocorreu. A crítica à espetacularização da tragédia e às diversas formas de representação do continente africano, que expõem as crianças pobres e maltrapilhas diante das câmeras, pode ser vista como uma construção social que reafirma a estereotipagem e a construção do outro, mesmo com este país já independente.

Bonnici introduz o conceito de “educação colonial” para descrever a estreita ligação entre o colonizado e a assimilação dos valores e tradições impostos pelo colonizador, conforme afirma “É um processo pelo qual o colonizado é afastado das estruturas indígenas de aprendizagem e é obrigado a se aproximar às estruturas do colonizador” (2005, p. 25). Com o passar do tempo, o sujeito colonizado internaliza essa imagem depreciada e começa a concordar com os aspectos que a compõem, convencendo-se da superioridade do colonizador. Esse movimento contribui para o sucesso da colonização, uma vez que se cria a ideologia colonial que legitima a empreitada tanto aos olhos do colonizado quanto aos olhos do colonizador, servindo como base para a estabilidade do domínio colonial. O sujeito colonizado busca assimilar os valores do colonizador como forma de lidar com suas crises de identidade. Esse processo de assimilação forçada pode ser visto na maneira como as crianças do romance tentam adotar identidades associadas a culturas dominantes.

A primeira parte do romance explora o significado do título, pois os personagens são geralmente referidos por apelidos ou nomes como Bastard, Godknows, Mother of Bones, Bornfree, entre outros. No entanto, é no sexto capítulo que percebemos a urgência da necessidade de novos nomes: “Hoje vamos nos livrar dabarriga da Chipó de uma vez por todas. Em primeiro lugar, fica difícil brincar e, em segundo, se deixarmos ela ter o bebê, ela vai simplesmente morrer” (Bulawayo, 2014, p. 73). Para garantir que tudo corra bem nessa tentativa de salvar Chipó, Darling e Sbhó associam a ideia de ter novos nomes, pois, conforme Sbhó menciona, nos programas de televisão dos Estados Unidos, os médicos do *Plantão Médico*

têm nomes diferentes dos delas: “Eu sou o Dr. Bullet, ela é linda, e você é o Dr. Roz, ele é alto, diz Sbho, acenando para mim” (Bulawayo, 2014, p. 76).

Essa tentativa de mudar suas identidades ou de se transformarem em personagens dos programas de televisão reflete um desejo de assimilação cultural. Elas acreditam que adotar identidades associadas à cultura americana, como a dos médicos dos programas de TV, lhes certificará valor e sucesso. Segundo Fanon (2020), o desejo de mudar de identidade não é apenas sobre a troca simbólica de nomes, mas está ligado a um desejo mais profundo de cidadania plena. As crianças, ao buscar essas novas identidades, talvez expressem o desejo de serem reconhecidas como cidadãs, com direitos e dignidade — algo que historicamente foi reservado apenas aos brancos. Esse processo de aculturação não apenas reflete a influência do poder cultural dos Estados Unidos sobre o Zimbábue, mas também ressalta como os sujeitos pós-colonizados muitas vezes são levados a adotar a cultura do colonizador como uma maneira de buscar validação e reconhecimento em um mundo dominado por aqueles que detêm o poder. Assim, a busca por novos nomes não se limita a uma questão de identidade pessoal, mas também reflete as dinâmicas de poder e dominação cultural que permeiam um país pós-independência.

Além disso, a tentativa de aborto de Chipó pode ser vista também como uma analogia para o aborto de uma nação, especialmente considerando o contexto do Zimbábue. Assim como Chipó enfrenta uma situação de vida ou morte devido à sua gravidez precoce e não planejada, após o estupro do próprio avô, o Zimbábue pode ser visto como uma nação que enfrenta desafios e crises existenciais que ameaçam sua própria sobrevivência após ser violado pela colonização. A urgência em se livrar da barriga de Chipó para que ela possa brincar e não morra no parto, por exemplo, pode ser comparada à urgência percebida em resolver os problemas enfrentados pelo país, como a pobreza, a corrupção, a instabilidade política e econômica, entre outros, na ideia de que, assim como Chipó teria uma vida melhor após o aborto, o país teria uma vida melhor após se livrar dos traumas da violação colonial. A ideia de que a morte de Chipó poderia ocorrer por ter o bebê pode refletir a crença de que permitir que certas condições persistam no Zimbábue pode levar à sua ruína. Nesse contexto, a tentativa de aborto de Chipó pode ser interpretada como um simbolismo das tentativas desesperadas de remediar os problemas enfrentados pelo Zimbábue, muitas vezes por meio de medidas drásticas e potencialmente prejudiciais.

Essa perspectiva ganha uma nova dimensão quando analisada à luz da teoria pós-colonial. A internalização dos valores impostos pelo colonizador leva o colonizado a

experimentar uma sensação de falta de identidade e de passado, resultando em uma percepção negativa de si. O sujeito colonizado se torna oprimido, pois os privilégios que lhe pertenciam foram usurpados pelo colonizador, fazendo com que ele se torne apático em relação ao seu passado e presente. Ele não governa a si, mas sim é doutrinado, silenciado e não tem voz nas questões políticas, culturais e econômicas de seu próprio país. Essa dinâmica resulta em uma amnésia cultural, termo utilizado por Memmi (2021), na qual a memória de um povo é apoiada por suas instituições, como escola, monumentos e festividades. Assim, o sujeito colonizado aprende desde cedo a valorizar tudo o que pertence ao centro e a desprezar e odiar aquilo que lhe é próprio.

## 2.2 A RESISTÊNCIA EM MEIO ÀS RUÍNAS

A imposição de uma nova identidade pelo colonizador influencia profundamente como o sujeito colonizado se percebe. Essa imposição não apenas molda a identidade do colonizado, mas também perpetua estruturas de opressão que persistem até hoje, como racismo, patriarcado, divisões de classe e a manutenção de poder. O eurocentrismo desempenha um papel central nesse processo, pois os colonizadores atribuíram à Europa o papel de centro do mundo e marginalizaram as vozes dos continentes colonizados.

Spivak (1995) argumenta que uma narrativa dominante, estabelecida pelo sistema imperialista, marginaliza e silencia as vozes subalternas. A autora ressalta a importância de questionar essa ideia de uma única história, pois ao fazê-lo, excluimos todas as outras trajetórias que existiram e continuam a existir. Assim como não há um sujeito único e singular, não há uma única história que possa abarcar todas as experiências e perspectivas.

Spivak (1995) apresenta a perspectiva de que os estudos sobre a subalternidade representam um desvio em relação a um ideal preestabelecido, uma vez que o próprio subalterno é definido em oposição à elite dominante. Sobre isso, a autora teoriza a questão sobre se o subalterno pode falar. No entanto, a tarefa não se limita apenas a encontrar uma resposta para essa indagação, mas também a investigar, identificar e compreender o grau de desvio presente nos elementos em questão. Para Spivak, é de extrema importância refletir sobre que os sujeitos subalternos são indivíduos que foram e continuam a ser excluídos, sendo representados por outros grupos que assumem a tutela de suas pautas. Isso ocorre porque são vistos como incapazes de expressarem-se por si. Essa problematização em relação à capacidade de fala dos subalternos nos leva a refletir sobre as vozes das mulheres, dos negros e dos

indígenas. Será que eles têm realmente a oportunidade de falar? Será que se sentem ouvidos pela sociedade? Existem ouvidos atentos para a fala daqueles que compõem a minoria?

Diante dessa análise, torna-se evidente a necessidade de os intelectuais exercerem papéis que criem espaços que permitam que os sujeitos que foram marginalizados e silenciados falem a partir de seus próprios repertórios socioculturais e sociolinguísticos. Os estudos da teoria pós-colonial refletem acerca dos impactos da colonialidade e da forma como as compreendemos, para romper com a propagação do discurso colonial e promove maior diversidade de vozes e perspectivas.

Devemos destacar que o sujeito colonizado nem sempre assumiu uma postura passiva e submissa em relação ao processo de colonização. Pelo contrário, muitas vezes ele buscou se libertar e reagir contra a opressão, utilizando a subversão como técnica para revolucionar aquilo que lhe foi imposto pelo império colonial, assumindo uma postura de “dono” daquilo que não lhe pertencia. Na obra, essas questões são exemplificadas de maneira vívida, pois durante o desenrolar da narrativa, as crianças visitaram o bairro Budapeste apenas duas vezes; no entanto, essas duas experiências moldaram profundamente a maneira como Darling apresenta a nós, leitores, seu ambiente. São dois extremos que se destacam: o bairro dos brancos, habitado por pessoas “limpas” e ricas, e o amontoado de zinco onde Darling e outros moradores vivem, descrito como: “barracos pequeninos, um após o outro; barracos amontoados como fatias de pão quente” (Bulawayo, 2014, p.30), sendo a consequência do abandono governamental que assola a região, agravados pelo sistema opressivo e pela crise de inflação econômica que assola o país. Essa dualidade de espaços, rica em simbolismo, não apenas serve como pano de fundo para os eventos do capítulo “Blak Power” do romance, mas também encapsula questões mais amplas acerca da ruína, da desigualdade social e da violência que ainda assolam aquele espaço.

Nesse contexto, importa explorar as táticas empregadas pelos sujeitos coloniais para desestabilizar o sistema estabelecido pelo império. A resistência e o revide são estratégias adotadas para retomar a posição anteriormente usurpada, recusando as imposições do dominador. Essas ações de resistência podem ocorrer de diversas formas, como por meio de movimentos de protesto, insurgências armadas, preservação de práticas culturais e identitárias próprias, entre outras estratégias de empoderamento.

Ao abordarmos a temática da resistência no contexto pós-colonial, é importante compreender que o conceito vai além da ideia tradicional de força física e confronto direto. Como sabemos, a relação de poder do colonizador sobre o colonizado se baseia na violência, na dominação, na desumanização e na impregnação de ideologias. A resistência se manifesta

por meio de formas de defesa que se contrapõem ao colonizador, não necessariamente envolvendo violência física. Desta feita, a resistência e o revide podem se manifestar de maneiras silenciosas e pacíficas, por meio da subjetividade e do contradiscurso, por exemplo. A resistência na literatura pós-colonial não parte dos mesmos recursos que o colonizador usava, pelo contrário, propõe uma resistência não-violenta, não armada, além de utilizar a linguagem imperial para subverter a ideologia eurocêntrica. Neste sentido, a resistência se configura em debates culturais sobre o sujeito e tudo aquilo que o engloba, como subjetificação, liberdade, identidade, individualidade.

Especificamente, nesse episódio da obra, o capítulo “Blak Power”, há um grupo de protesto no bairro branco, com invasão de propriedades e pichação com frases de ordem. As crianças se escondem no lato de uma goiabeira, onde estavam roubando goiabas, e não entendem o que é aquela movimentação. No trecho, podemos observar várias formas de resistência e revide que se relacionam diretamente com os conceitos abordados na teoria pós-colonial. Por exemplo, quando Darling descreve como “barulho louco, [...] eles estão como água preta e zangada” (Bulawayo, 2014, p.102), tem-se a ideia de um fluxo grande de pessoas com expressões ferozes, essa água metaforiza a força desse fluxo, que carrega quem tentar atravessá-lo. Darling também diz que as pessoas estão “em toda a parte, andando, apressadas, correndo, dançando toyi-toyi, empunhando punhos, machetes, facas, pedaços de pau e todo tipo de arma, com a bandeira do país no ar” (Bulawayo, 2014, p. 102). A descrição de agitação e caos contrasta fortemente com a tranquilidade que caracteriza o bairro Budapeste, especialmente quando o bairro ecoa com vozes cantando “Matem o Boer, o fazendeiro, o khiwa! Espalhem medo no coração do homem branco! Homem branco, aqui não tem lugar para você, vá embora, vá para casa! África para os africanos, África para os africanos!” (p.103). Essa canção não apenas serve como símbolo da luta contra o apartheid, mas também ressoa com as lutas e aspirações dos sujeitos negros que adentram no bairro de elite, destacando a resistência e a busca por justiça em meio às condições adversas em que vivem. Além disso, a dança toyi-toyi, vista como uma forma de protesto e resistência, desafia as estruturas de poder representadas pelo bairro Budapeste. As armas improvisadas, como facas e pedaços de pau, simbolizam a disposição dos negros para lutar contra a opressão que enfrentam. A bandeira do país no ar representa um orgulho nacional e a reafirmação da independência conquistada. Toda essa descrição da chegada dos negros ao bairro Budapeste exemplifica como a resistência se manifesta através de formas culturais e simbólicas, indo além do confronto físico direto, como discutido na teoria pós-colonial.

A narrativa de Bulawayo oferece uma perspectiva vívida e complexa sobre como a resistência se manifesta em um contexto pós-colonial, contribuindo para uma compreensão mais profundada das dinâmicas de poder das lutas por justiça e reconhecimento, com isso, vemos uma série de acontecimentos marcantes se desenrolarem quando Darling narra a interação entre a 'ganguê' e os dois indivíduos brancos. A cena mostra o grupo tentando quebrar as janelas e arrombar a porta, mas os donos da casa eventualmente saem:

O homem é alto e gordo e usa short cáqui e camisa cáqui e um chapéu cáqui [...] Está descalço [...] Suas pernas são tão peludas que que daria pra pentear. A mulher, que vem logo atrás, é magra como se o homem comesse toda a sua comida [...]. Usa vestido preto e sapatos brancos (Bulawayo, 2014, p. 105).

A forma como Darling comenta sobre a magreza da mulher é significativo, pois a ideia do que o corpo feminino deve ser magro é uma construção ocidental, muitas vezes associada a padrões de beleza e saúde. No entanto, no contexto africano, a magreza é ligada ao sinônimo de fome e privação. Enquanto o Ocidente valoriza e vê a magreza como um ideal de beleza, em muitas culturas orientais, um corpo robusto é frequentemente visto como um sinal de prosperidade e bem-estar. A magreza extrema da mulher não é vista como algo desejável, mas sim como um indicador de carência, refletindo as condições de vida adversas que muitos enfrentam. Este trecho continua com a saída do casal branco da casa, e as crianças veem:

[...] o único que não está carregando nenhuma arma, dar um passo à frente e entregar ao homem branco um pedaço de papel. [...] Observamos o homem branco agarrar o papel, desdobrá-lo e olhar para ele por um tempo, e então seu rosto fica com uma cor mais forte, como se alguém tivesse cozinhando. *O que é isso? O que é isso?* o homem branco pergunta, apontando para o papel com o dedo.[...] Isso é ilegal, eu sou o dono da porra desta propriedade, tenho papéis para provar isso, o homem branco diz. O leão dele está com o pelo em pé, agora. (Bulawayo, 2014, p.107).

Esse momento pode refletir uma ironia em relação a inversão de papéis, onde o homem branco, historicamente detentor do poder, se vê confrontado com a possibilidade de perder sua propriedade. A contradição é evidente: o homem branco se sente injustiçado por ter “sua” propriedade invadida, sem perceber que foi exatamente isso que os colonizadores fizeram durante a colonização. Essa situação se torna uma metáfora poderosa da relação colonizador/colonizado. O homem branco, que representa a figura histórica do colonizador, agora experimenta a vulnerabilidade e o medo de perder o que ele acredita ser legitimamente seu. No entanto, ele ignora ou nega a história de como essa terra foi adquirida e a violência e a injustiça que acompanharam esse processo. A exaltação e a indignação do homem branco ao

afirmar sua posse legal sobre a terra são irônicas, pois ecoam as reivindicações de terra que os colonizadores fizeram, muitas vezes com desrespeito e desconsideração pelos direitos e pela existência dos povos colonizados. Essa inversão de papéis sublinha a hipocrisia e a cegueira histórica do colonizador, que reivindica justiça e propriedade enquanto permanece alheio às injustiças que perpetuou. É uma crítica incisiva à persistência das dinâmicas de poder colonial, onde a luta pela terra e pela dignidade continua a ser uma realidade dolorosa para os sujeitos pós-coloniais.

A resistência pode ser uma forma de os sujeitos colonizados afirmarem sua própria identidade e reconfigurar as relações de dominação. Uma das estratégias utilizada pelo sujeito colonizado para reconstruir sua identidade é a apropriação da linguagem imposta pelo colonizador. Como mencionado anteriormente, o sistema de ensino implementado pelo império colonial está fortemente ligado à ideologia de supremacia do colonizador. Nesse contexto, a língua do europeu foi ensinada ao sujeito colonizado como um sinal de submissão e herança cultural. Todavia, a resistência se manifesta por meio da *ab-rogação*, ou seja, a recusa dos escritores pós-coloniais em aderir aos princípios normativos da língua europeia e em aceitar a inferiorização e marginalização de suas línguas maternas. Esse termo está relacionado à noção de *apropriação*, que envolve o uso da língua do colonizador para expressar as próprias identidades sociais e culturais, ou seja, o contexto do colonizado, como afirma Ashcroft:

Embora a ab-rogação tenha sido utilizada para descrever a rejeição de uma língua padrão na escrita de literaturas pós-coloniais, ela pode, tal como a apropriação, ser utilizada para descrever uma grande variedade de atividades culturais e políticas — cinema, teatro, escrita de história, organização política, modos de pensamento e argumentação. (2000, p. 5, tradução minha)<sup>21</sup>

No romance, essa apropriação é exemplificada quando personagens como Darling usam o inglês, a língua do colonizador, para contar suas próprias histórias e afirmar suas identidades. Até mesmo no episódio em que um dos homens que fazem parte da gangue entrega o papel ao homem branco, há uma cena significativa. O conteúdo escrito no papel está em inglês, o homem negro ironiza: “[...] você trouxe o inglês para este país e agora quer que a gente explique o inglês a você, sua própria língua, você não tem vergonha?” (Bulawayo, 2014, p. 107). Essa interação é uma forma de apropriação, pois permite ao homem negro reivindicar espaço e voz,

---

<sup>21</sup> Although abrogation has been used to describe the rejection of a standard language in the writing of post-colonial literatures, it can, like appropriation be used to describe a great range of cultural and political activities – film, theatre, the writing of history, political organization, modes of thought and argument. Ashcroft (2000, p. 5)

enquanto desafia a autoridade tradicionalmente exercida pelo homem branco. Em seguida, como resposta à recusa do homem branco, o chefe diz:

[...] não damos a mínima, está me ouvindo? se você não trouxe esta terra com você num navio ou num avião de onde veio, então não damos a mínima [...]. Alguém, por favor, diga a este branco aqui que está não é a porra da Rodésia! [...] Fique sabendo disto, a partir de agora o negro se cansou de ouvir, entendeu? Este país é do negro e o negro está no comando agora. África para os africanos [...] (Bulawayo, 2014, p. 108).

A fala do chefe negro para o homem branco, onde ele declara que não se importam com a opinião dele, mostra o empoderamento e a recusa do sujeito negro em aceitar a opressão e o domínio branco e ao entrar na casa do homem branco e causar estragos, os homens negros desafiam ativamente a noção de propriedade e segurança do branco, subvertendo as normas de poder estabelecidas. Essa cena, portanto, não apenas ilustra a ruína física da casa do homem branco, mas também serve como uma analogia da ruína mais ampla causada pela opressão colonizadora europeia. Enquanto os estragos na casa podem ser vistos como um ato de resistência e reivindicação de poder por parte dos negros, eles também destacam a desigualdade no impacto da ruína, com a devastação causada pela gangue sendo insignificante em comparação com a destruição causada pelos colonizadores ao longo da história.

Como discutimos anteriormente, é importante ressaltar que a opressão, o silêncio e a repressão presentes nas sociedades pós-coloniais são resultados da ideologia do sujeito. A dicotomia entre sujeito e objeto é parte integrante da estrutura na qual o oprimido é subjugado pela superioridade do dominador. Nesse contexto, a possibilidade do sujeito subalterno falar é negada, mas Bhabha (2013) afirma que o subalterno pode falar e sua voz pode ser recuperada a partir da paródia, da mímica e da cortesia dissimulada, também estratégias de resistência às imposições do poder imperial. A cena na qual o homem negro ironiza o homem branco ao devolver-lhe o papel escrito em inglês — e questiona se ele quer que expliquem a sua própria língua — exemplifica a apropriação e subversão da linguagem do colonizador, reafirmando a capacidade do sujeito subalterno de desafiar e resistir às estruturas de poder.

As crianças, após o casal e a gangue sumirem, se sentem seguras o suficiente para descerem da árvore onde se escondiam e rapidamente dirigem-se à casa:

No interior, sentimos o ar frio e colocamos as mãos nos nossos braços nus e sentimos arrepios. Olhamos ao redor, surpresos. [...] Em volta da gente tudo está espalhado e quebrado. Cadeiras, a televisão, o rádio grande, as coisas bonitas que não conhecemos (Bulawayo, 2014, p. 112).

Ao adentrarem na casa dos brancos e agirem como se estivessem desfrutando do luxo e da abundância, mesmo com a casa em ruínas devido à raiva dos sujeitos negros que a “invadiram”, Darling e seus amigos estão engajando em uma forma de subversão e inversão de papéis. Essa cena pode ser interpretada como uma crítica à ideia de que a riqueza e o privilégio associados aos brancos são algo desejável ou admirável, embora desconhecido.

Outra forma de subversão que envolve a obra, conforme explicado por (Bonnici, 2009, p. 60), a palavra “paródia vem do grego *paroidia*, canto, ou discurso alternativo, e atualmente significa um discurso burlesco que imita o discurso sério para subverter”. A paródia consiste em expressar o descontentamento em relação aos valores impostos, utilizando a escrita como uma ferramenta para desmitificar as crenças do poder colonial. Essa dinâmica de subversão pode ser observada quando as crianças, ao chegarem ao chegarem na cozinha, ficam surpresas:

[...] tudo ali está intocado [...] Devoramos pão, bananas, iogurte, bebidas, frango, manga, arroz, maçãs, cenoura, leite, qualquer comida que encontramos. Comemos coisas que nunca vimos antes, coisas das quais nem sabemos os nomes. Oh, esquecemos os talheres, esquecemos os talheres, diz Godknows, imitando um branco, e nós rimos (Bulawayo, 2014, p. 117).

Ao brincarem com a situação e desfrutarem da comida “vasta”, os personagens estão questionando e subvertendo as normas sociais e hierarquias estabelecidas. A imitação de Godknows, ao dizer “esquecemos os talheres” de forma jocosa, exemplifica a paródia como explicada por Bonnici. Nesse caso, ao imitar o comportamento do colonizador e rir da situação, as crianças utilizam a paródia para expressar seu descontentamento. Além disso, as crianças observam os quadros pendurados nas paredes, retratando figuras de grande influência na colonização europeia, como a Rainha Elizabeth e Ian Douglas Smith, e parecem vislumbrarem a casa como uma galeria de museu. Essa observação adiciona uma camada de significado à cena, destacando a conexão entre a opulência dos brancos e o legado colonial que subjuga e marginaliza os negros. Ao se comportarem como os moradores brancos da casa, Darling e seus amigos estão temporariamente adotando uma identidade socialmente valorizada ou considerada superior, perpetuando a ideia de que os brancos são os únicos dignos de admirar e emular. Portanto, essa cena pode ser interpretada como uma representação da outremização, pois os personagens estão internalizando e reproduzindo as normas sociais que os colocam em uma posição de inferioridade em relação aos brancos, mesmo que apenas temporariamente.

É importante destacar como Bulawayo utiliza a escrita para transmitir camadas profundas de significado e crítica social. Após as crianças terem comido tudo o que elas tinham

vontade, seus estômagos estavam cheios e encontraram o banheiro luxuoso, mas “tem também um fedor terrível, e olhamos para a outra parede e lá, perto da privada, vemos a palavra *Blak Power* escritas em fezes marrons no grande espelho do banheiro” (Bulawayo, 2014, p.118). Ao escrever propositalmente errado o slogan político dos anos 60, *Black Power*, como *Blak Power*, Bulawayo evidencia a falta de acesso à educação e alfabetização entre os personagens, resultante do abandono governamental e da falta de recursos educacionais no Zimbábue. Isso ressalta a realidade de muitos zimbabuanos que não têm a oportunidade de receber uma educação adequada devido à negligência do governo. A escrita incorreta do slogan político serve como um lembrete contundente das dificuldades enfrentadas pelas comunidades marginalizadas no país. Através da escrita habilidosa e deliberada, Bulawayo convida os leitores a refletirem sobre questões urgentes de desigualdade, poder e resistência em contextos pós-coloniais.

Considerando os meios de subversão utilizados para questionar a ordem estabelecida pela metrópole, observamos que o sujeito colonizado não recorreu frequentemente ao uso da força física, mas sim demonstrou uma aparente aceitação diante das ordens do colonizador. A resistência discursiva torna-se um meio para reverter a visão criada e imposta durante o período de colonização. Dessa forma, o colonizado apropria-se do que lhe foi imposto e o transforma em seu próprio instrumento, refletindo a sua própria situação. Isso significa que é possível preencher lacunas, criticar os valores, ridicularizar os estereótipos e inscrever-se na história, o que significa se rebelar contra o poder do colonizador e, por meio desse processo, exigir o reconhecimento que lhe foi injustamente retirado.

Como mencionado anteriormente, o sujeito colonizado nem sempre assumiu uma postura passiva e submissa em relação à opressão que sofria. Pelo contrário, muitas vezes ele buscou se libertar e reagir contra essa marginalização. Bulawayo, em sua obra, traz um episódio sensível em relação àqueles que lutam contra as estruturas opressivas que persistem após a independência de uma nação. Darling expõe aos leitores o anseio dos adultos por uma mudança política e social, refletindo a esperança e o desejo de uma melhoria de vida.

O cenário de eleições traz a expectativa de que, talvez, possam usufruir de justiça e progresso. No entanto, os moradores do amontoado de Zinco enfrentam uma forte desilusão com o sistema político. Bulawayo, através da escrita, mostra que o governo é opressivo e corrupto, incapaz de trazer as mudanças necessárias para melhorar a vida dos zimbabuanos. O bairro Paraíso, uma área de pobreza e dificuldades, reflete as falhas do governo em prover o básico para o povo. Por outro lado, as crianças, incluindo Darling, têm uma perspectiva

inocente, pois não entendem por que os adultos falam tanto sobre essa tal mudança, mas concluem que talvez isso seja algo bom.

Em um determinado momento, Darling nos apresenta Bornfree, um jovem que, junto com seu amigo Messenger, falava sobre a verdadeira mudança que ocorreria, já que era ano de eleição. No entanto, por ter chamado a atenção das pessoas que apoiavam o governo, Bornfree foi assassinado de maneira violenta. Sua morte simboliza a violência política e a repressão usadas para silenciar qualquer oposição e manter o controle. A morte de Bornfree tem um impacto profundo na comunidade, servindo como um aviso para todos que desafiem o governo. A luta de Bornfree inspira e amedronta a comunidade, simbolizando o custo da resistência. A luta pela mudança está intrinsecamente ligada ao desejo de ser reconhecido e respeitado como cidadão com direitos e dignidade.

Darling e seus amigos testemunham o enterro de Bornfree, inicialmente escondidos em uma árvore. Ela descreve a dor dos enlutados como “o canto é tão distante que é como se as vozes estivessem enterradas e agora tentassem sair” (Bulawayo, 2014, p. 119), sugerindo que as vozes e os ruídos dos enlutados expressassem profundamente a dor e a revolta da comunidade. A multidão de enlutados é descrita como diferente das outras pessoas:

Estes não choram, não lamentam. Eles não abaixam os olhos para o chão, não cruzam as mãos atrás das costas. Não medem seus passos. Estes correm atrás do caixão. Assobiam, erguem os punhos. Cantam o nome de Bornfree como se quisessem que ele aparecesse seja lá de onde ele esteja. Estes enlutados estão com raiva (Bulawayo, 2014, p. 121).

Essa atmosfera de tristeza e indignação reflete a perda de um líder e a injustiça da violência política que levou à sua morte, mas também o compromisso dos enlutados em continuar a luta que Bornfree defendia.

Há duas presenças significativas no enterro de Bornfree. Primeiro, temos seu melhor amigo, Messenger, cuja expressão de raiva e dor carrega um simbolismo profundo. Darling comenta que, “se o Messenger abrisse a boca agora, sua voz seria uma ferida terrível; ela está inteira ali, no seu rosto, a dor.” (Bulawayo, 2014, p. 122), sugerindo que suas palavras seriam tão dolorosas e penetrantes que causariam um impacto profundo. Sua figura representa não apenas a perda de um amigo, mas também as emoções da comunidade diante da injustiça e da violência política. A metáfora da voz silenciada de Messenger como uma ferida destaca a intensidade do sofrimento e da indignação coletiva. Seu silêncio durante o enterro simboliza a profundidade da dor e a resistência, refletindo tanto a dor pessoal quanto a determinação de

lutar por justiça e mudança. Seu nome, “Messenger” (mensageiro), simboliza a mensagem de dor e indignação detodosos presentes, todosos zimbabuanos, todosos africanos afetados pelas injustiças ocasionadas pela invasão colonial.

A segunda presença significativa é a mãe de Bornfree, MaDube, que é uma figura altamente simbólica no enterro de seu filho:

A mãe do Bornfree, a MaDube, usa um vestido cor de sangue mesmo que você deva usar preto quando as pessoas morrem, não vermelho, nem qualquer outra coisa. O preto é para os mortos, o vermelho é para o perigo. Ela está se contorcendo e rugindo como um leão ferido. Está sentindo dor; você pode ver que isto é dor de verdade. Dor-dor. Outras mulheres estão segurando a MaDube como se tivessem ouvido dizer que o leão ia pular em direção ao céu e rasgar o sol em pedaços sangrentos. (Bulawayo, 2014, p. 123).

Seu vestido vermelho, associado ao perigo, à morte, ao sangue, e sua comparação com um leão ferido destacam sua dor profunda e a brutalidade da violência política. MaDube simboliza a força, a resistência e o sacrifício contínuo daqueles que lutam por justiça e mudança, apesar das dificuldades e dos sacrifícios. Sua presença no enterro de Bornfree é uma poderosa metáfora da luta e da resiliência dos sujeitos colonizados em face da opressão da colonização.

Além desses pontos simbólicos, a morte de Bornfree está profundamente entrelaçada com as teorias pós-colonial e de outremização. Bornfree, cujo nome significaria algo como “nascido livre” tem no próprio nome a metáfora da luta contínua contra as estruturas opressivas que persistem após a independência de uma nação. Bornfree representava não apenas uma voz de resistência contra o governo opressivo, mas também um símbolo de uma busca por verdadeira autodeterminação e resgate da identidade nacional. Sua morte brutal não só simboliza a violência usada para manter a ordem pós-colonial, mas também destaca como a outremização é empregada como uma ferramenta para silenciar e marginalizar aqueles que desafiam a ordem vigente. A luta de Bornfree, portanto, transcende o contexto específico do romance, ecoando as lutas históricas e contemporâneas por justiça, liberdade e igualdade em todo o mundo pós-colonial.

## CAPÍTULO 3

### 3.1 FORJANDO IDENTIDADES EM DIÁSPORAS

A crítica pós-colonial tem como foco principal a compreensão do imperialismo e os efeitos provocados nos territórios que foram submetidos às empreitadas coloniais. Grande parte da produção literária de sujeitos pós-coloniais discute e critica os impactos das invasões coloniais em seus territórios. Além disso, tais obras abordam temáticas como a diáspora e a identidade, revelando a influência contínua da colonização atualmente e os conflitos resultantes desse tipo de influência.

A teoria pós-colonial fornece uma análise abrangente da movimentação diaspórica, investigando o impacto do deslocamento populacional nas identidades individuais e coletivas dos sujeitos diaspóricos. Através dessa perspectiva, compreende-se que o movimento de deslocamento dos sujeitos diaspóricos em busca de melhores oportunidades de vida é um elemento central que afeta suas identidades.

Inicialmente, para abordar a diáspora sob a perspectiva da teoria pós-colonial, é necessário ressaltar a relevância desse conceito no contexto das relações de poder e dominação estabelecidas durante o período colonial. Através da colonização exploratória e opressiva, inúmeros povos foram forçados a abandonar suas terras de origem e se espalharam por diferentes regiões do globo. A diáspora, nesse contexto, refere-se à dispersão de sujeitos de seus locais de origem. Esse deslocamento pode ocorrer por questões de traumas coletivos ou de forma voluntária, em busca de melhor qualidade de vida. O sujeito que passa por esse movimento de se deslocar de sua terra natal muda-se para uma terra desconhecida, onde se sente desenraizado do seu lar (Ashcroft, 2000). A escritora Avtar Brah argumenta que as jornadas diaspóricas envolvem o estabelecimento e o enraizamento em outro lugar, destacando que não se trata apenas do sujeito que migra, mas também das circunstâncias em que a partida do país de origem ocorre.

Na perspectiva de Brah (1996), a diáspora é concebida como um espaço de formações comunitárias que podem ser duradouras, senão permanentes. Ela reconhece que a diáspora pode evocar imagens de traumas decorrentes de separação e deslocamentos, mas também ressalta

que esses espaços têm o potencial de se tornarem locais de esperança e recomeço de vida. Isso significa que, embora a diáspora esteja associada a experiências dolorosas de perda e desenraizamento, também pode oferecer oportunidades para a construção de novas identidades e pertencimentos. Nesse contexto, a diáspora adquire significado tanto como um espaço de luto e nostalgia quanto como um espaço de esperança e renovação (Brah, 1996).

Já Spivak caracteriza a diáspora como um trauma coletivo experimentado por um povo, refletindo a experiência de deslocamento forçado e a perda de vínculos com o local de origem (Bonnici, 2005). É importante ressaltar que a diáspora é distinta da emigração, em que o sujeito deixa o seu espaço de origem por vontade própria e poder retornar sem restrições (Cohen, 1997). Na diáspora, os sujeitos são frequentemente obrigados a deixar suas terras, se estabelecerem em locais desconhecidos e devem se adaptar a uma nova realidade. No entanto, ao chegarem a esse novo espaço, são frequentemente vistos como “intrusos” pelos sujeitos locais, resultando em sua marginalização e na reafirmação de estereótipos que contribuem para uma identidade fragmentada.

Na segunda parte do romance, Bulawayo aborda com cuidado a situação dos imigrantes negros que enfrentam a complexidade do processo de reterritorialização, o que implica a ruptura do migrante com seu espaço, idioma e cultura natal. Desde a infância, Darling experimenta a sensação de exclusão e deslocamento em seu próprio país, especialmente quando ela e sua família testemunham a destruição de seu lar. Essa experiência é detalhada de forma vívida pelo narrador intruso, que expressa a memória coletiva da nação:

Eles não vieram para o Paraíso. Vir significaria que escolheram. Que primeiro olharam para o sol, sentaram-se de pernas cruzadas [...] e ponderaram a decisão. [...] eles não vieram não. Eles só apareceram [...] apareceram em fila indiana, feito formigas. Em enxames, feito moscas. Em ondas zangadas, como um mar triste. [...] Apareceram com a poeira de suas casas esmagadas agarrada ao cabelo e à pele e às roupas, fazendo-os parecer saídos de outra vida. (Bulawayo, 2014, p.69).

A sensibilidade e a escrita poética ao descrever essa realidade de sofrimento carregam uma beleza triste e, ao mesmo tempo, inquietante. Chegam no Paraíso “saídos de outra vida”, onde tinham casa e um pouco mais de dignidade, onde não moravam em barracos e não viam seus pertences serem destruídos. Aqueles que surgem no Paraíso não abaixam a cabeça; sua raiva e revolta transformam-se em impulso para o recomeço. Há um consolo melancólico em saber que, mesmo em meio a um amontoado de zinco e sentimentos, essas pessoas não veem o caos como destino. Elas procuram existir, com todas as suas dores e esperanças, recusando-se

a serem definidas pela desordem que as cerca. A tristeza reside na luta incessante, mas também na persistente faísca de vida que se recusa a ser apagada:

Apareceram com latão, papelão, plástico, pregos e outras coisas com as quais pudessem construir, e tentaram parecer calmos enquanto levantavam seus barracos, pregando latão em latão, pedaço por pedaço, olhando corajosamente para o céu e tentando dizer a si mesmos e uns aos outros que mesmo ali, naquele estranho novo lugar, o céus ainda era do mesmo azul familiar, um sinal de que as coisas dariam certo. (Bulawayo, 2014, p.69-70).

A ideia de que ainda estão no mesmo país, sua terra natal, dá consolo a alguns. Ainda não é a diáspora para outros países, mas mesmo assim é um movimento diaspórico, já que foram expulsos de suas casas e obrigados a achar um lugar qualquer para construírem moradias precárias. Assim como os personagens do romance, aqueles que emergiram das sombras da adversidade não escolheram ir para uma favela de zinco, não escolheram ver seus lares sendo destruídos, e não escolheram aparecer com a família todos empoeirados em um espaço desconhecido onde ergueriam novas moradias improvisadas. O barraco construído é composto dos restos de entulhos de suas antigas casas; há um questionamento doloroso sobre por que isso está acontecendo com eles, já que o país é independente, e por que os irmãos da terra ajudaram os homens brancos: “Não foi assim antes das independência? Você se lembra de como os brancos nos expulsaram da nossa terra e nos colocaram naquelas reservas miseráveis?” (Bulawayo, 2014, p. 70). Essa dor é profunda e constante e recorrente. Que perspectivas poderiam ter?

A ideia da perda do território começa dentro seu próprio país, quebrado pelas sequelas da colonização. Eles perdem suas casas, que são destruídas por um governo opressor e autoritário: “Quando os tratores finalmente vão embora, tudo está esmagado, tudo está destruído. Há rostos tristes em toda parte, asfixiando-se por causa da poeira, paredes quebradas e tijolos em toda parte, as lágrimas nos olhos das pessoas em toda parte.” (Bulawayo, 2014, p. 64). As ruínas destas casas são, também, metaforicamente, a ruína de pedras que é o próprio Zimbábue após o domínio colonial. A repetição da expressão “em toda parte” reforça a ideia de que os efeitos da colonização não se dão só ali, no seu bairro, com seus vizinhos, mas em todo o Zimbábue e em todas as nações violentamente invadidas e usurpadas por colonizações.

As dificuldades enfrentadas pelas pessoas afetadas por essa desordem trazem em muitos o desejo de emigrar. Desde o início do romance, a diáspora se faz presente através dos relatos das crianças, como os do primo e da tia de um deles. Através dessas histórias, percebemos que todos aqueles que deixaram o país o fizeram em busca de uma vida melhor, já que a situação

no país não oferecia perspectivas. O pai de Darling foi para a África do Sul porque percebeu que seu diploma universitário não tinha valor no Zimbábue. Já a tia Fostalina foi mais longe, cruzando o Oceano Atlântico para buscar uma vida mais promissora na América. Inspirada pela jornada da tia, Darling sonha em seguir seus passos, atraída pela ideia de que na América todos têm oportunidades. Esse desejo reflete a produção de uma inferioridade, consequência direta da colonização. Uma vez que o germe da podridão se instalou, ele passou a influenciar a forma como o sujeito colonizado enxerga a si mesmo e o seu país. Isso reflete a narrativa imposta pelo colonizador, que propagou a ideia de sua própria superioridade em relação ao outro, já que a maioria dos sujeitos diaspóricos advém de ex-colônias. Essa superioridade leva à necessidade de moldar aqueles considerados inferiores, enquanto o sujeito colonizado busca a metrópole como referência de sucesso na vida. Essa dinâmica se reflete na literatura e na representação da diáspora.

No contexto de estudos literários, o conceito de diáspora é frequentemente enquadrado em três períodos: Diáspora Clássica, Diáspora Moderna e Diáspora Contemporânea (Brah, 1996). A diáspora clássica refere-se aos deslocamentos populacionais na antiguidade, especialmente durante os períodos do Império Romano e das dispersões judaicas. Um exemplo significativo é a diáspora judaica em 586 a.C., quando um deslocamento forçado foi imposto devido a conflitos armados e perseguições. Esse evento inicial marcou a compreensão da diáspora como um fenômeno complexo, caracterizado por movimentos populacionais resultantes de circunstâncias adversas e opressivas (Cohen, 1997). A diáspora judaica ilustra vividamente a experiência de deslocamento forçado, não apenas migrações voluntárias, mas situações onde a sobrevivência e a busca por segurança são os principais impulsionadores do movimento populacional.

Hall (2023) ressalta a importância da história do Velho Testamento para os caribenhos, destacando o sofrimento do ‘povo escolhido’ levado à escravidão no Egito, o cativeiro na Babilônia, a liderança de Moisés e o retorno à Terra Prometida. A diáspora hebraica, representada pela saída do povo hebreu do Egito, exemplifica um deslocamento populacional antigo, marcado pela busca do retorno à terra de origem e a “cura” das rupturas causadas pelo afastamento e pela escravidão. Hall destaca que a diáspora não é apenas um movimento físico, mas também uma experiência identitária. A diáspora hebraica exemplifica a busca pela reconexão com a pátria perdida e a formação de uma identidade coletiva e individual no contexto da diáspora.

A diáspora moderna refere-se aos deslocamentos populacionais ocorridos a partir do século XV, durante a era colonial e a expansão do comércio transatlântico. Essa forma de dispersão está fortemente relacionada à escravidão, ao comércio de mercadorias e ao imperialismo europeu. A diáspora moderna envolveu o deslocamento forçado de milhões de africanos para as Américas, como se nota:

A diáspora, movimento voluntário ou forçado de pessoas de suas terras natais para novas regiões, é um fato histórico central do processo de colonização. O colonialismo, em si, foi um movimento radicalmente diaspórico, envolvendo a dispersão temporária ou permanente e o assentamento de milhões de europeus em todo o mundo (Ashcroft et al., 2000, p. 68-69, tradução minha)<sup>22</sup>.

Nesse contexto, a diáspora africana também representa um exemplo significativo do fenômeno histórico e social da diáspora. Por causa da escravidão, sujeitos africanos foram arrancados de suas terras de origem e levados à força para as colônias, onde foram explorados e subjugados. Ashcroft et al. (2000) destacam que aqueles sujeitos escravizados afetados pela diáspora, bem como seus descendentes, desenvolveram suas próprias culturas, e combinam elementos de sua cultura original com influências da cultura imposta. Os sujeitos diaspóricos estão se adaptando e moldando dentro da cultura moderna e dos ideais da metrópole, o que reflete as relações complexas entre sujeitos e sociedades em um mundo globalizado, onde as fronteiras são constantemente atravessadas e as identidades são moldadas por diversas forças (Hall, 2023).

No estudo da diáspora pelo viés da teoria pós-colonial, é importante considerar como as relações de poder e dominação do período colonial persistem no contexto pós-colonial. Problemas de dependência, subdesenvolvimento e marginalização, característicos do período colonial, continuam a afetar as sociedades descolonizadas. No entanto, essas relações são agora reconfiguradas. Enquanto no passado as diásporas eram articuladas como relações desiguais de poder entre sociedades colonizadoras e colonizadas, atualmente elas emergem como lutas entre forças sociais locais, contradições internas e fontes de desestabilização dentro da sociedade descolonizada e entre esta e o sistema global como um todo (Hall, 2023). À medida que os sujeitos são deslocados de suas terras de origem, eles trazem consigo suas práticas, valores e tradições culturais, que se mesclam com as culturas locais. Isso resulta em uma rica diversidade

---

<sup>22</sup> Diaspora, the voluntary or forcible movement of peoples from their homelands into new regions, is a central historical fact of colonization. Colonialism itself was a radically diasporic movement, involving the temporary or permanent dispersion and settlement of millions of Europeans over the entire world (Ashcroft et al., 2000, p. 68 - 69).

cultural que caracteriza as comunidades diaspóricas, onde diferentes grupos étnicos, religiosos e linguísticos convivem e interagem.

Observamos que o romance contextualiza a diáspora contemporânea ao apresentar, através da narrativa de Darling, sua experiência e a desua tia nos Estados Unidos, a tensão entre as raízes e a busca por um novo pertencimento em um mundo globalizado. Devemos destacar que o romance não apenas narra uma jornada pessoal, mas também reflete as experiências de sujeitos diaspóricos que atravessaram fronteiras em busca de uma vida melhor, destacando a resiliência e a resistência que caracterizam a diáspora contemporânea. Na obra, a migração de Darling do Zimbábue para os Estados Unidos é um reflexo direto dos processos de globalização. A busca por melhores condições de vida e oportunidades econômicas ilustra a desigualdade global que ainda persiste devido aos legados coloniais. A teoria pós-colonial foca nesses movimentos como resultado do desequilíbrio de poder e recursos entre o Norte Global e o Sul Global.

Para Brah (1996), vários fatores estão por trás dos movimentos migratórios. As pessoas tendem a deixar seus países de origem devido às desigualdades econômicas, à busca por mobilidade capital, ao desejo de melhorar as condições de vida, além de conflitos políticos, guerras, fome, entre outros. Os sujeitos que configuram esses movimentos podem ser trabalhadores migrantes, empresários, estudantes ou refugiados. No romance, há vários exemplos de sujeitos que emigraram por fatores diversos, como é o caso de, Prince, primo da tia Fostalina, que chega aos EUA, vítima de violências físicas e simbólicas em seu país: “Prince tem cicatrizes de queimaduras nos braços e nas costas ondeo queimaram. Ele é novo, mas agora parece velho [...]. Seu rosto é duro e terrível e a luz nos seus olhos se foi, como se a neve tivesse talvez entrado ali furtivamente e apagado” (Bulawayo, 2014, p. 139).

As circunstâncias que levaram Prince aos EUA se tornaram traumas profundos para ele. Ele é um exemplo de sobrevivência, mas perdeu a sanidade mental por causa desses traumas. Darling detalha um momento em que Prince fala sozinho, grita, berra e dá pontapés como se brigasse com alguém que quisesse machucá-lo. Talvez Prince tenha sido vítima da política violenta que assolava o Zimbábue, onde pensar de forma democrática era proibido e a população estava subordinada a um regime opressor. Já vimos como o personagem Bornfree havia sido morto por tentar fazer campanhas sérias para um novo tipo de política nas eleições do Zimbábue.

Darling, ainda muito jovem, não emigra por perseguições políticas diretas a si, mas evidencia-se que a problemática de um governo ditatorial faz com que tantos sujeitos se

obriguem a fugir do país, pela miséria, pela fome, pela falta de perspectivas. Já os primeiros dias da protagonista em solo americano geram um conflito interno entre a saudade da terra natal, dos familiares e amigos, e a necessidade de ficar:

Se estivesse em casa eu sei que não ficaria sem sair porque uma coisa chamada neve estava me impedindo de ir lá fora viver a vida. Talvez eu e a Sbho e o Bastard e a Chipó e o Godknows e o Stina estaríamos em Budapeste, roubando goiabas. Ou estaríamos brincando de Encontrar Bin Laden ou do jogo dos países ou de queimada. Mas por outro lado não teríamos comida suficiente, e é por isso que vou tolerar ficar na América (Bulawayo, 2014, p.138).

Esse é o primeiro momento de inadequação que toma conta de Darling, pois há a falta de identificação, além da estranheza entre os costumes dos norte-americanos. Aqui, evidencia-se que Zimbábue não mais é chamado de país de “kaka”. Darling não chega a idealizar seu país, pois sabe que lá passaria fome, mas há um tom saudosistas sobre o que ficou para trás.

Os tios de Darling são obrigados a mudar de cidade e a dificuldade de adaptação torna-se ainda pior, pois Darling passa a sofrer bullying. Ela expõe seus pensamentos de não pertencimento ao relatar como foi recebida pelos colegas de sala em sua escola. As crianças implicavam tanto com ela que Darling começou a acreditar que tudo o que ela era e representava estava errado. Elas comentavam sobre sua forma de agir, falar e se portar, o que fez com que Darling não se sentisse bem-vinda naquele espaço, ao ponto de ela se ver apenas como um erro:

As outras crianças implicavam comigo por causa do meu nome, do meu sotaque, do meu cabelo, do jeito que eu conversava ou dizia coisas, do jeito que eu me vestia, do jeito que eu ria. Quando implicam com você por causa de alguma coisa, primeiro você tenta consertar essa coisa pra que as implicâncias parem, mas aquelas crianças malucas implicavam comigo por tudo, até mesmo as coisas que não tinha como mudar, e isso continuou acontecendo e continuou acontecendo até que no fim simplesmente tudo parecia errado dentro da minha pele, do meu corpo, das minhas roupas, da minha língua, da minha cabeça (Bulawayo, 2014, p.148-149).

A fala de Darling pode ser compreendida como a descoberta do não pertencimento em um contexto de diáspora, onde ela se encontra em um país estrangeiro. Ao descrever como as crianças implicavam com ela por tudo, incluindo aspectos que não poderia mudar, Darling revela as consequências psicológicas do movimento diaspórico. Inicialmente, ela tenta se ajustar, procurando corrigir as coisas pelas quais é criticada. Ela se depara com uma cultura que, embora globalmente dominante, ainda a vê como outra. No entanto, ao perceber que as implicâncias eram incessantes e abrangiam aspectos imutáveis de sua identidade, ela começa a sentir que tudo nela está errado. Essa busca pelo apagamento de si reforça como Darling se

sente pressionada a caber dentro dos aspectos que a sociedade local determina (Hall, 2022). Com o tempo, vemos o amadurecimento dessa crise de identidade que Darling sofre. Essa experiência reflete a luta comum de sujeitos diaspóricos para encontrarem um senso de pertencimento em um país que não é o seu de origem. A sensação de não pertencimento se intensifica à medida que ela percebe que suas características são vistas como estranhas ou inadequadas por aqueles ao seu redor. No entanto, as perseguições só pararam quando os colegas começaram a atormentar outro aluno, Tom, que era chamado de *freak*. Infelizmente, Tom não suportou as implicações constantes e, vendo-se como uma verdadeira aberração, tirou a própria vida. Esse trágico desfecho não apenas destacou a crueldade do bullying, mas também mostrou como o sentimento de não pertencimento e a constante perseguição podem ter consequências devastadoras. Obviamente, Darling aqui simboliza situações comuns aos sujeitos diaspóricos.

A partir de Hall (2023) entendemos que a globalização é um fenômeno de conexão e interdependência entre diferentes partes do mundo, impulsionado pela integração econômica, política e cultural. No entanto, a globalização também apresenta aspectos contraditórios, como a imposição de uma narrativa homogênea, muitas vezes dominada pela cultura e pelos valores dos Estados Unidos, levando à “americanização” do mundo. Esse processo implica uma hierarquia de poder global, onde alguns países exercem maior influência e poder, resultando em conflitos e desigualdades entre as nações. Além disso, Hall discute o hibridismo como um processo decorrente da interação entre culturas na diáspora contemporânea, onde indivíduos influenciam e são influenciados pelas culturas locais, criando expressões culturais híbridas e transculturais.

Esses conceitos podem ser observados no trecho da obra, onde a personagem tia Fostalina, ao viver nos Estados Unidos, se vê pressionada a conformar-se aos padrões de beleza americanos. Em seu país de origem, os países africanos, o modelo ideal de corpo feminino é mais curvilíneo e realista, e tia Fostalina era considerada uma bela mulher. No entanto, ao chegar aos EUA, ela se sente inadequada, não só por ser africana e negra, mas também por não se encaixar no padrão corporal magro promovido pela cultura norte-americana. Com isso, ela dedica-se inteiramente à tentativa de obter a melhor forma física, com o auxílio dos exercícios físicos que passam na TV. Darling observa sua tia com certo espanto, pois mesmo sendo magra, ela deseja emagrecer ainda mais, para manter um padrão físico que é o modelo norte-americano:

Quando a tia Fostalina acaba de caminhar, ela pergunta, Você acha que eu estou perdendo peso? Quemé mais gorda, eu ou a tia Da? Quem é mais gorda, eu ou a sua mãe? Em seguida, ela se senta naquela grande bola [...]. Em seguida, ela levanta aqueles ferros e diz, Vou fazer uma dieta de frutas. Em seguida, ela se levanta e começa a andar de novo [...]. A tia Fostalina é magra e logo, logo vai começar a se parecer com os ossos do Pai, afogado na cama, esperando para morrer" (Bulawayo, 2014, p.139).

Essa mudança na percepção de si mesma e sua tentativa de emagrecer, mesmo já sendo magra, refletem a imposição da narrativa homogênea discutida por Hall. A “americanização” está presente na forma como tia Fostalina tenta adaptar seu corpo ao padrão de beleza dominante nos EUA, levantando questões sobre identidade e autoimagem influenciadas pela globalização. O diálogo em que tia Fostalina pergunta obsessivamente se está perdendo peso e compara seu corpo ao de outras mulheres destaca a hierarquia de poder global que Hall menciona. A pressão para conformar-se aos padrões americanos reflete as desigualdades impostas pela influência cultural dos EUA, onde a tia Fostalina sente a necessidade de transformar-se para ser aceita. Além disso, como já vimos, em muitos países africanos, o corpo curvilíneo está ligado à ideia de ter alimentação farta e o corpo magro reflete a fome. Por isso, nos Estados Unidos, estes conceitos são redefinidos por tia Fostalina, pois comida não lhe falta mais. Nos Estados Unidos, as opressões são outras.

A partir da análise proposta por Brah (1996), é possível refletir sobre a complexidade no conceito de “lar” no contexto de diáspora. Esse termo pode ser entendido tanto como uma construção mística e subjetiva do desejo, quanto como uma vivência concreta de pertencimento a um local específico. Como menciona: “[...] lar pode ser a experiência vivida em uma localidade. [...], a experiência variada de dores e prazeres, terrores e contentamentos, ou os altos e baixos da cultura cotidiana [...]” (1996, p. 189, tradução minha)<sup>23</sup>. A questão do lar e do sentimento de pertencimento estão intrinsecamente ligados às dinâmicas de inclusão e exclusão que o sujeito diaspórico enfrenta. É importante ressaltar que a identificação como um lugar e a atribuição de “lar” podem variar de pessoa para pessoa, dependendo de suas experiências e percepções individuais. Brah (1996) oferece um exemplo ilustrativo, mencionando um jamaicano que reside no Reino Unido. Este sujeito pode se sentir mais à vontade ao chamar Londres de “lar”, porém, ao mesmo tempo, pode insistir em se definir como jamaicano como uma forma de afirmar uma identidade que ele percebe ser ameaçada ou apagada no contexto da diáspora. Tal reflexão nos remete a enxergar a complexidade das questões de identidade e

---

<sup>23</sup> “[...] home is also the lived experience of a locality. [...] the varying experience of the pains and pleasures, the terrors and contentments, or the highs and humdrum of everyday lived culture [...]” (1996, p. 189)

pertencimento na diáspora, destacando como o senso delar podese ambivalente e permear por tensões e negociações constantes. Essa complexidade é exemplificada na obra de Bulawayo, particularmente no momento em que migrantes do Zimbábue se reúnem na casa datia Fostalina:

Sempre que eles vêm [...] todo mundo fala nossa verdadeira língua, rindo e dizendo coisas com a voz bem alta sobre a nossa terra [...]. Os tios e as tias trazem miúdos de cabra e preparam ezangaphazathi e sadza e mbhida e de vez em quando trazem amacimbi, que é a minha comida favorita, umfushwa e outras comidas de casa [...] Depois da comida vem a música. Eles põem para tocar Majaiva, põem Salomon Skuza, põem Ndux Malax, Miriam Makeba, Lucky Dube, Brenda Fassie, Paul Matavire, Hugh Masekela, Thomas Mapfumo, Oliver Mtukudzi (Bulawayo, 2014, p.144).

Darling comenta que não conhecia essas pessoas quando estava em seu país, mas que agora são seus parentes, pois a América permitiu que tivessem esse vínculo, já que todos compartilham a mesma experiência de deixar seu país de origem para viver ali. Essa passagem ilustra a noção de “lar” como uma construção subjetiva e coletiva. Para esses migrantes, a casa de tia Fostalina se torna um espaço onde podem experienciar uma sensação de pertencimento e reconectar-se com sua cultura de origem. Apesar de estarem em um país estrangeiro, eles criam um “lar” a partir das práticas culturais compartilhadas e do vínculo comunitário. Esse processo de construção de um novo lar, enquanto mantêm as tradições de seu país de origem, reflete a ambivalência e a complexidade do conceito de lar na diáspora, conforme descrito por Brah. Assim, tanto a teoria de Brah quanto a narrativa de Bulawayo evidenciam como o conceito de “lar” é dinâmico e multifacetado na experiência diaspórica, permeado por negociações de identidade e pertencimento que são influenciadas tanto pelo contexto local quanto pelas raízes culturais dos indivíduos. O sujeito diaspórico pode enfrentar desafios ao buscar conciliar sua identidade de origem com as experiências e realidades do novo ambiente em que se encontra.

A identidade é um conceito complexo que se encontra em constante evolução, pois, segundo Hall (2008), a forma tradicional de compreender a identidade já não é suficiente para abordar certas questões fundamentais, uma vez que as identidades não são uniformes, sendo cada vez mais fragmentadas e fraturadas na modernidade. Compreende-se, então, que as identidades não são singulares, mas sim construídas de forma múltipla por meio de discursos, práticas e posições. No contexto da diáspora, as identidades assumem uma natureza múltipla e complexa. A diáspora envolve a dispersão de pessoas de uma localidade ancestral para várias regiões do mundo, resultando em desenraizamento e reconfiguração identitária. Muitos indivíduos diaspóricos compartilham o sentimento de que sua “terra” se tornou irreconhecível ou inacessível.

Esse conceito de identidade múltipla e complexa pode ser claramente observado na experiência de Darling, pois a saudade é uma constante para aqueles que deixam sua terra natal e se aventuram em um país desconhecido, afastando-se da família e dos amigos. Esse sentimento de ausência é ainda mais intenso quando existem barreiras que impedem o retorno, como é o caso de Darling. Ao emigrar para os Estados Unidos com um visto de turista que já venceu, ela se encontra em uma situação irregular e, portanto, impossibilitada de visitar seu país de origem. A condição de viver ilegalmente na América exacerba sua frustração e tristeza, pois a possibilidade de rever seus entes queridos se torna inviável. Além da impossibilidade de visitar o país de origem, a irregularidade da condição de Darling nos Estados Unidos afeta sua capacidade de manter vínculos com aqueles que ficaram para trás. A distância física, aliada às restrições impostas por sua situação de imigração, dificulta a comunicação e o contato regular com amigos e familiares. Quando Darling já estava nos EUA e falava com seus amigos de infância, ela frequentemente omitia a realidade que vivia ali, por medo de ser motivo de piadas. No Paraíso, ela defendia os EUA com convicção, acreditando que no país não havia miséria nem outros tipos de mazelas. Ela se empenhava em não destruir a imagem da América que tanto prezava, querendo manter a ilusão de perfeição. Darling lembra dos primeiros meses em que escrevia para seus amigos:

Contei para eles da América, do tipo de coisa que eu comia, das roupas que eu usava, das músicas que eu escutava, das celebridades e coisa do tipo. Mas tomava cuidado para deixar certas coisas de fora também, por exemplo, [...] que a casa onde a gente morava não era nem um pouco parecida com as que a gente tinha visto na tevê [...] ela não era feita de tijolos, mas de tábuas, uma casa feita de tábuas na América, e como quando chovia essas tábuas mofavam e cheiravam mal. Não contei para eles como, nas noites de verão, às vezes tinha o pá-pá-pá detiros na vizinhança [...], e como uma mulher a poucas casas da nossa afogou os filhos nabanheira, todosos quatro, como tinha gentepobre na rua, segurando cartazes para pedir dinheiro (Bulawayo, 2014, p.167).

Darling se preocupa em provar que a América que sempre defendeu para seus amigos é real, não uma ilusão. Ela quer manter viva a visão de um lugar de oportunidades, onde todos os sonhos podem se realizar, mesmo que a realidade ao seu redor não corresponda a essas expectativas. Ao escrever para seus amigos no Zimbábue, ela compartilha apenas as partes positivas da sua nova vida, omitindo as dificuldades e as condições precárias que encontra. Essa seletividade nas informações revela um profundo desejo de acreditar que a América é diferente do seu país de origem, livre dos problemas que conhecia tão bem no Zimbábue. Darling sente

vergonha de descobrir que, mesmo na América, existe violência e miséria, pois isso se distancia da América dos seus sonhos.

A globalização, ao disseminar uma visão glamourosa e simplificada da vida americana, contribui para a desilusão de Darling ao confrontar as dificuldades reais de ser imigrante. A contradição entre a realidade e as expectativas de Darling destaca o impacto das imagens midiáticas e das narrativas culturais na formação das expectativas dos imigrantes. A América que ela via na televisão e nas histórias era um lugar de prosperidade e segurança, bem diferente da realidade que muitos imigrantes enfrentam ao chegar. Admitir esses problemas seria reconhecer que o sonho americano pode ser apenas uma ilusão, algo que ela não está pronta para fazer. A luta de Darling reflete a pressão para assimilar e se adaptar à cultura dominante, levantando questões sobre a perda da identidade cultural e o conflito entre preservar as próprias raízes e se integrar na nova sociedade. Ao preservar sua visão da “minha América”, Darling navega pelo terreno difícil de reconciliar sonhos com a realidade, esforçando-se, em última análise, para manter a esperança e a positividade diante da desilusão.

Outro momento que ilustra essa idealização da América ocorre quando os amigos de Darling a questionam sobre celebridades, moda e as diferenças culturais nos Estados Unidos, onde ela agora reside: “Você já viu a Victoria Beckham? A Kim Kardashian? A Lady Gaga? A Oprah? Já foi pra Nova York? Hollywood? Que roupa você tá usando agora? Você tem amigos brancos? Qual o nome deles?” (Bulawayo, 2014, p.183). A curiosidade deles reflete uma visão simplista e idealizada da América, que não reconhece a diversidade e as complexidades da vida lá. A admiração de Sbhó por celebridades exemplifica a disseminação global da cultura popular americana, influenciada pela mídia global que retrata uma imagem glamourosa da América. Os amigos de Darling esperam que ela esteja imersa em um estilo de vida repleto de encontros com celebridades e usando roupas da moda americana, mostrando como a mídia global cria e espalha imagens idealizadas de determinados lugares. As expectativas dos amigos de Darling são fundamentadas em uma visão superficial e idealizada da América, frequentemente promovida por filmes, programas de TV e redes sociais. Essa idealização ignora as realidades mais duras e complexas da vida dos imigrantes, incluindo a violência, a pobreza e a alienação cultural (Hall, 2022). Ciente dessas dificuldades, Darling opta por não compartilhar esses aspectos com seus amigos, talvez para preservar a imagem positiva da América que eles têm. A cena em que Darling fala ao telefone com seus amigos, é significativa porque ilustra o poder das imagens midiáticas e das narrativas culturais globais em moldar percepções e aspirações. Além de

destacaro conflito entre a expectativa e a realidade, uma experiência comum entre os imigrantes que navegam entre suas esperanças e as duras verdades de suas novas vidas.

Hall (2022) aborda três concepções de identidade, questão: o sujeito iluminista, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. A concepção do sujeito iluminista enfatiza a autonomia e independência do indivíduo na construção de sua identidade, baseada em suas escolhas e experiências pessoais. A concepção do sujeito sociológico destaca o papel da sociedade e das estruturas sociais na formação da identidade, considerando as influências dos contextos e normas sociais. Já a concepção do sujeito pós-moderno reflete a natureza fluida e fragmentada da identidade na sociedade contemporânea, caracterizada pela constante mudança e adaptabilidade, nas palavras do autor “Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (p. 11). No contexto da diáspora, Hall ressalta que assumimos diferentes identidades em momentos diversos, com identidades contraditórias coexistindo dentro de nós, tensionando para direções distintas. Como resultado, nossas identificações estão constantemente em movimento e deslocamento.

À medida que entramos em contato com novas culturas e experiências, somos desafiados a reconfigurar nossas identidades, negociando entre a preservação de nossas raízes culturais e a assimilação dos elementos da cultura de acolhimento. Assim, a diáspora nos lembra que nossas identidades são fluidas, construídas e reconstruídas constantemente em um processo interminável de negociação e adaptação. Essa teoria é claramente ilustrada no romance, onde a complexidade de falar uma língua que não é materna, como o inglês, é exposta. O processo de pensar, organizar a oração de maneira coesa, falar para si mesmo e, finalmente, expressar-se em voz alta, torna-se desafiador em um contexto onde o inglês é a língua dominante. No entanto, não há tempo para todas essas etapas ao estar em um país onde o inglês é a língua materna, pois muitas vezes as pessoas não querem ouvir o que o migrante tem a dizer. A urgência da comunicação e a impaciência dos ouvintes nativos intensificam essa dificuldade. A América real, com todo o desencantamento que trouxe, exigia esforço para dominar o idioma, adquirir novos hábitos e forjar uma nova identidade. Darling percebe que, para ser ouvida, precisava falar como americana:

A melhor maneira de lidar com tudo isso é falar como americana, e a tevê tem me ensinado o jeito certo de fazer isso. É bem fácil, tudo o que você tem de fazer é assistir a Dora, a aventureira, os Simpsons, Bob Esponja, Scooby-Doo, e depois passar para As visões da Raven, Glee, Friends, As supergatas, e assim por diante, só ouvindo e imitando o sotaque (Bulawayo, 2014, p.172).

Essa necessidade de imitar o sotaque americano para ser entendida sugere uma pressão para assimilar e se adaptar à cultura dominante, levantando questões sobre a perda da identidade cultural e o conflito entre preservar as próprias raízes e se integrar na nova sociedade. Esse dilema reflete a concepção do sujeito pós-moderno descrita por Hall, onde a identidade é fluida e está em constante negociação. Darling, ao imitar o sotaque americano, está reconfigurando sua identidade para se adaptar ao novo ambiente, exemplificando como as identidades diaspóricas são moldadas por forças externas e internas. Portanto, a teoria de Hall sobre a identidade pós-moderna e a narrativa de Bulawayo se entrelaçam ao mostrar como a diáspora exige uma contínua reconstrução da identidade. Darling vive a tensão entre sua identidade original e a necessidade de assimilação cultural, destacando a fluidez e complexidade das identidades na modernidade. Além disso, Darling observa a tia Fostalina ao telefone tentando comprar uma lingerie da *Victoria's Secret* e nota como a vendedora não entende, por causa de seu sotaque:

Desculpe, o quê? Não ouvi muito bem, talvez seja a minha linha [...] Angel, angel, angel, diz a tia Fostalina, aumentando o som da voz ainda mais. Angél, tia Fostalina acrescenta, prestativa [...]. Balbucio em silêncio - Endjiel. Ouço a garota dar um breve suspiro. Me desculpe, eu não sei o que a senhora quer dizer [...]. O que você quer dizer com não sabe o que eu quero dizer? Você não entende o que eu estou falando? Uma palavra tão simples! [...]. Talvez a senhora possa soletrar? [...] O.K., A de árvore... Árvore não, A de ânus, é um som diferente. N de não. G de girafa. E de elefante. L de Líbia. Pronto aí está, angel. Angel. Angel, diz tia Fostalina. Há um breve silêncio, como se talvez a garota refletisse sobre o que escreveu, e então ela diz, Ah! A senhora quer dizer endjiel!” (Bulawayo, 2014, p.174).

A tia Fostalina se irrita e quer expressar todo o seu descontentamento para alguém que, como ela, é imigrante, porque sabe que será compreendida. Darling observa a tia, entendo que se passa em sua cabeça, sente-se frustrada e, ao mesmo tempo, com raiva, porque para ela o inglês falado era de fácil compreensão, mas não foi para a vendedora. Isso leva a tia Fostalina a refazer toda a conversa em inglês, na frente do espelho, onde ela consegue articular o que queria dizer à vendedora, como se o inglês fosse a única língua que conhecesse. Darling vê a frustração da tia e reflete que a tia vai ligar e contar o corrido a alguém, pois “Tem que contar a história para alguém que sabe o que você quer dizer, que vai entender exatamente o que você diz, e que não é sua culpa mas da outra pessoa, alguém que sabe que o inglês é como uma imensa porta de ferro e vocês está sempre perdendo a chave” (Bulawayo, 2014, p.175). Esse episódio destaca a luta dos imigrantes para se adaptarem linguisticamente e culturalmente. A

necessidade de alterar seu sotaque e forma de falar para serem compreendidos e aceitos é um exemplo claro das barreiras que enfrentam. A frustração de Tia Fostalina ao perceber que, apesar de suas habilidades linguísticas, ainda existem obstáculos devido ao preconceito linguístico, revela a complexidade de ser um imigrante. O esforço contínuo para se adequar à nova cultura, muitas vezes à custa da própria identidade, é uma luta comum entre os migrantes que buscam um lugar de pertencimento em uma nova terra. A língua é vista como uma porta de ferro e o migrante vive perdendo as chaves dessa porta, numa simbologia de como a língua imposta pelo colonizador aos sujeitos colonizados se torna uma barreira, um impedimento de sua aceitação na sociedade como sujeito igual. Tia Fostalina precisa se adequar não só ao corpo padronizado da América, mas também à língua aceita.

No que diz respeito à formação da identidade cultural, Hall (2016; 2022; 2023) critica o senso comum que afirma que a identidade é algo inato e determinado pelo nascimento e linhagem genética. Para ele, a formação da identidade é um processo contínuo e inconsciente, não existindo previamente à consciência individual. A identidade é construída por meio de interações complexas entre fatores psíquicos e sociais ao longo do tempo. Essa visão desafia a concepção tradicional de identidade como algo fixo, destacando sua natureza fluida e em constante transformação.

O autor compreende que pode ser tentador acreditar que, na era da globalização, podemos pensar que a identidade está destinada a encontrar um lugar específico, voltar às suas origens ou desaparecer ao se misturar com outras culturas. No entanto, isso pode ser uma falsa concepção, pois, há outra possibilidade, a qual ele denomina como tradução, que:

[...] descreve aquelas formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado (Hall, 2022, p. 52).

Na realidade da diáspora, essas pessoas enfrentam o desafio de conciliar a nova cultura em que vivem com a preservação de sua identidade. Elas carregam consigo traços culturais, tradições, idiomas e histórias únicas que as moldaram. No entanto, essas identidades diaspóricas não podem ser unificadas, pois são uma mistura de várias histórias e culturas que se entrelaçam, pertencendo a diferentes lugares ao mesmo tempo. É uma experiência complexa de pertencimento e conexão com múltiplas raízes. Nesse sentido, o autor também aborda que

quando um sujeito diaspórico se encontra em um novo espaço e interage com os habitantes locais,

[...] eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia (Hall, 2022, p. 52).

Essa interação do sujeito diaspórico com os habitantes locais implica o desafio de adaptar-se e negociar entre suas diversas identidades, línguas e experiências culturais. Um exemplo disso é o episódio em que Darling e seus tios são convidados para o casamento de Dumi, um conhecido da tia Fostalina. Ao chegar ao casamento, Darling se depara com situações que chamam sua atenção. Primeiramente, ela descobre que a noiva de Dumi é branca e obesa:

Só quando eu vejo a noiva é que entendo por que tem tantos brancos: ela é branca. Foraisso, ela é somente rolos e maus rolos de carne; não consigo evitar de ficar olhando pra ela, não consigo deixar de pensar, *Mas isso não é só gordura*. Na América, a gordura não é a gordura a qual estava acostumada na minha terra. Lá, a gordura era de grandeza, uma gordura que você poderia entender porque significava que a pessoa comia bem, gordura que você poderia até mesmo invejar. [...] Mas essa gordura americana leva as coisas a um outro nível: o corpo vira outra coisa – o pescoço vira uma coxa, a barriga vira um formigueiro, um braço uma coisa, uma bunda eu nem sei o quê (Bulawayo, 2014, p.153)

No trecho do casamento, Darling observa e critica o contraste entre a obesidade nos Estados Unidos e a fome e miséria de onde ela veio, no Zimbábue. Isso pode ser interpretado como um exemplo da “tradução” de identidades que Hall menciona. A observação de Darling sobre a gordura e a obesidade nos Estados Unidos pode ser vista como uma forma de tradução cultural, onde ela tenta compreender e interpretar um aspecto da nova cultura americana através das lentes de sua própria experiência e identidade cultural zimbabuana. A crítica de Darling pode ser entendida como uma reação ao choque cultural, onde ela vê a obesidade não apenas como uma questão de saúde, mas como um símbolo de desigualdade global. No Zimbábue, a luta era pela sobrevivência básica, enquanto nos Estados Unidos, ela se depara com o excesso alimentar, ilustrando um mundo de abundância que contrasta fortemente com sua experiência de privação.

O casamento também é visto com suspeita por algumas das pessoas que o conhecem, que fazem comentários maliciosos sugerindo que Dumi se casou apenas para conquistar um visto de cidadania. Esses comentários indicam que seu casamento com uma mulher branca pode ser interpretado como uma estratégia de segurança e estabilidade nos Estados Unidos. Outra

perspectiva interessante é que Dumi possa ter se relacionado com uma mulher branca para se igualar aos brancos, já que eles vivem no mesmo país. Esse comportamento se alinha com a temática discutida por Fanon, que aborda a busca de aceitação e status social por meio de relações inter-raciais. Segundo o autor, a percepção que a sociedade branca tem do homem negro influencia diretamente na forma como este se vê e se porta diante dessas pessoas. O autor também argumenta que não adianta adotar uma identidade conforme a vontade da maioria, pois a mudança interna não ocorrerá dessa forma. Mesmo que o homem negro tente se “branquear”, ele compreende que isso não pertence a ele. Em vez de buscar ser aceito, o autor sugere a legitimidade da própria identidade, salientando que o passado não pode determinar o caminho atual (Fanon, 2020).

A situação de Dumi também ilustra a complexidade das experiências diaspóricas e as consequências do movimento diaspórico. Seu casamento com uma mulher branca poder ser visto como uma tentativa de assimilação cultural e social em um novo país, refletindo o desejo de pertencer e ser aceito em uma sociedade predominantemente branca. Isso pode ser interpretado como uma estratégia para navegar as dinâmicas de poder e raça no contexto americano. Diante dessa imposição, o negro enfrenta conflitos internos para afirmar sua identidade diante de outro ser, uma vez que seu sistema de referência se torna invisível por estar em contradição com uma civilização imposta como autêntica (Fanon, 2020)

Outro aspecto que chama nossa atenção é que os familiares de Dumi enviaram vídeos parabenizando seu casamento. O destaque vai para a avó de Dumi, que diz:

[...] que espera que ele tenha escolhido uma mulher saudável, bonita, respeitosa e equilibrada, que gere filhos fortes e ensine a eles nossa bela cultura, e volte para casa e retome o lar ancestral como se espera da primeira nora. Uma mulher que saiba o seu lugar e ouça e obedeça o marido e faça dele um homem entre os homens. Uma esposa que seja rápida com os pés e talentosa com as mãos e trabalhadora e pura e fiel (Bulawayo, 2014, p.154).

Esse comentário ressalta a expectativa de preservação cultural e a esperança de reconexão com as raízes, mesmo estando em um país estrangeiro. Tais elementos juntos demonstram as tensões e os desafios do sujeito diaspórico. Por um lado, há a pressão para se integrar e ser aceito no novo país, o que pode levar a escolhas que buscam facilitar essa integração, como o casamento inter-racial de Dumi. Por outro lado, há a pressão para manter a identidade cultural e os laços com a terra natal, como expressado pela avó de Dumi. A experiência de Dumi evidencia as complexas negociações que os sujeitos diaspóricos enfrentam

entre a assimilação e a preservação cultural, e como essas escolhas impactam suas identidades e relações.

O sujeito negro que vivencia a diáspora frequentemente se depara com a desafiadora tarefa de conciliar sua identidade cultural com a adaptação a um novo ambiente, onde a cor de sua pele é frequentemente percebida como exótica e/ou inferior, ao passo que também se torna um fator para a exclusão desse sujeito no novo espaço. Ao abordarmos a situação do sujeito negro diaspórico que enfrenta discriminação e racismo, é crucial reconhecer a interseção entre a complexidade de sua identidade e as experiências de exclusão, as quais moldam sua forma singular de pertencimento e afirmação de identidade. Essa compreensão mais abrangente possibilita uma reflexão acerca das dinâmicas opressivas presentes na construção e expressão das identidades diaspóricas, destacando a influência dessas experiências na formação e vivência do sujeito negro em um contexto diaspórico.

Quando a discussão se trata do sujeito diaspórico negro, é relevante destacar a complexidade das experiências vividas por esses sujeitos, que carregam consigo as marcas do passado escravocrata, muitas vezes. A identidade do sujeito diaspórico negro é moldada pela história de opressão e resistência, influenciando sua relação com o mundo branco e sua percepção de si.

Outro momento interessante do capítulo ocorre quando Darling vai ao banheiro e uma mulher branca se comporta de maneira inusitada. Inicialmente, a mulher pede que Darling lhe ensine algo em sua língua nativa. Em seguida, ela comenta sobre o Congo, presumindo que Darling estaria familiarizada com os eventos ali ocorridos, referindo-se às tragédias que viu na CNN: “Nem me diga. Cristo, os estupros, e todas aquelas mortes! Como essas coisas ainda podem estar acontecendo? [...] E todas aquelas pobres mulheres e crianças” (Bulawayo, 2014, p.157). Por fim, a mulher menciona que sua sobrinha trabalha com ONGs. Esses comentários reforçam a visão estereotipada do continente africano prevalente no Ocidente, que tende a perceber a África como um continente (por vezes, como um país!) uniforme marcado pela pobreza e miséria, frequentemente assolado por tragédias e fortemente dependente de organizações não governamentais. Além disso, essa interação revela um exibicionismo cultural, onde a mulher aparenta querer demonstrar seu conhecimento superficial e suas conexões caritativas, sem uma compreensão real ou respeito pela identidade e experiências de Darling.

Essas atitudes refletem um legado colonialista e uma percepção reducionista da África no imaginário ocidental. A mídia e a educação no Ocidente frequentemente contribuem para a perpetuação desses estereótipos, apresentando uma visão simplista e negativa do continente

africano. Essa visão estereotipada pode ter um impacto psicológico significativo sobre indivíduos diaspóricos, reforçando sentimentos de não pertencimento e alienação. Darling, ao ser confrontada com essas atitudes, é novamente lembrada de sua posição marginalizada na sociedade americana.

Outra perspectiva é que essas interações reforçam para Darling que essa situação é mais uma confirmação de seu status de *outra* na sociedade americana. Ao ser tratada como uma representante exótica de um continente único e problemático, suas experiências e identidades individuais são ignoradas e minimizadas sob um estereótipo abrangente. A mulher branca não vê Darling como uma pessoa com uma identidade e cultura ricas e complexas, mas como uma extensão dos problemas que ela associa a África. Podemos entender também que a interação é simbólica porque a mulher reduz Darling a uma representação genérica da África, ignorando sua individualidade. Isso reflete a tendência ocidental de homogeneizar identidades africanas e revela ignorância e preconceito, ao presumir que Darling conhece todos os problemas do continente. Essa interação reforça o sentimento de não pertencimento de Darling, destacando as dificuldades que pessoas da diáspora enfrentam ao tentar se integrar em uma nova cultura, sendo constantemente lembradas de sua “diferença”.

Esse momento nos remete quando Fanon nos faz refletir sobre a experiência de uma criança negra que, crescendo em uma família considerada normal, é vista como anormal ao entrar em contato com o mundo branco. Além disso, é abordada a questão do drama que é inerente aos países colonizados. Por exemplo, ao ingressar em uma universidade onde a maioria dos estudantes são brancos, um calouro negro assume uma postura defensiva desde o início. Pode-se argumentar que o negro pode não estar consciente disso enquanto sua existência decorre em meio aos seus, mas, ao primeiro olhar branco, ele sente o peso de sua melanina. Um ponto importante que Fanon expõe é a comparação entre a exclusão social enfrentada pelo judeu e pelo negro, pois, enquanto os judeus são vistos como uma ameaça por competirem com os franceses brancos não judeus, os negros são reduzidos à sua sexualidade. Segundo Fanon (2020, p. 172), o negro “ao que parece, faz sexo não importa o lugar nem a hora”. O autor questiona se essa visão exagerada da sexualidade negra pode ser uma ameaça para os brancos, devido a um sentimento de impotência e inferioridade sexual, mesmo que seja apenas uma ideia errada criada pela sociedade dominante. Sendo um dos fatores que priva o negro do reconhecimento de suas capacidades intelectuais e da possibilidade de contribuir socialmente através de seu intelecto.

A análise de Fanon destaca a complexidade das interações entre os indivíduos negros e brancos, evidenciando como a percepção do negro é moldada por estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade. Além disso, a comparação entre as formas de exclusão social enfrentadas pelo judeu e pelo negro ressalta a natureza multifacetada e profundamente enraizada do racismo e do preconceito racial, oferecendo *insights* cruciais para a compreensão das dinâmicas sociais e psicológicas envolvidas nas relações inter-raciais. Portanto, ao abordar as reflexões de Fanon sobre a experiência do homem negro no mundo branco, é essencial considerar a inserção do sujeito diaspórico negro nesse contexto, explorando como as questões de identidade, estigmatização e resistência se entrelaçam em suas vivências. As reflexões de Fanon proporcionam uma análise profunda sobre a dinâmica das relações entre negros e brancos e as influências socioculturais que moldam a percepção e a identidade do sujeito diaspórico negro.

### 3.2 A CONSEQUÊNCIA DO MOVIMENTO DIASPÓRICO: O NÃO PERTENCIMENTO

Segundo Hall, na era moderna, acreditava-se que a cultura nacional em que nascemos desempenha um papel central na formação de nossa identidade cultural. No entanto, o autor apresenta argumentos que contrapõem essa visão, argumentando que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (Hall, 2022, p. 30). Nesse contexto, o autor explora como a cultura do país funciona como um sistema de representação, afetando como nós nos percebemos e nos identificamos.

Um aspecto importante é que cada vez que Darling lembra de seu país, do bairro Paraíso e de seus amigos, uma dor estranha aperta seu coração. Podemos analisar essa dor no coração que Darling sente, não apenas como a saudade e a nostalgia, mas também como a desconexão e a busca por identidade. Essa sensação física de dor ao recordar do passado simboliza o peso emocional e psicológico da migração e do processo de adaptação a um novo ambiente cultural. Além disso, essa dor no coração pode ser vista como um símbolo da luta interna de Darling para reconciliar suas experiências passadas com sua vida presente nos Estados Unidos. Ela está dividida entre dois mundos, sentindo-se emocionalmente ligada ao seu país de origem, mas também tentando se integrar e encontrar um sentido de pertencimento em sua nova casa. Com isso, acompanhamos todo esse processo, a inocência nas comparações que ela faz entre sua vida atual e a vida que levava antes. Ela constantemente pensa em seus amigos, Godknows, Sbho,

Chipo e Bastard, imaginando o que eles fariam ou comentariam sobre suas experiências. Talvez eles pudessem compreender melhor o que se passava em sua mente. No entanto, essa inocência também revela uma espécie de ingenuidade ao se deparar com a realidade da América.

Darling, de início, também carrega a ilusão de que estar na América significa poder fazer realizar o seu sonho americano, um reflexo de suas expectativas e sonhos. Essa visão idealizada contrasta fortemente com as dificuldades e decepções que encontra, expondo a fragilidade de sua compreensão sobre a complexidade da nova vida que está tentando viver. No entanto, com o tempo, Darling vai crescendo e essa idealização torna-se algo distante dela, porque a América se torna mais dura e diferente daquela que Darling muitas vezes idealizou. Ao nomear o capítulo como “Minha América”, vemos a crua e real experiência de Darling após o ensino médio. A América de Darling é implacável e distante daquela que ela havia idealizado. Ela enfrenta uma realidade difícil, onde o sonho americano parece mais inalcançável do que nunca. Essa América apresentou a ela o peso do trabalho para aqueles que são imigrantes ilegais, o trabalho que drena suas forças e diminui suas esperanças:

Quando não estou limpando os banheiros ou ensacando compras, estou curvada sobre um grande carrinho como este, separando garrafas e latas com nomes como Faygo, Pepsi, Dr. Pepper, 7-Up, root beer, Miller, Budweiser, Heineken[...] (Bulawayo, 2014, p.221).

O sonho americano que Darling tinha se torna questionável frente à rotina opressiva e à falta de oportunidades que a rodeiam. Para TK, filho do tio Kojo, marido de tia Fostalina, a América significou servir ao exército e ser enviado ao Afeganistão. Para a tia Fostalina, a América se resume ao seu incansável trabalho de enfermeira e à sua obsessão em conquistar o corpo ideal da mulher americana, uma busca incessante e insatisfatória que revela as pressões e expectativas irreais da sociedade. O tio Kojo, mesmo após morar 32 anos nos Estados Unidos, ter feito faculdade, trabalhado e criado um filho, ainda não possui os papéis que lhe garantam status legal ou cidadania. Sua existência é marcada pela incerteza e precariedade, vivendo à margem de uma sociedade que nunca o reconheceu plenamente. Darling, por sua vez, vive com o terrível medo de passar a vida toda trabalhando como catadora de lixo, um destino que nunca imaginou para si mesma “Quando não estou trabalhando na loja, eu tenho que vir aqui, embora não goste da ideia de limpar a casa de outra pessoa, de arrumar as coisas de alguém, porque na minha cabeça não foi para isso que eu vim para a América” (Bulawayo, 2014, p. 231). Essa América não é a terra de promessas que ela vislumbrou enquanto estava em Harare, mas um lugar de decepções e lutas incessantes. Cada personagem enfrenta suas próprias batalhas, todas

refletindo as dificuldades e as duras realidades de serem imigrantes em um país que muitas vezes não corresponde às expectativas idealizadas.

Bulawayo apresenta novamente uma voz que compartilha essa vivência do sujeito diaspórico. Ela compartilha o medo, a incerteza, o cansaço e a saudade que compõem os imigrantes:

Choramos e choramos e eles se apiedaram de nós e disseram, Está tudo bem - está tudo bem, você está na América agora, e ainda assim choramos e choramos e choramos e eles nos deram umas coisinhas macias e disseram, Pegue um Kleenex, tome, e nós pegamos as coisinhas macias e colocamos no bolso para usar mais tarde e continuamos chorando, chorando como viúvas, chorando como órfãos (Bulawayo, 2014, p. 209-10).

Há aqueles que, como Darling, deixaram sua terra natal, cruzaram o oceano em busca de uma nova vida, com o desejo de ajudar os que ficaram para trás. O capítulo revela que essa escolha de partir não é feita com felicidade plena, mas carregada de medo e tristeza. A dor de deixar a terra mãe, incapaz de oferecer o necessário, pesa sobre seus corações. Viver uma vida miserável em sua própria pátria torna a despedida ainda mais difícil. É um adeus doloroso, impregnado de uma melancolia profunda, pois partir significa deixar para trás não apenas um lugar, mas uma parte de si mesmo. O romance revela que quando os sujeitos diaspóricos chegam, eles descobrem o quanto a América pode proporcionar a eles, para eles ninguém passa fome na América, já que haviam banquetes de comida ao ponto de comerem como porcos e aos mesmos tempos, comeram como reis “[...] comemos por toda a nossa fome passada, pelos nossos pais e irmãos e parentes e amigos que ainda estavam lá no nosso país” (Bulawayo, 2014, p. 210). Talvez, a chegada à América e a abundância de comida simbolizem a promessa inicial de prosperidade e a realização dos sonhos. Comer “como porcos” e “como reis” reflete tanto a voracidade causada pela privação passada quanto a tentativa de suprir a carência emocional e material deixada para trás. No entanto, com o tempo, os imigrantes percebem que seus sonhos não fazem parte do sonho americano, pois a América não os vê como seus:

Quando chegamos à América, pegamos os nossos sonhos, olhamos para eles com ternura, como se fossem crianças recém-nascidas, e os pusemos de lado; não os perseguiríamos. Nunca seríamos aquilo que queríamos ser: médicos, advogados, professores, engenheiros (Bulawayo, 2014, p. 212).

Os sonhos cuidadosamente guardados simbolizam as aspirações e esperanças que os imigrantes levam consigo, apenas para descobrir que a realidade americana não os acolhe como esperavam. A metáfora das “crianças recém-nascidas” representa a fragilidade e o carinho com

que esses sonhos são tratados, mas também a dura realidade de que não serão realizados, porque ao invés de estudarem, eles trabalham: “Nossos cartões de previdência social diziam Válido para trabalhar apenas com autorização do Serviço de Imigração e Naturalização, [...]. Abaixávamos a cabeça porque não éramos mais pessoas, agora éramos imigrantes ilegais ” (Bulawayo, 2014, p. 213). Esse trecho apresenta a tensão emocional e a marginalização enfrentadas pelos imigrantes. A transformação de “pessoas” em “imigrantes ilegais” destaca a desumanização e a perda de identidade que acompanham o status legal precário. O medo e a insegurança de serem descobertos permeiam suas vidas, refletindo a ansiedade constante sobre o que os americanos poderiam fazer com eles. A solução encontrada para lidar com essas incertezas é a busca por segurança na companhia de outros imigrantes, permanecendo próximos aos “seus”:

Os outros falavam línguas que não conhecíamos, adoravam deuses diferentes, comiam coisas que não atreveríamos a tocar. Mas assim como nós, tinham deixado sua terra para trás. Abriam suas carteiras para nos mostrar fotografias desbotadas da mãe cujo rosto tinha os mesmos vincos de preocupação das nossas próprias mães, irmãose irmãos de olhar sombrio como os nossos sonhos. Nunca tínhamos visto seus países, mas conhecíamos tudo o que estava naquelas fotos; não éramos completamente estranhos (Bulawayo, 2014, p.214).

É no contato com outros sujeitos diaspóricos que estes migrantes conseguem se sentir iguais. A igualdade só vem pela partilha de tristezas, de saudades, pelas lembranças, por tudo o que foi deixado. Não é com os americanos que os sujeitos diaspóricos se conectam. Após examinar os exemplos que constituem a noção de comunidade imaginada, Hall (2022) levanta questionamentos sobre a real unificação das culturas nacionais e das identidades nacionais, especialmente no contexto da diáspora. O autor argumenta que, na verdade, a maioria das nações modernas é composta por culturas distintas, que foram unificadas por meio de processos violentos. Nesse sentido, a diáspora revela a complexidade das identidades nacionais, uma vez que essas nações são caracterizadas por uma diversidade de classes sociais, grupos étnicos e de gênero. Eles não pensam em desistir; ao contrário, a realidade do imigrante é unir-se a outros de diferentes países, vivendo em prol da sobrevivência. Essa sobrevivência se caracteriza com trabalhos exaustivos e mal remunerados:

Trabalhos que corroíam os ossos da nossa dignidade, devoram a carne, lambiam a medula. Pegávamos ferros de passar escaldantes e alisávamos o nosso orgulho. Limpávamos privadas. [...] Trabalhávamos com máquinas perigosas, prendendo a respiração feito crocodilos debaixo d'água, nosso foco no dinheiro e nunca em nossas vidas. [...] Ficávamos doentes, mas não íamos

ao hospital, não podíamos ir a nenhum hospital. Engolíamos cada dor como uma pílula amarga, bebíamos cada medo como uma porção do amor, e trabalhávamos, e trabalhávamos (Bulawayo, 2014, p. 215).

Engolir a dor como uma pílula amarga simboliza o fato de que, assim como o sujeito precisa tomar um remédio ruim quando está doente, também precisa aceitar estes trabalhos mal pagos e pesados sendo um imigrante ilegal. Ser um imigrante ilegal nos Estados Unidos e viver dessa forma parece ser o único remédio possível para muitos sujeitos que não possuem perspectivas em seus países devastados pelas colonizações. Esse trecho tem uma simbologia extensa porque o sujeito diaspórico aceita essas condições, sabendo que o trabalho e o esforço não são apenas para ele, mas para todos os familiares que esperam a ajuda financeira dele. Ao sair do país, ele já se vê como responsável por seus pais e pelos mais velhos. Suas famílias enviavam pedidos e eles trabalhavam incessantemente para suprir as necessidades deles. Quando hesitavam em ajudar, seus familiares não entendiam a hesitação, já que eles estavam na América, onde todos têm dinheiro, pois era isso que eles viam na televisão. Há uma aceitação melancólica de que, provavelmente, nunca mais estarão com os seus familiares e amigos deixados para trás. Além disso, o que mais os assustam é quando eles têm seus filhos, pois:

[...] essas crianças - elas cresceram, e tínhamos de apertar os olhos para nos ver neles. Eles não falavam a nossa língua, não falavam como nós. [...] Quando nossos filhos tinham idade suficiente e falamos a eles sobre os nosso país, eles não imploravam que contássemos histórias da terra que havíamos deixado para trás. [...] pesquisaram no Google por um bom tempo [...], olharam para nós com algo entre piedade e horror e disseram, Caramba, você veio mesmo de lá? (Bulawayo, 2014, p. 219).

Eles entendiam que conforme seus filhos cresciam, a cultura, a tradição, o respeito pela história terminará com aqueles que saíram de seu país. Essa situação encapsula a dor dos imigrantes ao perceberem que, embora tenham migrado em busca de um futuro melhor para seus filhos, essa nova vida acarreta a perda de sua herança cultural, já que a diáspora envolve a dispersão de pessoas de uma localidade ancestral para várias regiões do mundo, resultando em desenraizamento e reconfiguração identitária. Muitos indivíduos diaspóricos compartilham o sentimento de que sua “terra” se tornou irreconhecível ou inacessível. Com isso, a tradição, a língua e a identidade que carregavam começam a desaparecer, deixando uma sensação de perda e desconexão que é difícil de remediar.

A narrativa de Bulawayo capta a essência das emoções humanas, ilustrando a dor, a resiliência e a determinação dos imigrantes, que enfrentam uma realidade dura e frequentemente hostil na América e ao mesmo tempo a saudade de pertencer e de se sentir

pertencido. Isso nos remete a Hall que nos faz refletir sobre as diferenças entre essas concepções e destaca que a compreensão de nós mesmos e de nossa identidade é um processo em constante fluxo, sujeito a transformações ao longo do tempo e das circunstâncias. Assim como aqueles que viviam como ela, Darling cada vez mais tornam-se distante de suas origens, sua identidade se perde em meio às influências que vivenciaram no decorrer do tempo, pois foram desafiados a reconfigurar essas identidades, negociando entre a preservação de suas raízes culturais e a assimilação dos elementos da nova cultura (Hall, 2022). Chegam ao ponto de acreditarem que não pertencerão a nem um lugar pós a morte: “Como não seremos adequados, os espíritos não virão correndo ao nosso encontro, e por isso vamos esperar e esperar e esperar – vamos esperar para sempre no ar como bandeiras de países desconhecidos” (Bulawayo, 2014, p.220). Seria esse o preço da longa jornada para estar em um novo país? Não pertencer a nada e sentir falta do que lhe foi pertencido? Parece que mesmo na morte, estarão desconectados, pois o sentimento de não pertencimento os transforma em ilhas, onde flutuam, mas não se conectam a nenhuma terra.

A obra de Bulawayo mostra como as identidades na diáspora não são estáticas, mas constantemente negociadas e reconstruídas. Hall (2022) destaca que as concepções do sujeito são mutáveis e possuem uma história própria, ilustrando esse processo com uma linha cronológica que enfatiza a morte do cartesianismo e menciona autores como Marx, Freud, Saussure e Foucault, cujas teorias influenciaram significativamente a compreensão do sujeito e sua identidade na sociedade. Segundo Hall, essa abordagem histórica permite uma compreensão mais aprofundada da complexidade do sujeito pós-moderno e de como suas identidades são construídas e negociadas em meio a um contexto descentralizado. A diáspora intensifica ainda mais esse processo de transformação identitária no mundo contemporâneo. Darling, por exemplo, enfrenta a difícil tarefa de conciliar sua identidade de origem com as novas realidades e desafios de viver em um país estrangeiro de forma irregular. Sua experiência encapsula a natureza fragmentada e fraturada da identidade na modernidade, conforme descrito pelos teóricos. No fim do romance, vemos o quanto o sentimento de desenraizamento e isolamento afeta Darling: “[...] olho para o meu quarto; parece completo, mas sinto que não estou, porque estou ocupada pensando na minha terra e a saudade é tanta que não consigo respirar” (Bulawayo, 2014, p.247). Ela exemplifica a reconfiguração identitária que ocorre na diáspora, onde existe uma sensação pesada que não irá passar. Portanto, a narrativa de Bulawayo destaca a dinâmica da identidade na diáspora, onde a saudade, a frustração e a busca por pertencimento são constantes, sendo uma consequência do movimento diaspórico.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação focou na análise da outremização e da formação de identidades dos sujeitos diaspóricos na obra *Precisamos de novos nomes*, de NoViolet Bulawayo, utilizando a teoria pós-colonial como base. A pesquisa visou contribuir para o debate do pós-colonialismo, abordando desde suas raízes históricas até as estratégias literárias e linguísticas utilizadas na resistência e na construção da identidade pós-colonial.

Através da análise da obra de Bulawayo, observou-se como a outremização se manifestou nas experiências das personagens, especialmente de Darling, tanto em Zimbábue quanto nos Estados Unidos. A narrativa evidenciou a dinâmica de outremização que permeava a sociedade zimbabuense, bem como as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes em um novo contexto cultural. A diáspora foi retratada como um processo de desenraizamento e reconfiguração identitária, onde as identidades foram constantemente negociadas e reconstruídas. A protagonista Darling foi uma personagem que migrou para os Estados Unidos não por interesse pessoal intrínseco, mas para fugir da pobreza, já que o Paraíso, o amontoado de zinco onde morava, refletia a baixa condição econômica e social do Zimbábue.

A obra de Bulawayo pôde ser enriquecida ao incorporar uma reflexão teórica sobre as estratégias de dominação e outremização que sustentaram o colonialismo. A centralização do colonizador e a marginalização do colonizado foram elementos-chave do discurso colonial, que se manifestaram por meio de oposições binárias. A opressão colonial, portanto, não foi apenas uma questão de domínio físico, mas também de controle simbólico e psicológico. A narrativa de Bulawayo revelou as complexas camadas de dominação que persistiram após a independência, evidenciando a necessidade de novas formas de pensar e narrar as experiências pós-coloniais para superar essas hierarquias impostas.

À luz da teoria pós-colonial, a outremização foi vista como uma estratégia de dominação, onde o discurso imperial fabricou o *outro* como sujeito inferior e sem história. A obra de Bulawayo exemplificou essa dicotomia e mostrou como os personagens resistiram e subverteram essas narrativas hegemônicas. Através da perspectiva da teoria pós-colonial, compreendeu-se que a outremização não foi um fenômeno limitado ao passado, mas uma realidade contínua que permeou as estruturas sociais e as relações de poder até os dias atuais. Essas estratégias não apenas desintegraram a cultura do sujeito colonizado, mas também perpetuaram desigualdades, marginalização e opressão.

A experiência diaspórica de Darling ilustrou a natureza fragmentada e multifacetada das identidades modernas, onde a noção de “lar” se tornou ambígua e o pertencimento foi constantemente negociado. A obra de Bulawayo mostrou como as identidades na diáspora não foram estáticas, mas constantemente negociadas e reconstruídas. Darling enfrentou a difícil tarefa de conciliar sua identidade de origem com as novas realidades e desafios de viver em um país estrangeiro de forma irregular. Sua experiência encapsulou a natureza fragmentada e fraturada da identidade na modernidade. Ao sentir-se desenraizada e isolada, ela exemplifica a reconfiguração identitária que ocorreu na diáspora, onde a noção de “lar” se tornou ambígua e o pertencimento se tornou uma questão de constante negociação.

Os resultados desta pesquisa destacam a importância da literatura pós-colonial como ferramenta para compreender e enfrentar as persistências da outremização na sociedade contemporânea. A obra de Bulawayo oferece uma contribuição significativa ao explorar temas de deslocamento e identidade, dando voz a personagens marginalizados e criticando tanto o colonialismo quanto o pós-colonialismo. Isso sublinhou a necessidade de reconhecer as vozes e experiências dos sujeitos marginalizados e a complexidade das identidades diaspóricas.

Em conclusão, esta dissertação contribuiu para uma compreensão mais profunda da outremização e da formação de identidades em sujeitos diaspóricos, ressaltando a importância da literatura como meio de reflexão e denúncia das situações ocasionadas pelo colonialismo. A obra *Precisamos de Novos Nomes* demonstra como a ficção pode revisitar legados históricos e discutir os efeitos das colonizações, oferecendo uma contribuição significativa para vozes subalternas, desafiando narrativas hegemônicas. Esta análise não apenas iluminou os processos de identidade em contextos pós-coloniais, mas também reforçou a relevância da teoria pós-colonial na compreensão das dinâmicas de identidade na diáspora. Sendo um romance de formação, tivemos a ideia de que, em Darling, houve a voz de uma criança, uma menina negra, que, apesar de tão jovem, refletiu questões comuns em sociedades contemporâneas, como a exploração decorrente da colonização, do racismo, da pobreza e da diáspora forçada para países brancos e racistas. Darling foi um microcosmo da situação de tantos sujeitos pós-coloniais tornados periféricos em países explorados, afetados pelo racismo, por questões culturais e pela necessidade de forjar uma nova identidade para garantir a própria sobrevivência.

Sendo uma autora e uma obra pouco conhecidas no Brasil, uma pesquisa como essa não encerra as discussões prementes sobre aspectos como os efeitos da colonização em países como o Zimbábue. Para futuras pesquisas, seria valioso explorar outras obras literárias e contextos culturais, além de integrar perspectivas interdisciplinares que possam aprofundar a

compreensão dessas dinâmicas. Trabalhos que tragam novas perspectivas acerca do romance, da literatura do Zimbábue, ou sobre as outras obras de NoViolet Bulawayo, ou até mesmo sobre a colonização e a pós-colonização para melhor aproveitamento de estudos relacionados ao Zimbábue e os efeitos da colonização no Zimbábue. A pesquisa realizada é atual, pelo fato de NoViolet Bulawayo ser pouco conhecida no Brasil, logo, essa pesquisa pode auxiliar trabalhos futuros acerca da autora e do país. Importa que conheçamos um país com efeitos de colonização, semelhantemente ao que ocorreu no Brasil, com a exploração de riquezas naturais, acarretando a miséria aos sujeitos colonizados e as gigantescas desigualdades sociais.

## REFERÊNCIAS

- ASHCROFT, B; GRIFFITHS, G; TIFFIN, H. (org). *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1995.
- ASHCROFT, B; GRIFFITHS, G; TIFFIN, H. *Key Concepts in post-colonial studies*. London: Routledge, 2000.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- BOAHEN, A. A. A África diante do desafio colonial. In: História geral da África, VII: *África sob dominação colonial, 1880-1935*. 3. ed. Brasília: UNESCO, Instituto Humanize, 2021, p. 2-22.
- BOAHEN, A. A. O colonialismo na África: impacto e significação. In: História geral da África, VII: *África sob dominação colonial, 1880-1935*. 3. ed. Brasília: UNESCO, Instituto Humanize, 2021, p. 919-950.
- BONNICI, T. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- BONNICI, T. *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.
- BONNICI, T. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2012.
- BRAH, A. *Cartographies of diaspora: Contesting identities*. London: Routledge, 1996.
- BULAWAYO, N. *Precisamos de novos nomes*. Trad. Adriana Lisboa. 1. ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.
- CHANAIWA, D. A África austral. In: MAZRUI, A; WONDJI, C. História geral da África, VIII: *África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010, p. 295-334.
- CHANAIWA, D. Iniciativas e resistências africanas na África meridional. In: História geral da África, VII: *África sob dominação colonial, 1880-1935*. 3. ed. Brasília: UNESCO, Instituto Humanize, 2021, p. 219-250.
- COHEN, R. *Global diaspora: an introduction*. Washington: UCL Press. 1997.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FUNAG. *O livro na rua: Zimbábue*. 1. ed. Brasília: Thesaurus, 2010.
- GONÇALVES, J. H. R. *Quem construiu o grande zimbábue?* Em torno do mito da incapacidade civilizadora dos povos africanos. *Diálogos*, v. 8, n. 1, 2004, p. 79-106.
- HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 103-133.

HALL, S. Diásporas, ou a lógica da tradução cultural. *Matrizes*, v. 10, n. 3, 2016, p. 47-58.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2023.

KANIKI, M. H. Y. A economia colonial: as antigas zonas britânicas. In: História geral da África, VII: *África sob dominação colonial, 1880-1935*. 3. ed. Brasília: UNESCO, Instituto Humanize, 2021, p. 437-484.

LOOMBA, A. *Colonialism/Postcolonialism*. 2. ed. London: Routledge, 2005.

MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MUDIMBE, V.Y. *A invenção de África*. Revista Concinnitas, v. 1, n. 16, 2010, p. 75-83.

MUDIMBE, V.Y. *A invenção de África: gnose, filosofia e ordem do conhecimento*. Ramada: Edições Pedagogo, 2013, p. 15-43.

NGUGI, WA THIONGO. The Language of African Literature. In: ASHCROFT, B; GRIFFITHS, G; TIFFIN, H. (orgs). *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995a, p. 285-290.

NGUGI, WA THIONGO. On the Abolition of the English Department. In: ASHCROFT, B; GRIFFITHS, G; TIFFIN, H. (orgs). *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995b, p. 438-442.

OPOKU, K. A. A religião na África durante a época colonial. In: História geral da África, VII: *África sob dominação colonial, 1880-1935*. 3. ed. Brasília: UNESCO, Instituto Humanize, 2021, p. 591-624.

PRATT, M. L. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru-SP: EDUSC, 1999.

SAID, E. Orientalism. In: ASHCROFT, B, GRIFFITHS, G; TIFFIN, H. (orgs). *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995, p. 87-91.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SPIVAK, G.C. Can the Subaltern Speak? In: ASHCROFT, B, GRIFFITHS, G; TIFFIN, H. (orgs). *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995, p. 24-28.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TIFFIN, H. Post-colonial Literatures and Counter-discourse. In: ASHCROFT, B, GRIFFITHS, G; TIFFIN, H. (orgs). *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995, p. 95-98.

UZOIGWE, G.N. A partilha europeia e conquista da África: apanhado geral. In: História geral da África, VII: *África sob dominação colonial, 1880-1935*. 3. ed. Brasília: UNESCO, Instituto Humanize, 2021, p. 22-50.